


Série Arte Popular, Cultura e Poesia

IMAGINAÇÃO político-viral: os primeiros meses da pandemia



Nathália dos Santos Silva
Frederico Viana Machado
Handerson Joseph
Vi Grunvald

ORGANIZADORAS



A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa das vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br



ORGANIZADORAS
Nathália dos Santos Silva
Frederico Viana Machado
Handerson Joseph
Vi Grunvald

Série Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde

IMAGINAÇÃO político-viral: os primeiros meses da pandemia

1ª Edição
Porto Alegre
2023



Coordenador Geral da Associação Rede UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Ricardo Burg Ceccim, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Denise Bueno, Maria das Graças, Frederico Viana Machado, Márcio Mariath Belloc, Karol Veiga Cabral, Daniela Dallegrave.**

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);
Alcindo Antônio Ferla (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Àngel Martínez-Hernáez (Universitat Rovira i Virgili, Espanha);
Angelo Stefanini (Università di Bologna, Itália);
Ardigó Martino (Università di Bologna, Itália);
Berta Paz Lorido (Universitat de les Illes Balears, Espanha);
Celia Beatriz Iriart (University of New Mexico, Estados Unidos da América);
Denise Bueno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Emerson Elias Merhy (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil);
Èrica Rosalba Mallmann Duarte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Francisca Valda Silva de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil);
Heïder Aurélio Pinto (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil);
Izabella Barison Matos (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);
João Henrique Lara do Amaral (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil);
Júlio Cesar Schweickardt (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil);
Laura Camargo Macruz Feuerwerker (Universidade de São Paulo, Brasil);
Leonardo Federico (Universidad Nacional de Lanús, Argentina);
Lisiane Bôer Possa (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil);
Liliana Santos (Universidade Federal da Bahia, Brasil);
Luciano Bezerra Gomes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil);
Mara Lisiane dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);
Márcia Regina Cardoso Torres (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil);
Marco Akerman (Universidade de São Paulo, Brasil);
Maria Augusta Nicoli (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália);
Maria das Graças Alves Pereira (Instituto Federal do Acre, Brasil);
Maria Luiza Jaeger (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil);
Maria Rocineide Ferreira da Silva (Universidade Estadual do Ceará, Brasil);
Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal do Pará, Brasil);
Quelen Tanize Alves da Silva (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil);
Ricardo Burg Ceccim (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Rodrigo Tobias de Sousa Lima (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil);
Rossana Staeve Baduy (Universidade Estadual de Londrina, Brasil);
Sara Donetto (King's College London, Inglaterra);
Sueli Terezinha Goi Barrios (Associação Rede Unida, Brasil);
Túlio Batista Franco (Universidade Federal Fluminense, Brasil);
Vanderléia Laodete Pulga (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);
Vera Lucia Kodjaoglianian (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil);
Vera Maria da Rocha (Associação Rede Unida, Brasil);
Vincenza Pellegrini (Università di Parma, Itália).

Comissão Executiva Editorial

Alana Santos de Souza
Jaqueline Miotto Guarnieri
Camila Fontana Roman

Arte Capa | Projeto Gráfico | Diagramação
Lucia Pouchain

Imagem Capa
Fotos de Marcelo Schellini

Imaginação político-viral: os primeiros meses da pandemia/ Organizadores: Nathália dos Santos Silva; Frederico Viana Machado; Handerson Joseph e Vi Grunvald – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2023.

249 p. (Série Arte Popular, Cultura e Poesia, v. 8. Subsérie Literatura e Saúde Pública, v.3).
E-book: 16.00 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-044-4

DOI: 10.18310/9786554620444

1.Literatura. 2. COVID-19. 3. Pandemia. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WZ 350

CDU 614:82

Catalogação elaborada pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



Sumário

PREFÁCIO 1	10
PREFÁCIO 2 MUITA PROTEÇÃO E SAÚDE A VC E SUA FAMÍLIA	12
INTRODUÇÃO IMAGINAÇÃO POLÍTICO VIRAL NOS PRIMEIROS MESES DA PANDEMIA	20
1 ISOLAMENTO SOCIAL, TRABALHO, MEDO, CANSAÇO	31
O PASTELEIRO E A PANDEMIA – UMA HISTÓRIA ESSENCIAL SOBRE O FIM DE UM TRABALHO	32
QUERIA QUE A GENTE SE ABRAÇASSE.....	38
FRAGMENTOS DE UM SONHO INFECTADO	40
SIGO ASSIM... SENDO PSICÓLOGA EM TEMPOS DE CRISE MUNDIAL	43
CARTAS DE UM PUERPÉRIO EM QUARENTENA (S/ NÚMERO).....	45
DIÁRIO DE UMA MÃE EM ISOLAMENTO COM TRÊS FILHOS (19/04/2020).....	47
SUPERMÃES, SUPERPROFESSORES E SUPERALUNOS EM TEMPOS DE PANDEMIA	56
PANDEMIA, ENSINO E CURRÍCULO.....	60
“TEM DIA QUE EU ME SINTO COMO OS MÚSICOS DO TITANIC” – ENTREVISTA COM DANIEL ALBINATI	63
2 SE PUDER, FIQUE EM CASA	69

VIDA DE APARTAMENTO, EXPERIMENTANDO ETNOGRAFIA E SOM	70
#INDIAN.QUARANTINE.TALES	77
EU VIVO UMA FICÇÃO CIENTÍFICA.....	97
GOVERNO DE SI EM TEMPOS PANDÊMICOS.....	101
QUARENTENA CONTRA-ANTHROPOLOGICAL BLUES	103
SÉRIE DIÁRIOS NA PANDEMIA.....	110
diário na pandemia – 1	110
diário na pandemia - 2.....	112
diário na pandemia - 3.....	113
diário na pandemia - 4.....	114
diário na pandemia - 5.....	115
diário na pandemia – 6.....	117
diário na pandemia - 7.....	119
diário na pandemia – 8.....	121
diário na pandemia – 9.....	123
diário na pandemia - pós escrito	125
“NO DESACELERAMENTO É QUE ME SURTIU O CONCEITO DA SIMPLEXIDADE”, ENTREVISTA COM MAY EAST	126
3 PRESENTE, FUTURO, ÁGUA E SABÃO: TEMPOS E EPIDEMIAS.....	141
PASSANDO A LIMPO.....	142
O PRESENTE INOMINÁVEL (OUTONO DE 2020 A OUTONO DE 2021)	144
CONTÁGIO: REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS.....	147
CARTAS PANDÊMICAS (DO FUTURO DO PRESENTE PARA O FUTURO DO PRETÉRITO)	152
Apresentação	153

Porto Alegre, 14 de junho de 2020	155
Nova Iorque, 18 de Junho de 2020.....	158
Nova Iorque, 27 de junho de 2020.....	164
Porto Alegre, 30 de junho de 2020.	169
“ESTOU AFLITO COM AS FALTAS QUE CAUSAM ESTA EPIDEMIA” - ENTREVISTA COM WAGNER SCHWARTZ	177
4 VÍRUS, MUNDOS, MORTES, LUTOS: DOS TOTALITARISMOS ÀS FABULAÇÕES SOBRE O FIM DO CAPITALISMO	188
O CHORO SEM LÁGRIMAS	189
MUNDOS, VIDA E VIDAS EM JOGO >> FABULAÇÕES SOBRE QUARENTENA E IMAGINAÇÃO.....	192
A SABEDORIA DA PUREZA.....	199
IN-VERSUS	201
AS INESPERADAS VIRTUDES DO CAMALEÃO.....	204
SOBRE A QUARENTENA DO PENSAMENTO.....	208
EMBALOS PANDÊMICOS DE UM SÁBADO À NOITE.....	212
O “CORONA” E A FÊNIX: UM GOLPE TRAUMÁTICO AO CAPITALISMO?.....	216
O VÍRUS É UM UNIVERSO	221
TRABALHAR O SUBSTANTIVO.....	224
PRECISAMOS NOS REINVENTAR COMO ESPÉCIE OU SEREMOS EXTINTOS - ENTREVISTA COM JOHANN HEYSS	227
POSFÁCIO DE UM NOVO VÍRUS E SUAS IMPOSIÇÕES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DA VERTIGEM-19	235
SOBRE OS AUTORES.....	244



Foto e colagem: Suia Omim



PREFÁCIO 1

Wagner Schwartz¹

Escrever é um verbo de ação.
Às vezes, é preciso redigir um livro em múltiplas
vozes quando agir exige grande esforço.
Precisamos de ajuda para enxergar o entorno tal qual
ele é, tal qual poderia ser, tal qual queríamos que fosse.
Entre o real, a esperança e a frustração vemos
crescer este Eu-finito, - desamparado.
A escrita assume o espaço de companhia,
chama para a conversa outros leitores à procura
daquilo que autores veem, falam, discorrem.
Aos poucos, ou melhor, anos depois,
séculos talvez,
uma pequena comunidade se forma
ao redor de um tema, garantindo ao Eu-sozinho,
alguns amigos.
É preciso esperar,
saber que a escrita pertence a esse tempo
em trânsito, descontextualizado.
A urgência afeta a leitura; não o que está
escrito. O que foi dito permanece — será ouvido
um dia. Resta saber se estamos preparados
para criar algo para o depois, ou se esta necessidade
do agora toma conta de nossos sentidos.
Neste livro, no entanto, podemos notar
a necessidade dos autores em participar

¹ Após a sua formação em letras, Wagner Miranda Schwartz participa de grupos de pesquisa e experimentação coreográfica na América do Sul e na Europa. Atua como escritor e performer, tendo recebido diversos prêmios.

do espaço-tempo-de-todos de maneira autoral:
recusam satisfazer o querer de quem obedece,
apresentam-se como participantes de um núcleo
agente, em detrimento das imposturas
que insistem em agir sobre nós.

Paris, julho 2022



PREFÁCIO 2

MUITA PROTEÇÃO E SAÚDE A VC E SUA FAMÍLIA

Vítor Queiroz¹

Tive que ir para Porto Alegre, por outros motivos, na semana imediatamente anterior ao agravamento da crise causada pelo Coronavírus no Brasil. Entre a minha partida, no dia 8 de março de 2020, e minha volta para Campinas – onde morava naquele momento – telefonei para alguns pais-de-santo gaúchos, encontrei-os, li muita coisa, dormi pouco, assisti a uma audiência pública sobre o destino do Mercado Público da cidade na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e ainda percorri o centro da capital gaúcha em dias sucessivos e em diversos sentidos, na companhia de alguns religiosos e de outros membros da comunidade negra local. A abertura simultânea de tantos caminhos e o ímpeto com o qual esse campo improvisado emergiu me impressionaram. Voltei pra casa, em contraste, junto com o fechamento de tudo e as primeiras medidas de isolamento social. Se as passagens aéreas tivessem sido agendadas para a semana seguinte, minha viagem sequer existiria e esta etnografia ainda não teria começado.

Dois dias depois, Pai Paulinho de Xoroquê, um dos sacerdotes que havia conhecido nesse período, enviou-me pelo WhatsApp uma fotografia com múltiplas estátuas de Obaluaê, orixá das doenças e da cura, e de outras entidades relacionadas a ele. As imagens, dispostas num dos cômodos do seu terreiro, vinham acompanhadas por uma benção. Reproduzo-as tal como as recebi:

1 Professor adjunto do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. Coordenador do Núcleo de Estudos da Religião (NER) e integrante do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT). Dedicou-se ao estudo dos seguintes temas: mitos, arte, patrimônio, memória, território e questões étnico-raciais. É mestre em História Social pela Universidade Estadual de Campinas e doutor em Antropologia Social pela mesma universidade.



Estátuas de Obaluaê, São Roque, São Lázaro e dois Pretos Velhos no Ilê Axé Ogunjá Agadá, terreiro de Pai Paulinho. Imagem recebida via WhatsApp em 18/03/2020 (captura de tela).

Desta forma, além de preocupar-se com a minha saúde e de ser gentil, Pai Paulinho reforçava nosso vínculo recém-estabelecido e mantinha as portas de sua *casa* abertas para mim. Em seguida, entrei em contato com meus outros parceiros humanos de pesquisa, apenas para saber como eles estavam. Para minha surpresa, dessas mensagens rápidas de WhatsApp, surgiria uma fase nova e movimentada da pesquisa. Por outro lado, planejava ir a Santo Amaro em maio, para assistir ao meu primeiro Bembé e começar meu trabalho de campo por lá. Este segundo plano de viagem tornava-se cada vez mais irrealizável à medida que as semanas iam passando.

Não poderia começar este prefácio de outra forma, apesar da estranheza. Essa é ou, pelo menos, já foi uma história pessoal como aquelas que vocês terão acesso daqui a poucos minutos. Paradoxalmente publiquei algo tão íntimo que tinha a ver, naquele momento, com o concurso que havia feito na Universidade

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a iminência de uma mudança de cidade que se atrasaria por longos meses, o início de uma pesquisa, as emoções geradas por tantas novidades e, pairando sobre tudo isso, a ameaça da pandemia da Covid-19.

Ao selecionar um trecho desse relato que mal disfarcei no meio de uma descrição etnográfica e que foi publicada num livro (QUEIROZ, 2020), agora me dou conta de uma obviedade. Escrever aquilo era um jeito de lidar não só com a pandemia, mas com todas as preocupações que me inquietavam naquele momento. Nas palavras do recém-falecido Bruno Latour, era uma maneira de transferir os pavores através da manipulação de forças, entidades e amuletos (LATOURE, 2002). Por outro lado, fazer confissões para um público amplo, para leitores anônimos, transeuntes desconhecidos ou eventuais companheiros de viagem é bem menos difícil. A sala de cinema lotada foi um dos substitutos do divã no século passado, hoje é provável que os mais diversos ambientes *online* desempenhem o mesmo papel transferencial.

O livro que passa diante de seus olhos neste momento trata-se de uma coletânea dos trabalhos publicados originalmente no blog AntropoLÓGICAS Epidêmicas. O blog, idealizado por alunos e professores dos programas de pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) e Saúde Coletiva (PPGCOL) da UFRGS, ganhou corpo durante o período mais inacreditável da pandemia. Desde as primeiras semanas de emergência sanitária, a proposta deste condomínio virtual era promover um espaço para compartilhar, exercitar e incentivar a imaginação etnográfica, sociológica e política sobre aquele momento crítico. Entre 2020 e 2021, foram publicadas no blog análises acadêmicas, teóricas e analíticas, mas também relatos literários, artísticos e experimentações textuais, visuais e sonoras inéditas. A seção intitulada “Imaginação político-viral”, que dá nome a esta publicação, foi destinada a esses experimentos.

É curioso notar, nesses textos de reação imediata a uma série de acontecimentos extraordinários, muitas semelhanças com anseios distantes no tempo e no espaço junto a alguns ecos de coisas velhas, deixadas pelo caminho. De certo modo, não conseguindo sepultar condignamente tantos mortos, talvez tenhamos voltado a cultivar formas de convívio e expressão há muito esquecidas. Além da ressonância de um clássico homônimo de Georges Balandier (BALANDIER, 1976) – que, por sua vez, referia-se ao in-terminável *magnum opus* de Claude Lévi-Strauss – constante no próprio título do blog original, com suas

criações artísticas e seus depoimentos o “Imaginação político-viral” desenterra, para ficar apenas em alguns poucos exemplos, a narrativa epistolar e a recriação do cotidiano, seja a partir de pormenores domésticos, seja por meio de aventuras cheias de revezes fortuitos e intempestivos descritas em primeira pessoa.

Lembremos que ambas as possibilidades editoriais estão intimamente ligadas à popularização e conseqüentemente ao estabelecimento definitivo do romance moderno na Europa distante do século XVIII. Na casa do lado, o filósofo natural fazia seus cálculos com o intuito de decifrar a máquina do mundo, enquanto outros saíam pelos bosques tentando equilibrar experimentalmente percepções objetivas e sentimentos interiores. Todos eles não passam de bibliografia especializada e de reconstrução histórica hoje. Porém, através de um número grande, mas limitado de metamorfoses, seus livros e suas teorias políticas concorrentes foram capazes de produzir uma série de efeitos em cascata que vão do sujeito individual moderno, detentor de direitos, à casa burguesa, dos dramas familiares de Freud à voga neo-cavaleiresca dos romances comerciais contemporâneos.

É claro que este livro não exuma sozinho tantas ossadas antigas. Antes dele os blogs e, em seguida, as redes sociais já haviam retomado o espírito do romance epistolar e da pormenorizada exibição do dia a dia. Lateralmente, a esse livro somam-se vários outros que também foram produzidos durante o pior momento da pandemia e que trazem, em arranjos diversos e dosagens variadas, este mesmo conjunto de questões. A título de exemplo, nos contentemos com o mais recente deles, a coletânea Casa-Mundo, organizada por Heloísa Pontes e Camila Gui Rosatti, que acaba de ser editada pela Papéis Selvagens. Estamos indo longe demais? É provável. Se, no entanto, seguirmos a intuição de Lévi-Strauss, que neste caso citava o Marx do 18 de Brumário, os mitos, os processos históricos de média e longa duração ou mesmo as relações que somos capazes de constituir nos constituem, tendo uma espécie de precedência lógica paradoxal sobre nós mesmos. O tempo, com seus fragmentos, e os sonhos, os santos e os espíritos, nossos amigos e antagonistas, se pensam nos homens e à sua revelia (LÉVI-STRAUSS, 2004). As contradições sociais e os vírus também.

De uma forma ou de outra, publicações como estas voltam-se, significativamente, para o espaço doméstico, ou melhor, para tudo aquilo que se pode perceber a partir desse ponto tão fulcral quanto corriqueiro de nossa

existência. A “máquina de morar” do arquiteto modernista Le Corbusier é, pela via da metáfora, também uma máquina de produção de assimetrias de gênero, de fazer pão, de quebrar pratos, de ferir-se e de sonhar ou, pela via da metonímia, um olho mágico. A planta do apartamento da página 73, rabiscada numa folha de caderno por Rafael Bezzon para fechar um experimento com áudios e fotografias, é bastante eloquente neste sentido. Os casos emblemáticos e as contradições que vocês verão aqui, que vão de um puerpério vivido durante o isolamento social à aposentadoria involuntária de um trabalhador, passando pela negligência escandalosa do governo brasileiro e pelas cabeças cortadas – e logo multiplicadas exponencialmente – dessa hidra moderna que é o capitalismo.

A pandemia da Covid-19 nos forneceu, além de dezenas de pesquisas das outras ciências – que passaram a se preocupar mais com a ergonomia ou com sentidos normalmente ignorados como o olfato e o paladar, após a supressão de ambos pelos efeitos colaterais do Coronavírus –, um exemplo tristemente paradigmático de um conceito-chave da nossa disciplina antropológica e sociológica: o fato social total maussiano. (Prometo que não vou elencar mais nenhum intelectual francês, para este prefácio não virar uma sucursal da *academie* nos trópicos!). A antiga seção “Imaginação político-viral” do AntropoLÓGICAS Epidêmicas foi motivada, afinal, pelas seguintes indagações que praticamente definem tal conceito e, de quebra, ainda atualizam outras ideias de do velho Marcel Mauss, sobre, por exemplo, a relação fundamental entre as categorias do espírito e a realidade vivida: “Que mundos possíveis, ao mesmo tempo imaginários e reais, são presentificados pelo que atravessamos? Se sonhos e imaginação são parte fundamental da realidade, que cenários e ideias são projetadas por um momento cuja força se imprime em todos os aspectos de nossa vida?”

O mesmo Marcel Mauss, entretanto, já ressaltava, ao falar da economia pessoalizada da dádiva, que abstrações, como o direito, a grande guerra, o mercado financeiro e uma pandemia não existem de fato. “O que é verdadeiro”, dizia ele, “é o melanésio de tal ou tal ilha” (MAUSS, 1925). Em outras palavras, houve, e infelizmente ainda haverá por um tempo indeterminado, apenas uma Covid-19, um colapso sanitário e um isolamento para cada um de nós. Os fatos sociais só ocorrem de forma imanente, expressando-se através de nossos sentidos e nossas razões. Evidentemente, a tônica deste livro multimídia digital recai sobre

a experiência íntima, insubstituível, de seus escritores, realizadores áudio-visuais e cibernautas. O montante dessas perspectivas únicas e paralelas, cujas recorrências e ressonâncias você poderá apreciar em breve, toma aqui a forma de poemas, diários, ensaios fotográficos, colagens, vídeos, contos de ficção e outros trabalhos que, em diferentes mídias e formatos, expressaram e refletiram sobre parte do que foi vivido e sentido nos primeiros meses de pandemia.

As Cartas Pandêmicas que figuram na terceira parte do livro, “Presente, futuro, água e sabão: tempos e epidemias”, que foram trocadas por vários autores e que depois foram divididas conosco têm um subtítulo significativo: “do futuro do presente para o futuro do pretérito”. Tais mensagens curtas, atravessadas pela mobilização política *queer* conectam dois lugares distantes, Porto Alegre e Nova York e, pelo menos na minha lembrança de leitor e professor, dois autores tão distintos quanto o melanésio Andrew Moutu (2007) e Judith Butler (2003). Apesar de refletirem sobre questões diversas, ambos enfatizam e fazem um elogio tocante à nossa vulnerabilidade e interdependência. Tive que utilizá-los também como amuletos nos primeiros cursos que dei na UFRGS, ainda de forma remota e emergencial, com a sirene das ambulâncias ecoando pelo apartamento recém-alugado e ainda sem móveis.

Somos feitos, afinal, de laços e as conexões insuspeitas ou não diretamente visíveis entre nosso corpo e nossas lembranças, nossos anos de formação e nossos antepassados devidamente distribuídos, perdidos ou recuperados nas coisas que amontoamos e no silêncio que nos cerca. Aquilo que chamamos equivocadamente de indivíduo ou de sujeito não seria, na verdade, um formigueiro de afetos diferenciais, desvios e efeitos reciprocamente repercutidos, um amontoado de outros seres vivos e revividos? Nossos novos companheiros virtuais, os mesmos das Cartas Pandêmicas escreveram, aparentemente em concordância comigo: “Tenho certeza de que se meus amigos não existissem, eu os inventaria”. Páginas depois, para reforçar a mensagem, desdobrando-a indefinidamente, aparece uma variante dessa mesma frase num lambe-lambe de rua que, antes de ser fotografado pelos autores, deve ter sido espalhado de forma anônima, rápida e em série pelos bairros centrais da capital gaúcha.

Nas Antropo-lógicas, Balandier compara alguns exemplos daquilo que Lévi-Strauss chamava de máquinas de anular o tempo (LÉVI-STRAUSS, 2004) – ou seja, os mitos, mas também os ritos, a historicidade e a produção da memória –

em sociedades europeias e oeste-africanas. Nosso autor, injustamente esquecido, argumenta que todos esses tipos de ação mais ou menos padronizada, de trabalho humano cuja matéria-prima é o próprio tempo, terminam por esconjurar momentaneamente a desordem, em cada caso considerado, ao tentarem equilibrar as relações sempre instáveis entre as tradições, as grandes narrativas de origem e o acúmulo de eventos inesperados. No fim das contas, a vida em sociedade varia continuamente, indo do blefe audacioso ao museu vivo que se reproduz ou se transforma por meio de um punhado de cerimônias. A imaginação social, seja ela particular ou coletiva, é necessariamente política, sem deixar de ser absolutamente concreta. É por meio dela afinal que, operando dialeticamente entre a lógica ritual e o imprevisto, nós humanos podemos agir, criar e exercer nosso poder limitado sobre as vicissitudes que nos rodeiam.

Contudo, para Lévi-Strauss os modelos ideais de tais máquinas que nos permitem conquistar parcialmente a vida eterna eram a música e as máscaras dos dançarinos da América indígena. O resto temos que deixar na mão dos deuses, dos mortos ou dos cientistas e pais-de-santo que nos oferecem seus prestimosos, mas incertos serviços de mediação. Nesse período imenso e pavorosamente estranho da pandemia da Covid-19, que achamos que passaria em poucas semanas e ainda não terminou, fomos todos privados da maioria dessas tecnologias imprescindíveis de cura. Se não tivemos os rituais adequados, pelo menos pudemos pensar em iniciativas como essa. Que este livro multimídia sirva para lembrarmos daquilo que deixou de acontecer.

Para concluir, acrescento à esta coletânea um poema curto e delicado de uma poetisa antiga. Talvez ele consiga nos conduzir de volta para casa e para o caráter intimamente compartilhado das próximas páginas com seu lirismo triste. Acho que hoje, quase três mil anos depois, conseguimos entender melhor o desamparo desses versos de Safo. Com a visão turvada pelos fracos sinais emitidos por Héspero, a estrela da tarde, façamos silêncio por todos aqueles que nunca mais abrirão suas portas para ninguém e aproveitem, com a brandura dos sobreviventes, as histórias que virão:

*Héspero, tu juntas tudo
quanto dispersa a luminosa Aurora,
trazes a ovelha, trazes a cabra,
só à mãe não trazes a filha.*

Dezembro de 2022

Referências

- ANDRADE, E. de (ed.). **Poemas e fragmentos de Safo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2021 (1987).
- BALANDIER, G. **Antropo-lógicas**. São Paulo: Cultrix, 1976 (1974).
- BUTLER, J. **Violencia, luto y política**. Íconos, 17, 2003.
- LATOURET, B. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Florianópolis: EDUSC, 2002 (1996).
- LÉVI-STRAUSS, C. **O Cru e o Cozido (Mitológicas I)**. São Paulo: Cosac Naif, 2004 (1964).
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva (1925). In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003(1950).
- MOUTU, A. Collection as way of being. In: HENARE, A.; HOLBRAAD, M.; WATELL, S. (ed). **Thinking through things**. Londres/ Nova York: Routledge, 2007.
- QUEIROZ, V. Com a nossa ancestralidade e os orixás: fazendo pesquisa com o povo de axé nos tempos do Coronavírus. In: CASTRO, B. (org.). **Covid-19 e sociedade: ensaios sobre a experiência social da pandemia**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2020.



INTRODUÇÃO

IMAGINAÇÃO POLÍTICO VIRAL NOS PRIMEIROS MESES DA PANDEMIA

Frederico Viana Machado¹
Nathália dos Santos Silva²
Handerson Joseph³
Vi Grunvald⁴

No mês de março de 2020, quando o Brasil começou a implementar medidas de enfrentamento ao novo coronavírus, dentre elas o isolamento social, um estado profundo de perplexidade tomou conta da população. Na universidade não foi diferente. Subitamente fomos impedidos de ministrar aulas e fazer pesquisas de campo. Isto passaria por adaptações ao modo online, mas naquele momento, se tornou urgente a necessidade de compreendermos mais profundamente a situação social e as transformações que estávamos vivendo. A crise nos afetou, e segue afetando, em nossos corpos e campos de atuação, mas as implicações desta pandemia foram vividas de forma muito desigual e diversa.

Como uma forma de responder a esse contexto, criamos o site AntropoLÓGICAS Epidêmicas no dia 27 março de 2020, com o objetivo de difundir as produções acadêmicas e não acadêmicas sobre as urgências sociais e sanitárias provocadas pela pandemia de Covid-19. Neste contexto, algumas questões motivaram nosso projeto: durante os primeiros meses da emergência em saúde pública, que reflexões foram produzidas sobre a origem, os impactos e os desdobramentos da pandemia? Como o Covid-19 foi conhecido, pensado e sentido? O que foi relatado? Que perguntas fizemos, a quem e de que maneiras?

1 Doutor em Psicologia pela UFMG e Professor do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS

2 Mestre em Comunicação Social na UFRGS e doutoranda em Antropologia Social na UFRGS

3 Doutor em Antropologia Social pela UFRJ e Professor do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS

4 Doutora em Antropologia Social pela USP e Professora do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS

Em que medida o diálogo entre as áreas da saúde e das ciências sociais podem nos auxiliar na compreensão das múltiplas escalas da pandemia? Que discursividades foram abertas pela crise do novo coronavírus, quando o cotidiano, o trabalho, as relações pessoais e sociais, as formas de comunicação e mobilidade, os valores individuais e coletivos, as noções de soberania, de verdade, isto é, tudo, de alguma maneira, passou a ser contaminado pela Covid-19?

Além disso, a pandemia veio acompanhada da chamada “infodemia”: o intenso e conflitante fluxo de informações sobre a pandemia, desde notícias jornalísticas, análises e comentários especializados e não especializados a mensagens encaminhadas pelas redes sociais, principalmente pelo WhatsApp, pelo Facebook e pelo Twitter, pronunciamentos de autoridades públicas, *lives*, pesquisas científicas e outros materiais de divulgação. Nesse contexto, nosso esforço editorial também buscou situar o debate qualificado sobre o tema.

Assim, o projeto buscou registrar, analisar, interpretar e incentivar essa imaginação (auto)etnográfica, sociológica e política sobre a pandemia de Covid-19, promovendo a difusão em ciência e tecnologia situado na interface entre os campos da Saúde Coletiva e das Ciências Sociais, elaborado por um grupo de professores e estudantes de pós-graduação ligados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e à Universidade de São Paulo (USP). Nasceu da percepção de que muitas pessoas estavam escrevendo diferentes tipos de relatos, análises e testemunhos sobre o que estão vivendo e pensando com a crise mundial instaurada pelo novo coronavírus. Desde então, passou a reunir reflexões, análises, relatos, ensaios e experimentos multimídia que abordaram a situação política, econômica, social e epidemiológica ligada à crise do coronavírus em suas múltiplas configurações.

O projeto antropoLÓGICAS EPIDÊMICAS reuniu uma pequena amostra de fragmentos de uma imaginação (auto)etnográfica, sociológica e política sobre a pandemia durante seus primeiros meses, a partir de corpos e contextos singulares. A iniciativa reflete a expectativa de uma ciência social articulada não só para além muros, mas também atenta às novas discursividades e formas de expressão abertas pela Covid-19. O antropoLÓGICAS EPIDÊMICAS apostou no estabelecimento de pontes entre a universidade e a pluralidade das formas de se produzir conhecimento presentes na sociedade, articulando atores, a escrita criativa, a expressão artística e o pensamento transdisciplinar.

Através do trabalho coletivo e da coordenação horizontal entre alunos e professores, a equipe editorial realizou convites diretos à publicação, produziu entrevistas, divulgou chamadas de trabalhos e recebeu, avaliou e publicou, em fluxo contínuo, uma série de contribuições originais e traduções inéditas, além de ter republicado e compilado materiais produzidos por instituições parceiras ou disponíveis ao acesso público. A proposta editorial fomentou a produção de textos acadêmicos, teóricos e analíticos, mas também entrevistas, relatos pessoais, literários, experimentações com diversas modalidades de registro etnográfico (textuais, visuais, sonoras), tendo publicado autoetnografias, contos, poemas, diários, produções seriadas, ensaios fotográficos, ensaios multimídia (que mesclam foto, vídeo, áudio e texto) e outros materiais produzidos no Brasil e em outros países.

O projeto esteve voltado para a sociedade em geral e atraiu profissionais de saúde, estudantes e comunidade universitária, cientistas sociais e pesquisadoras, bem como artistas interessadas na proposta. A versatilidade, celeridade e flexibilidade do formato blog permitiu um processo editorial dinâmico e criativo, mas sem abrir mão de critérios acadêmicos mínimos de revisão. Embora a avaliação do material não tenha sido rigorosa e sistemática como ocorre nos periódicos científicos, a comissão editorial revisou as publicações, incentivando o aprimoramento dos trabalhos, mas de forma sensível à urgência que os debates em curso necessitavam.

Passada a perplexidade dos meses iniciais, notamos que diversos periódicos começaram a organizar dossiês sobre o tema e vários canais de comunicação foram sendo criados para dar vazão à informação produzida sobre a pandemia. Além disso, se no começo as reflexões precisavam de um fluxo rápido de circulação para ideias exploratórias e debates em construção, aos poucos notamos o amadurecimento destas produções. Interrompemos as publicações no final de outubro de 2020, compreendendo que o projeto havia cumprido sua missão. O acervo produzido segue disponível e tem sido amplamente acessado, contando atualmente com cerca de 1000 acessos por mês, com leitores das mais variadas regiões do Brasil e com acessos de outros países. Algumas publicações já ultrapassaram a marca dos 5000 acessos.

Muitos dos trabalhos que publicamos foram aprimorados pelos autores e publicados em periódicos e livros com uma proposta mais acadêmica, o que

reduz a relevância das versões de trabalhos de teor acadêmico publicados no site. Entretanto, notamos que os trabalhos multimídia, artísticos e alternativos ficaram isolados no blog, na medida em que deixou de ser atualizado e seu acesso reduziu. Isto despertou o desejo de organizar este livro com obras selecionadas. Revisitar estes trabalhos permite captar os sentimentos e percepções que os meses iniciais da pandemia produziram.

Os trabalhos selecionados para este livro foram publicados em uma seção do projeto intitulada *IMAGINAÇÃO político-viral*, destinada a acolher exatamente os trabalhos que não se enquadram nos moldes e formatos mais habituais da produção acadêmica. Nesta seção, foram publicadas mais de cinquenta postagens inéditas, entre abril e agosto de 2020. Que mundos possíveis, ao mesmo tempo imaginários e reais, são presentificados pelo que atravessamos? Se sonhos e imaginação são parte fundamental da realidade, quais cenários e ideias são projetadas em um momento cuja força se imprime em todos os aspectos de nossa vida? Esta seção está inspirada nessas indagações, atenta a tudo que também foi contaminado pelo Covid-19 - nossas rotinas, pensamentos, sensações - e se destina aos experimentos textuais, sonoros e audiovisuais do que chamamos “imaginação político-viral”.

A ideia de “imaginações político-virais” diz respeito a um mundo por vir e, ao mesmo tempo, às maneiras de experimentar e compor o presente. Berger (1999) nos mostra como o olhar expressa, antes que a palavra, as desigualdades e contingências do mundo; Deleuze & Guattari ressaltam a dimensão ontológica na noção de política, na medida em que a definição da realidade se faz de forma conflituosa. Talvez a frase que melhor ilustra este ponto seja a de abertura do livro *Mil Platôs*: “Antes do ser, há a política”(DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 78). O “político” aqui imaginado diz respeito a essa dimensão ontológica, que define as possibilidades de ser e existir no mundo. A política, por sua vez, são fagulhas que podem viralizar incendiando novos modos de subjetivação e de pensar o passado, o presente e o futuro alargando as possibilidades de ser.

Este exercício imaginativo se mostrou oportuno em um momento no qual, entre medos e incertezas, faltavam referências para a interpretação dos fenômenos em curso. Para a composição deste livro, selecionamos os trabalhos que mais se destacaram pela criatividade e relevância estética, na perspectiva da equipe editorial, e em seguida convidamos as autoras para enviarem seus textos

adaptados ao formato de um livro virtual e, caso desejassem, escrevessem um pequeno *pós scriptum* sobre o próprio texto.

Optamos por separar por tema e não por formato/discursividade. No blog, a experiência de leitura é cronológica, entre março de 2020 e maio de 2021, e/ou por seção. Aqui, no entanto, textos e momentos distintos são aproximados, ressoam um no outro, se contrapõem e compõem juntos uma paisagem de discursividades e narrativas manifestas em torno de temas e objetos de reflexão particulares. Optamos, portanto, por uma apresentação temática dos textos. Nesse sentido, aproximamos relatos de trabalhadores da saúde daqueles sobre o trabalho de maternagem, aproximamos a imagem de um caderno sendo lavado com água e sabão de uma série de cartas escritas e trocadas. Empréstimo uns aos outros os seus sentidos, esses trabalhos estão reunidos em torno de um mesmo tema não para esgotá-lo mas sim para ampliá-lo, colocá-lo em perspectiva, deslocá-lo diante de outras chaves de leitura, de outras imagens e experiências. Entre poemas, colagens, diários, crônicas, fotografias, vídeos, descrições sonoras ou entrevistas, convivem formas distintas de enunciação e multiplicam-se os sentidos.

Os trabalhos foram divididos em **quatro seções temáticas** que organizam o livro. As duas primeiras nos convidam a descer ao ordinário (para tomar emprestada a expressão de Veena Das). Mergulhamos no cotidiano, nas sensações mais imediatas, nas dores e no tempo dos dias em sucessão, na sobrecarga e na desaceleração, através de textos, áudios, fotografias e vídeos que nos convidam a recordar ou descobrir, com detalhe, como o isolamento social foi imaginado, sentido e vivido em situações particulares.

Na **primeira seção**, intitulada “Isolamento social, trabalho, medo, cansaço”, registros do cotidiano nos levam ao tema do trabalho. De atividades ditas “essenciais” às “não essenciais”, das práticas de cuidado remuneradas às não remuneradas, narrativas sobre trabalho em tempos de isolamento social ganham o tom de relatos sobre saudade, medo, cuidado, cansaço. Aqui, o essencial é colocado em perspectiva.

No texto de **Raquel Guilherme de Lima**, um ciclo laboral se encerra em meio à pandemia. O pasteleiro se vê em casa no dia em que completa 50 anos de carteira assinada pela mesma firma, quando “apenas queria realizar [...] a sua rotina”. Nesta história essencial sobre o fim de um trabalho, o pasteleiro “desconfia

que não é só a pandemia a limitar a sua glória”, sua biografia nos coloca diante das marcas de um capitalismo “flexível, veloz e feroz”. Nesse sistema, estratégias como o *lockdown* só podem funcionar por serem excludentes. Hermínio trabalha na área de logística e não pôde cumprir o isolamento social. É pai de **Felipe Figueiredo**, autor do vídeo que traduz uma das sensações incômodas e dolorosas que a pandemia nos apresentou: a vontade de dar um abraço e não poder, o medo de contaminar quem amamos, a saudade.

O medo de levar o vírus para dentro de casa foi vivido intensamente também por profissionais de saúde, desde a rotina de trabalho até seus sonhos, durante o tempo de descanso cronometrado. No sonho descrito por **Débora Rocha Carvalho**, a sensação de enclausuramento e medo do mundo lá fora manifesta o quão profundamente a Covid-19 contaminou nossa experiência - um sonho tão comum quanto particular. Além dos sonhos, a variedade de experiências de isolamento social foi observada por terapeutas e psicólogas desde seus consultórios. Nesse contexto, **Itala Daniela** reflete sobre o trabalho de cuidado terapêutico em tempos de pandemia e a implementação das consultas online. Em tempos de clausura, a privacidade foi mais invadida, tornando visível mais uma camada de complexidade e desigualdade de condições de acesso a este tipo de cuidado.

Na clausura da casa, o cuidado segue através da maternagem. Entre uma demanda e outra, **Rosamaria Carneiro** nos deixa um bilhete sobre o doméstico, sobre um trabalho não remunerado que agora veio à tona, à superfície, à visibilidade, mas sempre esteve lá; um trabalho que, durante a pandemia, ganhou status de trabalho e uma “autorização coletiva” para se falar a respeito. Falar, é claro, quando dá: não estamos todos sobrecarregados da mesma maneira, afinal. Entre o público e o privado, o tema segue no “diário de uma mãe em isolamento com três filhos”, de **Elaine Muller**. Aqui, através de texto, fotografias e áudios, acompanhamos uma rotina doméstica “virada do avesso” em reuniões online e salas de trabalho, e terminamos achando graça dos “amigos homens falando do cansaço com o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos”. A pergunta é “como ficará esse privado” quando “o público voltar a alguma normalidade”?

Na esteira dessas experiências, um relato sobre a modificação de rotinas é oferecido por **Eliane Regina Pereira**, em texto sobre o fechamento das escolas e as dificuldades para implementação das aulas online. A Educação em geral e as propostas

de ensino-aprendizagem e currículos escolares em particular são discutidos por **Thiago Luz** em tempos de pandemia, refletindo a necessidade de planejar eticamente a reestruturação do ensino online assim como os retornos ao presencial.

Enquanto nada disso acontecia, nos habituamos aos exercícios de futurologia, algo que **Daniel Albinati** já não arriscava mais fazer. Encerrando esta seção, sua entrevista mergulha no *lockdown* vivido na Espanha, passando por temas como trabalho e desemprego, isolamento social e impacto estético da pandemia no cenário musical, Bolsonaro e algumas ideias sobre “quando tudo voltar ao normal”.

Na **segunda seção**, que toma por título um dos slogans da pandemia - “Se puder, fique em casa” - a *casa* e o *corpo* emergem como espaços privilegiados de narrativa e experimentação de um cotidiano em quarentena. Em “escala diminuta”, ganham visibilidade os “pequenos trajetos” do quarto ao banheiro, da casa ao mercado, as janelas para fora e para dentro, o olhar para si, para o corpo, o corpo-casa-mundo, a confusão de céu com assoalho, do cedo e do tarde, da chuva, do choro e do gotejar da torneira do banheiro, a contagem do “dia mais de vida diante da morte”, o entrar e sair da pandemia, “desacelerar”.

Trajetos, rotinas e macetes cotidianos de uma “vida de apartamento” são tema do experimento etnográfico sonoro de **Rafael F. A. Bezzon**. Nesta descrição diária de “escala diminuta”, sons, barulhos, cantos e silêncios ressoam e traduzem uma forma de habitar peculiar. Pensar a relação com os espaços que habitamos provoca um novo ajuste de escala quando a pergunta de investigação passa por “conectar-se aos tremores do mundo” - o que acompanhamos numa reflexão posterior pós-escrita. Em seguida, do outro lado do mundo, espiamos uma pandemia na Índia entre janelas, portas e outras brechas capturadas nas fotografias da turma de estudantes do professor **Marcelo Schellini**, do Departamento de Múltiplos e de Desenho Industrial da Vellore Institute of Technology. “#indian.quarantine.tales” é um experimento fotográfico que resultou do estímulo à produção de documentação histórica, pessoal e poética acerca da experiência de isolamento social.

Seguindo os “pequenos trajetos” da pandemia, o conto de **Angícia Mourão** nos reconduz, passo a passo, aos tempos de distanciamento, álcool em gel e aquela sensação brutal e generalizada de “viver uma ficção científica”. No poema-sobre-

imagem, de **Aline Ribeiro Nascimento**, essas novas regras de convivência e etiqueta nos levam a reduzir novamente a escala de descrição, agora para o nível do corpo, para o “governo de si em tempos pandêmicos”. Na cadência do encontro entre imagem e palavra escrita, em seu “Quarentena contra-anthropological blues”, **Suíá Omim** apresenta uma colagem-poesia sobre as cláusulas e saídas dos seus primeiros quarenta dias da pandemia de Covid-19, acompanhada de nada menos que Haraway, Butler, Latour, Krenak, Kopenawa, Rolnik, Davis, entre outros pensamentos.

Nos “diários na pandemia”, de **Tátia Rangel**, encontramos pensamentos e sensações vividas em quarentena, relatos íntimos de dias que sucederam “sem garantias” nem reescrita. Encerrando esta seção, a entrevista com **May East** reflete sobre entrar e sair da pandemia, sobre quarentena, desaceleramento e o que chama “simplexidade” - uma oportunidade, uma atitude trazida pela situação limite em que nos encontramos.

Na **terceira seção**, o “presente excessivo, excepcional”, “inominável” da Covid-19 é narrado e colocado em perspectiva diante de outros tempos, epidemias, corpos e biografias. A seção é aberta com o vídeo-poema “Passando a Limpo”, de **Anderson Almeida**, que nos sensibiliza para a reflexão colocando em primeiro plano um dos gestos mais marcados por esta pandemia, qual seja, lavar objetos com água e sabão - nesse caso, lavar um caderno de memórias, poemas, citações, desabafos, quase como em um sonho.

Uma reflexão sobre tempo, futuro, presente, corpo e afetos é apresentada em “O presente inominável”, trabalho de **Aline Ribeiro Nascimento**, que reúne texto escrito acompanhado de montagem fotográfica e pós-escrito em áudio. Na sequência, são os medos, imaginações e memórias de criança sobre doenças e o “outro” estigmatizado que aparecem nas “reflexões autobiográficas” sobre “contágio”, de **Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza**.

Outros tempos, corpos e epidemias são também tema da série de cartas trocadas por **Adriano Henrique Caetano**, **André Luis Leite**, **Mathew Rodrigues** e **Guilherme Shimocomaqui**, que registra conversas entre Estados Unidos, Brasil e as pandemias de HIV/AIDS e Covid-19. Nesse diálogo “sobre o passado daqui para o futuro de lá”, ganha ênfase a luta pelo reconhecimento dos direitos civis de LGBTQI+, o acesso à saúde e as moralidades suscitadas pela pandemia.

Por fim, a seção é concluída - e reaberta - pela entrevista com o artista **Wagner Schwartz**, onde o presente aparece como passível de ser vivido sem um significado instantâneo e *a priori*. Aqui, o leitor transita por comentários sobre o conservadorismo de direita, o papel da arte no contexto político do Brasil e o impacto sofrido com a pandemia até aquele momento.

A **quarta e última seção**, intitulada “vírus, mundos, mortes, lutos: dos totalitarismos às fabulações sobre o fim do capitalismo”, reúne trabalhos sensíveis às dores trazidas pela pandemia - as ausências, as perdas, os números, o negacionismo - mas também às sobre-vivências, à fabulação e à reinvenção. No texto “o choro sem lágrimas”, **Vitor Rocha de Araújo** registra sensações complexas e dolorosas em um exercício de compreensão do que vivíamos naquele ano. O “pós resguardo/ massacre” é objeto de fabulação no trabalho de **José Miguel Nieto Olivar**, que se coloca diante do exercício imaginativo conduzido pela quarentena: saúde, negacionismo necropolítico, números. Quando a morte massiva é uma novidade? Para quem? A pandemia tornou as desigualdades sociais mais marcadas e visíveis. Esse tema é abordado por **Aline Ribeiro Nascimento** em mais um texto-áudio-imagem que documenta o olhar de uma criança em isolamento pela janela e a percepção de tais desigualdades.

No poema intitulado “In-versus”, **Anny Mota do Livramento** enfoca suas impressões sobre o isolamento social, as maneiras de “com-viver” e as “sobre-vivências a-versos” diante dos lutos forjados pela pandemia. Na sequência, e não por acaso, **Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha** deixa ver a política catastrófica de Bolsonaro, “camaleão” de “inesperadas virtudes”, em um texto carregado de ironia. Em seguida, **Herik Rafael de Oliveira** persegue a hipótese de que é o próprio pensamento que foi colocado em quarentena. As consequências são distintas quando a quarentena atua como “medida política” ou como “mandamento”. Já no vídeo “embalos pandêmicos de um sábado à noite”, **Tulíola Almeida de Souza Lima** faz uma chamada de casa, onde apresenta reflexões epistemológicas sobre vírus, desastres ambientais e o abandono da lógica mercantilista, lembrando autoras como Maristella Svampa e Naomi Klein. Na esteira das questões levantadas por ela, **Marcela de Andrade Gomes** questiona se o capitalismo teria levado um “golpe traumático”: se, por um lado, a “necropolítica inerente ao capitalismo” foi escancarada com a pandemia de Covid-19, por outro, que transformações

poderão emergir da experiência mortífera do coronavírus? A reflexão se prolonga em mais uma poesia falada de **Aline Ribeiro Nascimento**, intitulada “O vírus é um universo”, que explora mais algumas ideias sobre reinvenção: “o vírus coloca um ponto de corte entre o que fomos e o que podemos vir a ser”. No vídeo-poema “Trabalhar o Substantivo”, **Nathalia Silveira Rech** evoca a concretude tão relativa dos objetos que, substantivados durante o silêncio do isolamento social, precisam ser “trabalhados por dentro”. Em continuidade, a entrevista com **Johann Heys** explicita como “precisamos nos reinventar como espécie ou seremos extintos”, encerrando essa seção com uma conversa sobre esoterismo, ciência, negacionismo e a insustentabilidade das metrópoles: “a natureza não precisa de nós, é o contrário”.

Este livro é apresentado pelos prefácios de Wagner Schwartz e Vitor Queiroz e encerrado pelo posfácio de Ricardo Burg Ceccim, que contribuem com reflexões político-virais que jogam luz sobre os sentidos de um trabalho como o que aqui apresentamos. Agradecemos enormemente a todas que enviaram textos, acompanharam nosso trabalho no blog e também para aquelas que aceitaram o convite para participar deste livro. Agradecemos também algumas parcerias foram fundamentais para este projeto: o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UFRGS, o Programa de Pós-Graduação e o Bacharelado em Saúde Coletiva da UFRGS, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), o Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e a Associação Brasileira de Psicologia Política (ABPP). Agradecemos especialmente à Editora da Rede Unida, que acreditou nesta proposta e proporcionou todas as condições para que um livro fora dos padrões e de difícil editoração pudesse ser realizado.

Neste mundo fora de equilíbrio e bastante acelerado, foi bastante prazeroso acolher e incentivar a liberdade de criação em meio às novas experimentações do tempo. Esperamos que a publicação destes trabalhos contribua não apenas com memórias afetivas que expressam um momento coletivo marcante, mas sobretudo que enseje mais exercícios de liberdade e imaginação que ensaiem a construção de um mundo mais justo e alegre.

Fevereiro de 2023

Referências

BERGER, J. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco. 1999.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.



1.

ISOLAMENTO SOCIAL, TRABALHO, MEDO, CANSAÇO

Foto: Ram_Kumar



O PASTELEIRO E A PANDEMIA – UMA HISTÓRIA ESSENCIAL SOBRE O FIM DE UM TRABALHO

Raquel Guilherme de Lima¹



20h30m – hora de bater palmas para os trabalhadores essenciais da enferma sociedade, enquanto os demais tentam dar conta das suas existências confinadas.

¹ Raquel Guilherme de Lima é professora do departamento de sociologia e metodologia das ciências sociais da Universidade Federal Fluminense e Dra. em sociologia pelo Iesp-UERJ. Trabalha principalmente com seguintes temas: desigualdades sociais, educação, trabalho e trajetórias.

O pasteleiro assiste o JN (Jornal Nacional), admira os médicos, gente estudada que tem um ofício bonito. Não, ele não irá até as janelas bater palmas para os bacharéis transformados em doutores, não tem humor para isso, lhes presta sincera homenagem com um gesto de consentimento.

Naquele mesmo dia, vejam só, ele também tinha celebrado a sua história de trabalho. Ironicamente em casa, numa quarta-feira que deveria ser de lida como as tantas outras, ele completava 50 anos de carteira assinada na mesma firma. Se desdobrava entre descontentamento e agradecimento, pensados e repisados. Aguentara tudo, confiara o seu destino a base de promessas, a maioria devidamente pagas e, justo naquela data, ele estava inoperante em razão de um atestado de saúde global.

Do infundável universo de frustrações, talvez uma das mais sofridas seja aquela sentida quando o gozo acaba, justo na sua vez. Trilhão² de pastéis fritos depois, para não sair nenhunzinho clássico de recheio de vento bem no dia do seu quinquagésimo aniversário. Não que o nosso personagem seja afeito a narrativa orgulhosa sobre si mesmo, apenas queria realizar naquele 15 de abril a sua rotina. Dessa vez, com um sabor de conquista, pois, afinal de contas, quem é capaz de anotar 50 anos de carteira assinada?

Silêncio no *home office*.

Já tinha planejado o jubileu de ouro, observaria exatamente o mesmo de sempre. Cruzaria a Avenida Amazonas, passaria a Rua São Paulo onde subiria as escadarias da Galeria Ouvidor. Os mais jovens a desprezam, mas esse simpático conjunto de lojas, referência para a aquisição de insumos para artesanato barato – vigoroso mercado – já foi mais bem reputado na discreta capital mineira.

Logo de partida, começaria o preparo da massa, sovaria os ingredientes, assistiria a massadeira rebolar, movimento que já fora dos seus braços, para depois abrir a mistura em um bom cilindro, peça chave do maquinário. Máquina ajuda, mas não resolve tudo. Testemunhou muitos conhecidos perderem o emprego por conta delas, empregos muito melhores que o seu, inclusive. No ramo dos pastéis, entretanto, nenhuma engenhosa maquinaria substitui aquele que conheça os caprichos da aparente combinação simplória de farinha, água, sal e outros penduricalhos mantidos sob sigilo do negócio.

2 Trilhão usado no sentido guedeano.

A massa, insubmissa, não se dobra ao ritmo do comércio se não lhe garantirem o ponto certo, o tempo de descanso e a temperatura ideal da fritura. Sem ela, na sua melhor versão, não há recheio que garanta a freguesia. Inicialmente, eram duas as opções de complemento: os tradicionais queijo e carne. Por um tempo, o pastel de carne também levava batatinha, a sua combinação preferida. A maledicência da clientela tanto fez que terminou por sabotar a batatinha. Corria na praça que a pastelaria andava fazendo fortuna com os seus pastéis ‘carro chefe’, sabor vento e sabor batata. Continuaram os tradicionais, chegaram as novidades. Sem muita bagunça, “respeita a minha história”, ele diria³.

Não é só do temperamento da farinha que o pasteleiro é refém, a querela das batatas é prova de que a freguesia pode desandar tudo. Se fosse para receber uma homenagem, gostaria de uma condecoração por ter sido empregado por tantas décadas no ramo de lanches. Quando dizem que o país mudou e melhorou, concorda, por muitas coisas, em especial, por conta dos estudos. Desde os anos 70 para cá, desconfia que cada vez mais doutores viraram fregueses da pastelaria, todos letrados e versados no código do consumidor, lhe falta imaginação para especular onde todo esse povaréu arruma emprego.

Recompondo a humildade, admite que nem só de pastel vive uma pastelaria. Dentre os coadjuvantes nomináveis estão as coxinhas, as pizzas, o caldo de cana e, também a salgadeira. As salgadeiras dão a forma do salgado, por vezes fazem a fritura, por outra a comida dos funcionários. Respeita o trabalho das mulheres, não quer fazer ofensa a elas, encontrou a sua companheira batendo o mesmo ponto. Informa uma tendência apenas, o trabalho com as massas é masculino. É um trabalho de força. Tem pasteleira, tem, mas, ainda é minoria. Reconhece, contudo, que as máquinas ajudam no esforço e que as forças mudam de lugar.

Fez-se homem ali, na cozinha e no balcão. Nunca ostentou um uniforme de operário, desses manchados com graxa ou fuligem de fábrica. Estética máxima da masculinidade popular. O seu uniforme é rosa e perfumado a óleo. Não se queixa, não vê demérito no cenário de sua vida de trabalho.

Confessa que nunca usou grande vocabulário de direitos nesses cinquenta anos. Tinha uma meta de vida, perseverar como assalariado, fichado, resguardado

3 Denúncia: “tem comércio fazendo salgado de jaca. Afirma que nunca colocará um trem desse na boca.”

pelos direitos trabalhistas. Assim o fez e funcionou. Da jornada inicial de 12 horas, restaram 8. Ajustou o seu relógio com novos horários, como o tempo para o almoço e o das férias. Temporalidades anteriores a sua contratação, mas que foram muito bem decantadas pelo empregador. Nesse ínterim, sentiu revolta, claro. Não concordava que os pasteleiros recebessem menos que os funcionários do caixa, chegando assim o mais próximo da iluminação: “se a classe trabalhadora tudo produz, a ela tudo pertence”.

Posto tudo isto, se vê em maus lençóis. É temente a Deus, portanto, está no time da vida e esconjura quem pensa o contrário. Mas, se desassossega com a sua preocupação com os patrões, com o tanto de lojas fechadas na Ouvidor. O que será dos seus colegas de serviço? Remói, lava as mãos, se espanta com os números e odeia o vírus. Inimigo sorrateiro, aquele que fez o que nenhuma crise antes lhe fizera, estava em casa. Como se não bastasse, na companhia embaraçosa de um tal grupo malfadado “trabalhadores não essenciais”. O seu maior temor era ser taxado de vagabundo, encostado e sustentado por mulher. Percebe que a danação sempre se reinventa.

Recompõe-se. Recorda de sua condição de aposentado na ativa, já se vão 15 anos daquela grande festa, talvez tenha chegado a hora do descanso. Olha ao seu redor, busca na casa uma ressignificação. Tenta desvendar os segredos da inquietação da mulher naquele ambiente, que diferente dele abraçou o lar desde a sua aposentadoria. O rádio continua companheiro, assim como os passarinhos e as plantas os quais agora únicos a receberem os seus cuidados, uma vez os filhos criados.

No crepúsculo de sua história de trabalho, desconfia que não é só a pandemia a limitar a sua glória. Os seus feitos parecem intraduzíveis neste mundo de outras regras, de outros valores e outras qualidades de trabalhadores. Aquieta-se e agradece ao ter a certeza de que a sua carteira de trabalho jamais será verde e amarela.

Abril de 2020

– Pós-escrito –

Ainda naquele confuso 2020, o pasteleiro encerraria sua extensa vida de trabalho. De comum acordo, pediu as contas do serviço que executou por tantas décadas. Meu pai não começou a trabalhar em 1970, bem antes disto arrumava bicos na infância, por razões da pobreza mesmo. Foram as últimas cinco décadas, porém, que mereceram destaque em um texto que buscou, brevemente, descrever o sentimento de quem finalmente fechava um ciclo laboral, aquele anotado em sua carteira de trabalho, em um contexto muito singular.

Escrever sobre o Pasteleiro significou, portanto, prestar uma homenagem a um personagem tão familiar e, ao mesmo tempo, apresentá-lo como velho conhecido para tantos outros desconhecidos. A saga de Jair precisava inspirar ares de odisséia e da mais bruta rotina. Pois para um alguém que sempre teve a sua espregueira a informalidade, os vícios e o desemprego, a afirmação da estabilidade no mercado de trabalho lhe garantiu mais do que o mirrado salário ao final de cada mês. Ajustada a partir do marco legal, a jornada de trabalho lhe deu corpo de provedor, de pai de família e de folguista aos santos Domingos de missa. Por outro lado, era também uma história de um trabalho não essencial, do ramo de lanches situados nas esquinas ou galerias de toda metrópole brasileira. Parada ideal para aplacar as laricas, a preços módicos, sem estabelecer laços. Pois raros são os funcionários das lanchonetes que criam raízes com a firma e com os clientes.

Como homenagem e como réquiem, a inesperada trajetória de 50 anos de carteira assinada na Pastelaria Ouvidor, finda com a pandemia da Covid-19, se apresentou como mal agouro. Não para o seu protagonista, que a trancos e barrancos cumpriu a sua meta de vida. A grave crise socioeconômica, impulsionada, mas não deflagrada pela pandemia, trouxe à superfície as velhas e as novas desigualdades do mercado de trabalho brasileiro. Observadas em sua persistência na vitimização de empregadas domésticas negras, subtraídas de qualquer direito e de empatia, e, em sua atualidade, na revolta dos entregadores por aplicativo, que tomaram as ruas em plena quarentena. Refletir sobre o mundo do trabalho neste contexto, a partir da personificação do legado getulista, foi um estímulo à imaginação sobre os impactos que as crises e as mudanças provocam na subjetividade de trabalhadoras

e de trabalhadores. Ante a proposta de visitar o texto, tal questão se coloca aberta e segue insistente no esforço de compreender as consequências para o mundo do trabalho, promovidas por um capitalismo flexível, veloz e feroz.

Maio de 2022



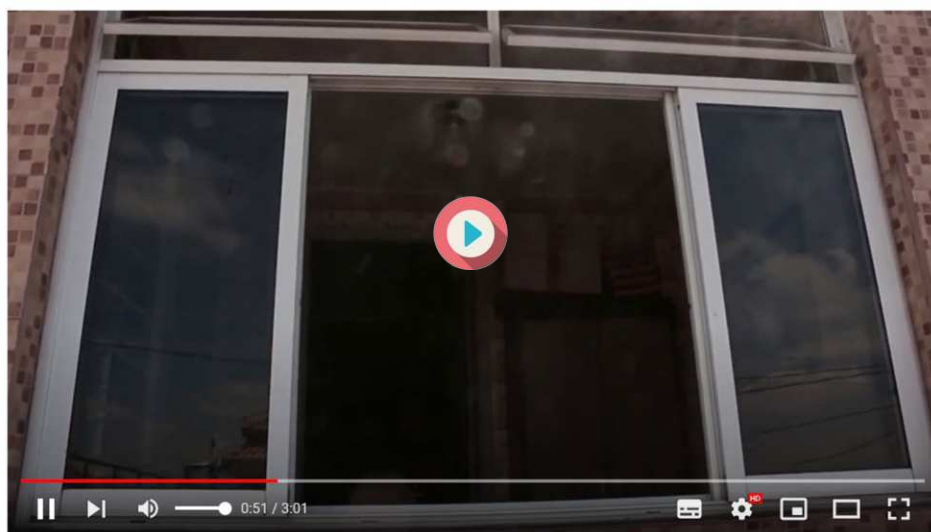
QUERIA QUE A GENTE SE ABRAÇASSE

Felipe Figueiredo¹

Nesse pequeno vídeo, Hermínio nos conta um pouco como é passar pela pandemia sem a possibilidade de cumprir o isolamento social. Além de ser meu pai, ele é trabalhador da área de logística. Utilizo algumas imagens de arquivo e outras que foram captadas em quarentena. Todos os instrumentos musicais tocados durante o vídeo foram produzidos artesanalmente durante a pandemia.



Felipe Figueiredo Queria que a gente se abraçasse



Link: <https://youtu.be/GKYHiGokjZw>

Junho de 2020

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP e membro do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas (VISURB).

– Pós-escrito –

Quando gravei essas imagens não dava para imaginar os rumos da pandemia. Não sabia quantos de nós ainda restaria. Não havia sequer perspectiva de vacinação, somente a incerteza da duração e o medo dessa intrusão viral. Obviamente que gostaríamos de ter tido condições de cumprir um isolamento mais rigoroso, mas nos foi dito que a economia não poderia parar, que se tratava apenas de uma gripezinha. Hoje sabemos onde esse discurso nos levou. Quantos são os que não podemos mais abraçar?

Maio de 2022



FRAGMENTOS DE UM SONHO INFECTADO

Débora Rocha Carvalho¹



Foto e montagem: Débora Rocha Carvalho (9 de abril 2020).

1 Psicóloga graduada pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Mestranda em Psicologia e Políticas Públicas - (UFC/Campus Sobral). Especialista em Saúde da Família e Comunidade na modalidade de residência multiprofissional pela Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP-CE) (deboradrc@gmail.com).

Uma noite sonhei que estava numa casa escura e recém construída, mas não terminada. Havia fragmentos de concreto e visão de tijolo de um reboco inacabado. Havia ainda cheiro de cimento fresco na parede e pó de construção no corredor. As portas da casa estavam trancadas e eu estava sozinha, vestida toda de branco da cabeça aos pés, o meu corpo parecia de tecido, quando eu tocava alguma parte do corpo eu não conseguia sentir a minha pele. A visão era turva em tons de preto e branco. O sentimento na cena era de medo, sentia que uma ameaça se avançava em meio externo à casa. Havia pessoas que batiam na porta, batiam, mas não abriam. A casa parecia trancada por dentro e por fora. Sentia como se não tivesse saída para viver um sonho desinfestado.

Acordei e no decorrer do meu dia que fui elaborar as cenas dessa experiência onírica, a qual disponibilizo para pensarmos todos os profissionais de saúde (incluindo aqui os que acompanho individualmente e os que acompanho em grupo para suporte psicológico nesse contexto pandêmico) e a todo o restante, que assim como eu, está trabalhando em meio a tudo isso.

O momento em que estamos relacionando ao sonho que tive, é de casa escura com visão turva e sem colorido, nada parece nítido e claro em relação ao que está acontecendo e ao que está por vir sobre a pandemia que se apresenta. O sentimento de dentro da casa, no sonho, é de construção e reconstrução ao mesmo tempo, de uma obra que não se finalizou. Relacionando ao nosso momento atual, tivemos que nos refazer rapidamente, em meio a um turbilhão de acontecimentos em esfera global, em um movimento de construção-destruição-reconstrução de novos hábitos de higiene, de estar consigo mesmo e com o outro, inovação ou reorganização do processo de trabalho e inclusão de equipamentos de proteção, e no caso dos profissionais de saúde, proteção da cabeça aos pés, sentindo a pele toda coberta de tecido.

Uma jornada que é coletiva, e também individual, que ao adentrar em casa sente o medo de ter pego ou de ter transmitido o vírus. Medo exorbitante principalmente dos profissionais de saúde que estão na linha de frente, que não estão somente cara-a-cara, mas também corpo-a-corpo com um inimigo invisível pelos arredores do trabalho. E que sempre se questionam se estão seguros mesmo a poder retornar para casa. Em casa, precisam ficar sozinhos, como no sonho, ou até mudar de casa para aliviar a culpa de possivelmente apresentar o “vírus-

assintomático” para os demais que moram junto. E quando o profissional fica doente, as portas são trancadas por dentro e por fora e a vestimenta branca dos EPI’s que cobrem toda a pele, fica como se ali não houvesse um alguém, que precisa de respeito, acolhimento e cuidado. O próprio profissional se pergunta “Onde foi que eu “errei”? “Onde não me protegi? (...)” e tão logo essas mesmas perguntas são feitas pelas pessoas ao seu redor, muitas delas usando tons de culpabilidade ou de julgamento.

Dessa maneira, no sonho, as pessoas e o vírus aparecem como a ameaça externa da casa, as pessoas que julgam, culpam, e que dizem “Quem trouxe o vírus para dentro de casa?”, “Quem trouxe o vírus para a comunidade?”, “O profissional que está em contato com o vírus não se protegeu?” (...) No momento em que o “quem” não mais importa! Ou o “como”! É dessa maneira, como no sonho, que algumas pessoas batem na nossa porta, batem, mas não abrem com a possibilidade de prestar apoio ou cuidado. Enquanto que o vírus circula com facilidade e rapidez em meio preto e branco em relações que não se sustentam, deixando o pó nos corredores por falta de estrutura e revestimento.

Diante disso, não havendo reparos em nossas casas, não há saída para um sonho desinfectado. Porém, pensando ainda no sonho, estamos lidando como uma obra que não se finalizou, e assim, podemos contar com o que temos, o cimento fresco e a visão do tijolo onde o reboco parou para a re-construção, o retoque e o acabamento dessa casa, que você está dentro e ao mesmo tempo também está fora, sentindo o que está fora e o que está dentro de você para tão logo vivermos um sonho desinfectado.

Maio de 2020



SIGO ASSIM... SENDO PSICÓLOGA EM TEMPOS DE CRISE MUNDIAL

Itala Daniela¹

Uma enxurrada de notícias diárias. A busca constante por informações para compreender se os atendimentos presenciais ainda estavam autorizados. Deparo-me com a indicação do Conselho Federal de Psicologia da suspensão das práticas presenciais, salvo caráter emergencial.

Pego-me pensando: o que seria emergencial em um cenário que por si sinaliza emergência. Acolho a indicação e proponho aos pacientes a migração para a modalidade online. E eu, defensora dos atendimentos online, que acredito que a psicologia precisa assumir ética e tecnicamente esse lugar de prática, deparo-me com questões anteriormente não refletidas.

Uma queixa que já era recorrente no consultório, passou a ser um dos impeditivos dessa prática: a falta de privacidade dos pacientes. Lembrei da história singular de cada um/a. Muitos já traziam para o espaço de cuidado terapêutico, o quanto seus familiares não respeitavam seus espaços em casa. O quarto, a hora de descanso, a hora de estudo e de trabalho. Eu, terapeuta, que os ouvia e os acompanhava pacientemente na construção de possibilidades frente à invasão de privacidade, estava pedindo, indiretamente, que isso já “estivesse resolvido”.

Vi diversos anúncios de psicólogos/as que estavam/estão se dispondo para o atendimento online, solicitando que os/as pacientes procurassem um local silencioso e que não fossem interrompidos. Será mesmo que esse é um privilégio de todas as pessoas?

Numa realidade brasileira em que algumas pessoas dividem quarto com irmãos/irmãs, em que pessoas estão em relacionamento abusivos e que mal podem utilizar o telefone em casa, em que as moradias nem sempre tem vãos tão definidos, de casas e apartamentos pequenos e sem tratamento

¹ Doutoranda e Mestre em Psicologia Clínica (PPGPSI-UNICAP). Psicóloga e Supervisora Clínica (Lírios Centro de Psicologia).

acústico nas paredes, como pedir que o/a paciente encontre um lugar em que ele não seja interrompido?

Estamos fazendo psicologia para quem? Para pessoas que têm casas grandes, com cômodos diversos, tratamento acústico na parede e respeito de todas as pessoas que moram com ele/ela? Estamos fazendo psicologia apenas para pessoas que têm sinal de internet de qualidade? Dados ilimitados? Se é assim, sou o avesso dessa psicologia, meus pacientes não são só esses!

E assim vou criando, mais uma vez, possibilidades de acompanhar os/as pacientes no cuidado consigo. Não peço que ele esteja em um lugar silencioso e nem que não sejamos interrompidos. Flexibilizo os horários pois sei que talvez naquela hora o sinal esteja intermitente.

É uma clínica ampliada, cheia de possibilidades, limites e por vezes interrupções. A vida concreta, vivida numa teia de relações, é cheia de resistências. Claramente as teorias não lidam com essa concretude do vivido (Inspirado no pensamento de Hannah Arendt).

Sigo assim... sendo psicóloga em tempos de crise mundial.

Abril de 2020



CARTAS DE UM PUERPÉRIO EM QUARENTENA (S/ NÚMERO)

Rosamaria Carneiro¹

Engraçado. Isso será um bilhete.

Uma nota mental.

Quem sabe com tempo (artigo em excesso e extinção, paradoxalmente), um dia logo mais volto para esse debate.

Nunca se falou tanto. Nunca se legitimou tanto o que acontece no doméstico. No interior de nossas casas. Nunca, como agora.

Antes o doméstico era algo a ser escondido. Tapado. Quase vergonhoso.

Imagina dizer ... preciso fazer almoço, vou desligar! Vou ficar com meus filhos, preciso sair mais cedo! Preciso cuidar da casa, já volto!

Precisamos viver uma pandemia e a morte iminente a todo momento para que o vivido por nós mulheres e mães todos os dias passasse a ser pronunciado com legitimidade e no status de trabalho.

Agora o doméstico é trabalho?

Sempre foi, minha gente.

Será afinal o “ponto zero da revolução” à lá Silvia Federici?

A ver, minhas caras.

A ver.

Confesso que tenho minhas dúvidas. Somos muitas mulheres. Desiguais em nossas necessidades e oportunidades.

De minha parte, tem gente pedindo comida, engatinhando na sala, chorando, com fralda suja para trocar e pela primeira vez sinto uma certa autorização coletiva para falarmos sobre isso.

Ou não, para que outras pessoas falem por nós.

Intimidade? Domesticidade?

1 Departamento de Saúde Coletiva UnB. Contato: rosagiatti@yahoo.com.br

A internet hoje é a porta que une ainda mais o doméstico e o público. Pelo zoom vemos pijamas nas reuniões, casas com brinquedos jogados no chão, pedidos de comida e de peito.

Cadernos e notas de uma reunião. Tudo junto e misturado.

Algo tão nosso, mulheres mães que trabalham dentro e fora de casa.

Estamos todos sobrecarregados. Homens dizem isso.

Mas nós sempre estivemos .. As mulheres mães.

Sempre estivemos.

Preciso ir.

Alguém me diz: Mamãe, fala comigo!

Abril de 2020



DIÁRIO DE UMA MÃE EM ISOLAMENTO COM TRÊS FILHOS (19/04/2020)

Elaine Müller¹

Demorei mais de um mês para conseguir rabiscar algo em um diário de campo. Estou em licença pós-doc, fazendo uma pesquisa sobre a adultez em torno de 40 anos (minha idade). Escrevi no plano de trabalho que iria registrar “os momentos de ocorrências pessoais que interferiram na pesquisa, seja na maneira como sou referida no trabalho de campo, de acordo com minha idade, seja quando atribuições de minha vida de adulta estiverem presentes me exigindo mais tempo e dedicação, ou ainda quando eventos próprios de minha idade ocorrerem”. Pensei em alguns exemplos que são mais do que atropelos na vida de uma pesquisadora, pois falam diretamente desse momento do curso da vida que eu atravesso: “em cuidados de saúde, no cuidado de outras pessoas pelas quais sou responsável ou com quem mantenho vínculos afetivos; penso em paixões, encontros, novos interesses, aprendizados; etc. uma infinidade de eventos e afetos que podem impactar na realização, ou não, da pesquisa”.

Parecia-me bem maduro incorporar esses imponderáveis numa pesquisa etnográfica autorreferenciada, como a minha. Eu só não imaginava que atravessaríamos uma pandemia mundial, que colocaria pessoas de todos os lugares em quarentena em suas casas.

Foram quatro semanas cuidando apenas da “sobrevivência”: onde comprar comida, estabelecer protocolos de limpeza (limpeza não: desinfecção), que limites traçar com as crianças, como acompanhar a vida de meus idosos no outro canto do país, como espairer, como matar saudades... E a libido? Hoje tem! Tem louça pra lavar, roupa pra dobrar, chão pra limpar, três refeições para preparar e filhos que me visitam na minha cama toda noite.

Mãe em isolamento tem dificuldade de se isolar pra ter privacidade, mas não consegue encontrar amigas, rede apoio e muito menos arrumar um crush...

1 Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) da UFPE. Mãe de Lourenço (11 anos) Francisco (10) e Magnólia (7) - idades em abril de 2020. Outro fenômeno que aconteceu durante a pandemia foi ver o filho mais velho adolescer e se tornar um rapaz de 1,82m aos 13 anos.

É um tempo de solidão materna, e tenho repetido diariamente o quanto seria importante para mim conseguir ouvir um pouco mais o meu pensamento.



Elaine Muller. Som ambiente captado durante uma tentativa de trabalho



Link:https://soundcloud.com/lappacs/audio-01-elaine-muller-som-ambiente?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

São três filhos. Tem dias que eles moram na internet e me visitam nas refeições. Comecei a regular melhor isso, mas ainda assim é muito mais tela do que qualquer especialista julgaria saudável. Só que lá fora também não está saudável, e vitória de mãe solo de três crianças, nesses tempos, é vê-los rindo juntos, nem que seja de Felipe Neto e Luba TV, é vê-los interagindo, nem que seja ensinando a menor a jogar Fortnite.

Na última semana, comecei a reparar melhor em como eles estavam construindo a sua própria leitura sobre a pandemia e os riscos que corremos. Fiz algumas anotações:

13/04/2020 – Magnólia vê um musgo verde e arredondado no batente da janela:

– Mamãe, olha os coronavírus querendo entrar na nossa casa! (risos)



Foto: Elaine Muller. Musgo na janela.

15/04/2020 – Lourenço conversando com um amigo pelo chat do PlayStation:

– Começou essa história de coronavírus e eu achei “não vai dar nada pra gente”. Aí chegou em São Paulo e eu pensei: “pelo menos a gente não tá em São Paulo”. Aí: “coronavírus em Pernambuco. Fudeu!”



Foto: Elaine Muller. Menino jogando.

16/04/2020 – Chicão e Magnólia escutam o homem da macaxeira passando gritando: macaxeeira!)

Chicão: “o homem da macaxeira não para de vender coronavairus”
Mag (no ritmo do “macaxeira” do homem): “é assim: coronavaaaairus... coronavaaaairus...”

17/04/2020 – Mag se aproxima da janela e respira o ar mais fresco da manhã nublada:

– Ah, que ar fresco... cheio de corona!

17/04/2020 – Convido as crianças para descermos e pegarmos um pouco de sol no condomínio

Mag – lá fora? Mas é perigoso!

18/04/2020 – Fiz algumas compras pelo serviço de entrega do supermercado do bairro, enviei o pedido na madrugada de terça para quarta-feira. Era sexta-feira, e as compras ainda não haviam chegado. Já tínhamos passado três dias com “comida de guerra” e todos queriam algo pra lanchar. Mag resolveu assumir o protagonismo na conversa com o supermercado:

Mag: “Arcomix cê tá de brincadeira com a minha cara, eu sou criança e estou com fome”

Incluiu uma foto com emojis das comidas que estava aguardando, e um áudio para comprovar que era uma criança faminta falando.



Foto: Elaine Muller. Prints de conversas de whatsapp.



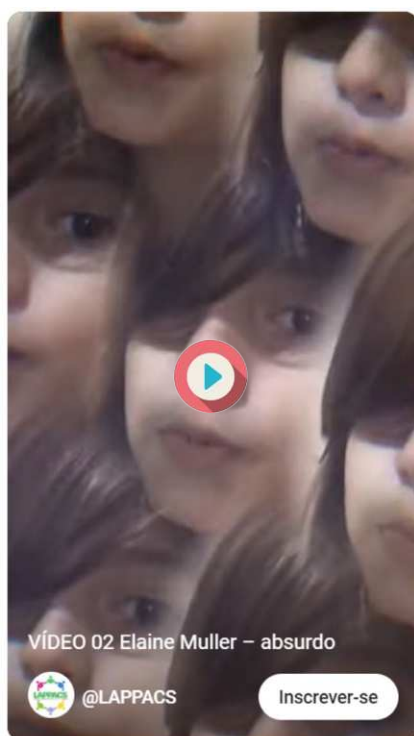
Elaine Muller. Mensagem Magnólia para supermercado.



Link: https://soundcloud.com/lappacs/audio-02-elaine-muller-mensagem-magnolia-para-supermercado?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing



Elaine Muller. Absurdo. Vídeo feito por Magnólia.



Link: <https://youtube.com/shorts/z3JmiuQzKUU>

Aos poucos as crianças vão expressando as preocupações com a doença, especialmente com a possibilidade da mãe adoecer e morrer. Preciso garantir-lhes que não sou grupo de risco, não sou idosa nem tenho problemas de saúde. Que

vou sair de máscara pra ir na padaria. E arrisco deixá-los sozinhos em casa por 20 minutos para comprar um pão francês, porque o pão com fermentação natural que estou aprendendo a fazer ainda não está aquilo tudo.

Vamos todos dormir mais tarde que o normal. Me pedem pra ficar na cama deles um pouco. Depois das 22 horas eu já queria ter uma vida além da materna. Um pouco de entorpecimento, pra se desligar da curva. Tem dias que não é nada fácil segurar essa curva.



Foto: Elaine Muller. Me arrumei pra ficar em casa.

[17:49, 17/04/2020] Lia Aliane: Tem live nenhuma hoje não?

[11:09, 18/04/2020] Ela M: Beeem assim, Rosa. Meu sentimento. A quarentena virou esse doméstico do avesso e ele está visível nas reuniões, nas lives, nas queixas e nas descobertas... Resta saber: quando o público voltar a alguma normalidade, como ficará esse privado? Tb tenho minhas dúvidas sobre mudanças estruturais, a boa nova é que nunca estivemos tão inclinados a pensar

a respeito. Estou achando ótimo ver amigos homens falando do cansaço com o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos...

* E terminamos mais um dia de isolamento social. Várzea, Recife, madrugada de 19/04/2020 *

– Pós-escrito –

Na leva de reflexões instantâneas no período que tenho chamado de “primeira temporada” da pandemia, a antropóloga Débora Diniz trouxe a ideia de que o compartilhamento da experiência de um momento de profundo desamparo lançaria “valores feministas”: “valores hoje silenciados, como o cuidado, a proteção social e o reconhecimento de que a “uberização do mundo” não nos protege, mas nos desampara”. Segundo Diniz, “é no desamparo que vamos conseguir imaginar outras formas de vida” (MARQUES, 2020).

Na época, envolvida com a rotina a qual meu diário narra, tive minhas dúvidas, especialmente ao perceber que muitos homens ainda não assumiam seu lugar de cuidadores e responsáveis pela vida, papel necessário para a criação de uma nova gramática com valores feministas (MÜLLER, 2020). Eu olhava para os lados e via mulheres mães sobrecarregadas cuidando de si e dos seus, enquanto da parte dos homens, grosso modo, a novidade parecia ser o relato do cansaço pelo trabalho doméstico.

No meu universo de camada média, ainda no final dessa primeira temporada, talvez marcando o início da segunda, tornou-se possível contar novamente com algumas redes de apoio e trabalho doméstico remunerado. A reclamação sobre o sobrepeso de lavar a própria roupa, cozinhar a própria comida e limpar a própria casa diminuiu. As mulheres mães, no entanto, permaneceram reclamando. Como lidar com as tensões emocionais de crianças e adolescentes deprimidos ou revoltados, com as relações com outras famílias nas escolas, e com pais de nossos filhos? Como ensinar crianças a se proteger, mas sem torná-las paranoicas? Qual tipo de máscara comprar, onde, qual o melhor preço? Será que estamos com rinite ou com covid?

Outras tantas páginas de um diário de uma mãe lidando com a pandemia com três filhos revelariam que o cuidado permaneceu sendo uma demanda privatizada e, em grande parte das famílias, certamente naquelas como a minha, centrados na figura da mãe.

Voltamos agora a um chamado “novo normal” sequeladas de cansaço. É sobre ele que falamos nos nossos encontros entre amigas, nas desculpas para não irmos a eventos, nos desabafos de grupos de whatsapp. Se em 2020 eu reescrevi a frase de Débora Diniz de forma interrogativa - “vamos reconhecer que o cuidado das crianças e dos mais vulneráveis e a proteção ao desamparo da vida têm que ser um bem coletivo?” (MÜLLER, 2020), creio que hoje já sabemos a resposta: não. O cansaço das mães segue desproporcional à mudança de subjetivação das masculinidades e às políticas públicas de suporte ao cuidado.

Maio de 2022

Referências

- MARQUES, M. Como será o mundo pós pandemia? Pesquisadora da UnB aposta em novos valores para humanidade. **G1**, Distrito Federal, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/04/13/como-sera-o-mundo-pos-pandemia-pesquisadora-da-unb-debora-diniz-aposta-em-novos-valores-para-humanidade.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- MÜLLER, E. O mundo pós pandemia: Vamos reconhecer que o cuidado tem que ser um bem coletivo? **Dilemas, Rev Estud Conflito Controle Soc**, Rio de Janeiro. Reflexões na Pandemia, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-18>. Acesso em: 15 abr. 2020.



SUPERMÃES¹, SUPERPROFESSORES E SUPERALUNOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Eliane Regina Pereira²

A maternidade é para os fortes. Acredito muito nisso. Não estamos falando em 9 meses de gestação, nem em parto, estamos falando do trabalho diário de mediar a formação de um sujeito, que desejamos, se torne gente com G maiúsculo. O que por si só já é muito, em tempos de pandemia exige um esforço imensurável.

A Covid-19 alcançou o Brasil e rapidamente mudou nossas rotinas. Já havíamos lido sobre a peste negra, sobre a gripe espanhola, sobre outras pandemias, mas nós nunca havíamos imaginado experimentar algo parecido em nossos corpos.

Nossa rotina se modificou. Sofremos pelo nosso isolamento, pela perda da rotina, mas sofremos igualmente pela impossibilidade de acesso ao isolamento por grande parte da população. Temos medo por nossas vidas, pelas vidas daqueles que amamos, mas tememos pela vida dos desconhecidos, dos trabalhadores das chamadas profissões necessárias. Antecipamos e choramos nosso luto e choramos ainda mais a dor dos desconhecidos já enlutados nesse início de pandemia.

E no meio de tudo isso, as escolas decidem que não podem parar. Sim o slogan é “a educação não pode parar”. Como parar se a educação tem um currículo mínimo para cumprir? Como parar e prejudicar a aprendizagem das crianças-alunos? E claro, muitos educadores sabem que a aprendizagem não se resume a transmissão de conteúdo, mas nesse momento é dela que estamos falando.

Eu! Eu sou mãe e juro que no primeiro momento achei vantajosa a proposta. Não porque me incomoda ter contato com meu filho 24 horas por dia, porque maternidade é período integral. Ou porque tenho que inventar novas brincadeiras para manter sua atenção, até porque acredito que um exercício importante para a criança é aprender a dar conta de si mesma, no tédio, no não

1 A expressão remete a heroína D. Clotilde, The Supermãe, personagem de Ziraldo.

2 Psicóloga, Doutora em Psicologia pela UFSC, Professora do Instituto de Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia. Mãe do Pedro de 10 anos, aluno do 6º ano do ensino fundamental.

saber, na solidão. Apoiei as aulas online – exclusivas em tempos de isolamento – pois desejava que de alguma forma ela oferecesse a criança uma possibilidade de um encontro, mesmo que virtual com a rotina perdida e com seu grupo de iguais. Mas, 30 dias depois do início do isolamento e desse exercício de descobrir a escola online, percebo que só fazem aumentar as angústias dos isolados.

Professores estão sofrendo pois da noite para o dia tiveram que se repensar. De professores a Youtubers. Alteram-se suas carreiras. Da sala de aula para a sala virtual. Alteram-se as plataformas de ensino. Das apostilas e livros para os longos slides e roteiros de estudo. Alteram-se os recursos didáticos. Mas, claro, a única coisa que não se pode alterar é o conteúdo e a avaliação, afinal, como garantir a aprendizagem e medir a “apropriação do conhecimento”?

E professores, vocês todos sabem, não são homens e mulheres como eu e você, portanto, não sofrem por também estarem isolados, enlutados, medrosos.

Crianças-alunos sofrem pela perda de contato. Agora não veem mais seus colegas e nas salas virtuais não devem manter suas câmeras ligadas. Sofrem porque ir à escola significa se afetar a cada encontro com as pessoas, com as coisas, com os processos. Sofrem pela cobrança exagerada. Por conteúdos que precisam ser aprendidos com mediações que chats nenhum dão conta. Agora, toda reflexão sobre mediação de aprendizagem foi descartada e estamos focados na apropriação do conteúdo. Não há encontro, não há trocas. Há tarefas a cumprir, provas online a responder.

Mas crianças-alunos como todos sabem, não são adultos em miniatura, portanto, não estão sofrendo por também estarem isoladas, enlutadas, medrosas.

E as mães. As mães assumiram ainda mais as tarefas domésticas. Nossa jornada dupla agora é jornada em tempo integral. Nós mães, somos convocadas ao home office, sem intervalos para o café, pois nos intervalos assumimos as dúvidas escolares. As mães viraram da noite para o dia especialistas em matemática, geografia, ciências, etc. Como fazer se a criança-aluno não consegue trocas com os professores? Com quem ela troca?

E mães, vocês todos sabem, não são gente como eu e você, portanto, não sofrem por também estarem isoladas, enlutadas, medrosas.

Vivemos uma crise. Uma pandemia que nos isolou. Não precisamos de supermães, de superprofessores e de superalunos. Precisamos de tempo, de afeto, de cuidado.

Dizem, fique em casa, higienize as mãos, se exercite, medite, durma bem, se alimente bem, mantenha uma rotina de trabalho. Faça. Não desanime. Repense suas prioridades.

Ouçõ muitos falarem do pós-pandemia. Do sonho de sairmos desse isolamento melhores. Mas como sairemos melhores? Precisamos decidir que tipo de sujeito queremos ser, que tipo de filho desejamos que se torne, que tipo de aluno queremos educar. Sonhamos com uma sociedade pós-pandemia que mantenha as relações de competitividade, de exploração, de desigualdade social do jeito que vivemos hoje ou desejamos uma sociedade com seres humanos melhores, comprometidos com o bem-estar de todos, com a saúde para todos, com educação para todos, com ética?

Se eu e você precisamos repensar prioridades, quando a escola vai de fato repensar suas prioridades?

O que a comunidade escolar ganha com as aulas online, se não há processo de criação. Não há pensamento reflexivo. Não há encontro, contato, afeto. Há apenas frustração de professores, alunos e mães.

Não digo com isso que devemos abandonar tudo. Mas, se acreditamos e desejamos uma sociedade melhor, precisamos parar agora, desacelerar, repensar e caminhar lentamente.

Nossa vida mudou. São tempos difíceis. Mas não podemos aumentar a dificuldade.

Crianças-alunos precisam de chats que não sejam ferramentas de mão única e que permitam a elas a expressão de suas angústias. Precisam de momentos de câmeras abertas que permitam encontros. Precisam de momentos com som aberto para ouvirmos o barulho ensurdecador dos amigos.

Professores não precisam transmitir tanto. Precisam ouvir. Precisam ser ouvidos. Precisam se sentir seguros na sua condição de professor. Precisam ser lembrados que “menos, pode ser mais”.

Mães precisam ser lembradas que não estão em casa na função de professoras. Estamos aqui para acolher nossos filhos, para dar apoio emocional, para estimulá-los de modo que saibam pedir ajuda aos professores, aos colegas. Podemos ajudar no contato, e potencializar seus recursos na busca por solucionar suas dúvidas, mas não solucionar as dúvidas.

Desejo que o pós-pandemia seja uma verdadeira revolução. Uma revolução dos modos de ser e viver. Uma revolução educacional. Que professores sejam respeitados, que crianças-alunos sejam acolhidos, que mães sejam menos cobradas e que todos aprendamos a andar mais devagar.

Abril de 2020

– Pós-escrito –

Quando escrevi esse pequeno texto-desabafo, Pedro tinha 10 anos, quase 11 e estávamos no início da pandemia. O 6º ano escolar foi tumultuado, primeiro por uma série de mudanças que acontecem ao entrar na segunda fase do ensino fundamental, pelos conteúdos que na ótica da criança triplicam e, as avaliações se complexificam, mas nesse ano de 2020 havia um agravante: estávamos on-line, mas com rotina e cobranças que não mudaram, não se atualizaram. Eu assisti muitas aulas ao lado do meu filho, para que ele entendesse o conteúdo, mas principalmente para que ele conseguisse concentração suficiente para ficar vidrado na aula como fica quando está jogando on-line.

A mudança para o 7º ano, ainda em ensino remoto, revelou um Pedro mais concentrado e mais autônomo em relação a sua aprendizagem, exigindo menos de mim e da minha participação ativa.

As aulas on-line, foram necessárias, mas absurdamente assustadoras. É assustador pensar que a educação não conseguiu se modernizar e atualizar o modo como ensina e avalia.

Março de 2022



PANADEMIA, ENSINO E CURRÍCULO¹

Thiago Luz²

Há currículo por vir? Primeiro de tudo o que é um currículo? Ou melhor, é possível definir um currículo? Normas, regramentos, horários, metas, avaliações... Isso define um currículo? É somente isso um currículo? Um currículo é sempre alguma coisa? Ou um currículo é potencialidade? Um currículo, quem sabe, talvez possa ser definido como fabulações hipotético-contingenciais? Pós-moderna demais essa definição? Provável. Mas que droga, o que é um currículo, então?! Ah, se fosse fácil responder essa pergunta... Pausa! E se, como fizeram Corazza (1997, 2013), Paraíso (2010, 2015) e Gallo (2002), mudássemos a pergunta para o que *pode* um currículo? Se algo aprendemos com a antropologia, a educação e a filosofia (e outras ciências também, claro) é que uma aparente simples mudança de pergunta nos possibilita caminhos outros inimagináveis anteriormente. O que pode, então, um currículo em uma pandemia? Pode ser assim ou assado? Pode, mas também pode ser assim E assado. Como muito bem nos lembra Deleuze e Parnet (1998) sobre as potencialidades do E, ele sempre soma, nunca subtrai, sempre abre e expande, nunca fecha ou reduz. Um currículo que experimenta o múltiplo é capaz de produzir novas e eficazes experiências de aprendizagem. Um currículo com imagens, textos, perguntas, poesia, sonoridade, filmes, afeto, amor, paciência, angústia, aflição... Um currículo tem de experimentar hoje e sempre. Claro, não sejamos ingênuas/ingênuos ao ponto de romantizar momentos dolorosos como este e capitalizar os sofrimentos como faz o capitalismo neoliberal e sua concepção de empreendedorismo onde tudo é válido, onde “basta querer”. O momento não pode ser de esquecimento de que, muitas vezes, EaD ao invés de significar um mecanismo de Educação a Distância significa um mecanismo de Exposição de Adversidades e Desigualdades. Se há um currículo por vir nessa

1 Quero dedicar esse texto à Sandra Corazza, mestre das palavras e das dúvidas, por tudo que me ensinou ao longo de sua existência.

2 Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Licenciado em Ciências Sociais (UFRGS). Pós graduando em Supervisão Educacional (UNILASALLE). Integrante do Grupo de Estudos em Educação e Transgressão (GEETRANS/UFRGS). Integrante da Rede COVID-19 Humanidades MCTI.

pandemia, ele não será individual, mas coletivo, ele não pode ser pensando como fixidez e aprisionamento, mas como flexibilidade e potencialidade. Um currículo por vir deve ser ético e responsável, ou nos termos de Haraway (1995) deve advir de um saber localizado. Pois se algo aprendemos com os métodos qualitativos de pesquisa, em especial os métodos de análise antropológicos, é que as vidas vividas cotidianamente não cabem em leis universalistas (BOAS, 2004 [1930]).

Abril de 2020

– Pós-escrito –

Dois anos atrás, em abril de 2020, durante uma noite de insônia e aflição escrevi o texto acima. Levei menos de 20 minutos para redigi-lo, estava com a cabeça a mil, fervilhando de ideias, medos, inseguranças, perguntas sobre como seriam os próximos dias, as próximas semanas, os próximos meses de pandemia. Desde o primeiro dia que coloquei os pés na Universidade até os dias de hoje a Educação tem me acompanhado. Embora atualmente esteja voltado mais fortemente para a Antropologia Social, minhas parceiras e parceiros teóricos do campo da Educação estão sempre comigo, nunca os abandonei, onde quer que eu vá, levo essas pessoas junto. Durante meus períodos de insônia pandêmica, portanto, nunca estive sozinho, meus pensamentos estavam povoados por seus ensinamentos. Em 2020 dei ênfase a seus ensinamentos em relação à importância do currículo múltiplo, atento à diferença e eticamente responsável. Hoje, quero dar ênfase aos seus ensinamentos sobre planejamento. Para quem vem da Educação ou transita por esse campo, essa ideia não é nova. Para nós, pessoas educadoras, o planejamento é parte fundamental e indispensável de nossa prática docente. Foi Sandra Corazza, mestre das palavras, dos trocadilhos, das inquietações quem mais me ensinou sobre planejar. Para ela, planejar é “produzir uma visão política e um espaço de luta cultural” (CORAZZA, 1997, p. 124). Além disso, planejar é da ordem ética, já que ética “implica respeito e responsabilidade para com esta nossa

ação e para com os sujeitos dela integrantes [...]” (CORAZZA, 1997, p. 121). Minha atual ênfase na ideia de planejamento vai, então, ao encontro da perspectiva de Sandra Corazza, pois nessa volta às atividades educacionais presenciais, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior, o planejamento mostra-se inescapável. Acredito que todos nós temos o sonho de voltar a conviver com amigos, colegas e docentes, porém, essa volta necessita ser eticamente planejada. Embora a pandemia já faça parte de nossa vida a certo tempo e sua letalidade tenha sido drasticamente diminuída pela vacina e pelos cuidados coletivos, um sonho não basta, é necessário um planejamento responsável e um compromisso ético de combate às desigualdades e inequidades, principalmente das pessoas gestoras, pois a “normalidade” não existe mais. As coisas não podem – e não devem – ser pensadas a partir dos parâmetros pré-pandêmicos, pois isso seria irresponsável e antiético. Um planejamento, portanto, é irrefutável, se pretendemos partilhar de concepções coletivas de democracia, ao invés de concepções individualistas.

Abril de 2022

Referências

- BOAS, F. Alguns problemas de metodologia em ciências sociais [1930]. In: CASTRO, C. (Org.). **Franz Boas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CORAZZA, S. M. Planejamento de Ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, A. F. (Org.). **Currículo: questões atuais**. Campinas: Papirus, p. 103-143, 1997.
- CORAZZA, S. M. **O que quer um currículo: pesquisas pós-críticas em educação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.
- CORAZZA, S. M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Doisa, 2013.
- DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: ISA, 2017.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- GALLO, S. Em Torno de uma Educação Menor. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, p. 169–178, 2002.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41, 1995.
- PARAÍSO, M. A. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 587–604, 2010.
- PARAÍSO, M. A. Um currículo entre formas e forças. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 49–58, 2015.

“TEM DIA QUE EU ME SINTO COMO OS MÚSICOS DO TITANIC” – ENTREVISTA COM DANIEL ALBINATI

Frederico Viana Machado¹

Daniel Albinati é produtor musical e DJ, um dos nomes por trás da conhecida banda de música eletrônica Digitaria, iniciada em Belo Horizonte no ano de 2004. Desde 2013 vive em Barcelona e atualmente se dedica também ao seu projeto solo, Daniel Watts, e ao selo Clash Lion Records. Nesta entrevista, conversamos sobre os impactos da epidemia em seu trabalho e sobre a experiência da vida cotidiana da Espanha, um dos países mais afetados pela Covid19.



Foto: Daniel Albinati

¹ Equipe Editorial AntropoLÓGICAS Epidêmicas

P. Como tem sido viver em Barcelona, uma vez que a Espanha é o segundo país mais afetado pelo Coronavírus?

Bom, estou vivo e saudável, o que já é uma grande vantagem. O país está completamente parado e as pessoas confinadas às suas casas - as únicas coisas que estão abertas são supermercados e farmácias, e você tem que ir na mais próxima da sua casa. O estado está levando isso muito a sério, a polícia multa e prende mesmo quem estiver na rua sem justificativa. O mundo lá fora parece um filme de ficção científica, as ruas totalmente desertas, as praças, as estradas.

Nos supermercados (que vou uma vez por semana), o clima é super tenso, todo mundo de máscara, nervoso e mantendo as distâncias de segurança. Eu não tenho raízes aqui e não conheço nenhuma vítima do Covid, mas creio que uma imensa parte do povo espanhol nato deva ter alguém mais ou menos próximo que faleceu. É um país sob uma pressão gigantesca, de stress e tristeza.

Todos os dias as 20:00 as pessoas vão pras sacadas dos apartamentos e ficam uns 5 minutos batendo palma e cantando em homenagem aos profissionais de saúde. É praticamente a única hora do dia que eu vejo as outras pessoas, todo mundo com cara de desânimo e cansaço, mas ali, batendo palmas. Cinco minutos de doçura e esperança no meio da peste.

P. Como isto afetou o mercado de produtores e djs?

Absolutamente todas as festas de todos os lugares foram canceladas. Como vivemos disso, pode-se dizer que a renda de todo mundo caiu para algo próximo de zero (porque existem as vendas de música, mas é uma mixaria). Obviamente não somos o único grupo afetado - restaurantes, lojistas, bares, a imensa maioria das pessoas está temporariamente desempregada. Ninguém sabe quando as coisas vão voltar, e como. Os restaurantes vão ter que viver um tempo com 1/3 das mesas, cada uma a dois metros da outra. Quanto a clubes e festivais, que é de onde eu tirava dinheiro, creio que vai ser a última atividade a voltar ao normal (se é que ainda é permitido usar essa palavra).

Os grandes/ricos vão poder se manter por um, dois anos sem trabalhar até que tudo se normalize. Os menores vão ter que contar com uma certa sorte. Deve rolar um desemprego em massa, não só na minha área.

P. Do ponto de vista psicológico, como tem sido para vocês, que estão acostumados a tocar em festas e shows, ficarem tanto tempo isolados do mundo?

Acho que estamos enlouquecendo mais ou menos como todo mundo. Depois de um mês trancafiado em um apartamento acho que não tem uma pessoa mais nesse país que não esteja sofrendo. Eu ainda me considero uma pessoa de muita sorte – vivo num apartamento grande, dividido com um amigo, temos nossos estúdios, ele cozinha bem, etc. Fico imaginando casais com muitos filhos, gente que não se dá muito bem, pessoas com problemas de convivência... Essas devem estar passando os piores dias de suas vidas. Quem não pode trabalhar em casa e tem que ficar dois meses sentado num sofá.

Na primeira semana de confinamento eu estava olhando pela janela de madrugada (agora eu entendo os gatos que ficam o dia todo olhando o mundo lá fora pela janela) e do nada sai um senhor com um edredom e um travesseiro e entra num carro e vai dormir. Pensei “é, esse casamento não durou uma semana de convivência”.

Já temos um mês de confinamento e mais um pela frente. Os números de violência doméstica aumentaram muito. Ouvi dizer que os de suicídio também. Quem nunca viveu essa experiência - um confinamento sério - não sabe o que é. Tenho certeza absoluta que os consultórios de psicólogos e psiquiatras vão estar lotados quando acabar isso.

P. A música tem ajudado a tornar esse tempo isolados do mundo em uma experiência minimamente interessante?

Ah, nada demais. É claro que ajuda a passar o tempo escutar música, ler, ver filmes e tal, mas pouco. É difícil se entregar à fruição de uma obra de arte durante o fim do mundo.

P. Como vocês acham que isto vai impactar o cenário musical após o término dos períodos de isolamento? Minha pergunta é mais estética do que econômica. Vocês acham que os estilos refletirão mais sentimentos de liberdade e união ou de medo e desesperança?

Acho que ambos. Imagino que deva vir uma corrente bem obscura que reflita o que está passando, todas as mortes e a depressão econômica e as guerras

que devem pipocar por aí. Ao mesmo tempo também creio que deve vir por aí um surto de hedonismo e positividade quando tudo começar a afrouxar um pouco.

P. Como tem sido viver longe da família? O que você tem falado com os familiares?

Eu já vivo aqui na Espanha há 7 anos, então estou acostumado a viver longe da família. Conversamos com frequência pela internet. Como tá todo mundo em casa meio sem fazer nada, essa frequência cresceu bastante – tem os grupos da família onde todo mundo fica mandando memes e fotos de criança o dia inteiro. Acho que é a forma deles lidarem com a angústia do que está vindo.

Como a Espanha é um país com muitos infectados e mortos, muita gente me escreve – família e amigos – perguntando como eu estou. Se isso tudo teve um lado positivo, foi de me reconectar e me aproximar com algumas pessoas do passado.

P. Como vocês avaliam a resposta que o Brasil tem dado à epidemia, em comparação com a Espanha?

A Espanha demorou muito para fazer o isolamento social e o número de testes é insuficiente. É óbvio que o governo errou, basta olhar os números (assim como os EUA, o Reino Unido, a Itália...). Mas absolutamente nada no mundo se compara ao Brasil, porque acho que é o único país no planeta onde o presidente parece querer matar o maior número possível de pessoas. É uma situação ímpar e chocante. Além da desgraça completa das mortes e da economia, o Brasileiro ainda tem que lidar emocionalmente com o terrorismo diário do presidente e seus asseclas – as igrejas, as carreatas, etc.

Eu tenho amigos que trabalham no NHS (United Kingdom National Health Service) no Reino Unido e me relatam coisas terríveis. Quando eu penso o que está acontecendo por lá e nos EUA e penso na distância econômica e de estrutura entre esses países e o Brasil, não consigo nem imaginar direito a catástrofe que pode acontecer. O número de testes no Brasil é ínfimo e as pessoas não estão respeitando o isolamento de uma forma séria. Não tá dando pra ser muito positivo quando penso nisso.

P. O que vocês pretendem fazer assim que a vida voltar ao normal? Se é que podemos usar esta palavra...

Não sei nem o que vou fazer antes da vida voltar ao normal. Se eu conseguir me segurar financeiramente até “a volta ao normal”, acho que devo ficar mais ou menos no mesmo ramo de trabalho. Creio que a realidade deva mudar bastante nos próximos meses para todos – professores, garçons, microempresários, médicos, artistas, todo mundo. No começo disso tudo eu ainda fazia uns exercícios de futurologia “ah, acho que quando acabar as pessoas vão fazer sei lá o que”. Agora já nem arrisco mais. Acordo e vou fazer música. Tem dia que eu penso “quando isso acabar, tenho que ter um bom material em mãos”. E tem dia que eu me sinto como os músicos do Titanic, ali tocando pra ninguém enquanto o barco afunda. Acho que ninguém sabe de mais nada com certeza, né?

Abril de 2020



Link: [SOUNDCLOUD1](#)

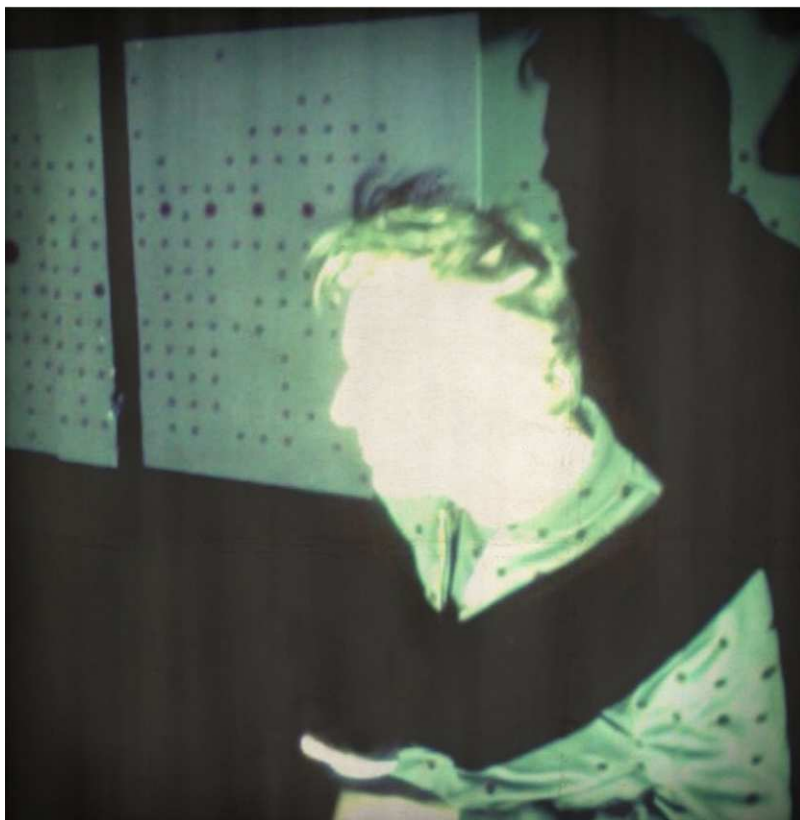
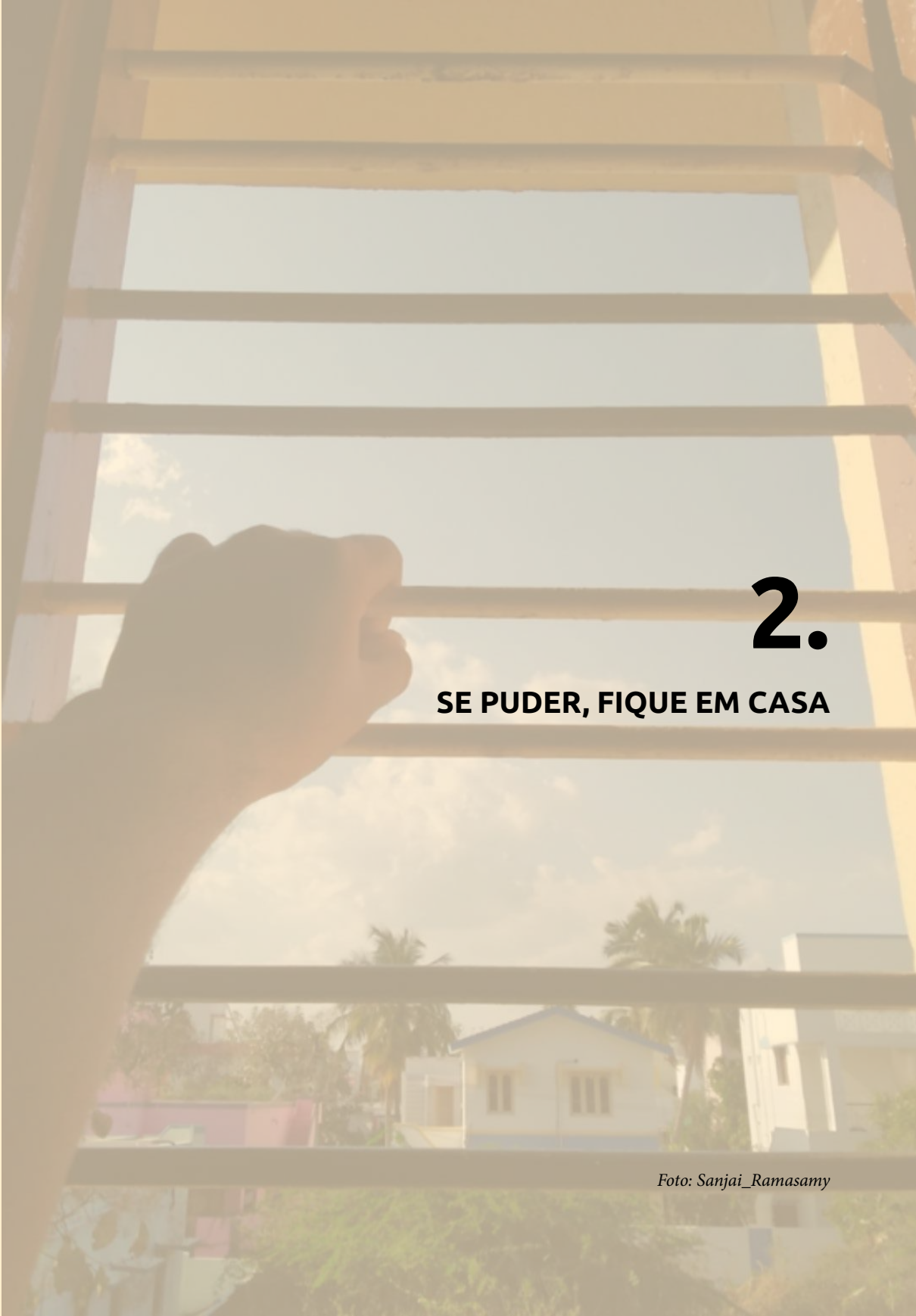


Foto: Daniel Albinati



Link: [SOUNDCLOUD2](#)



2.

SE PUDER, FIQUE EM CASA

Foto: Sanjai_Ramasamy



VIDA DE APARTAMENTO, EXPERIMENTANDO ETNOGRAFIA E SOM

Rafael F. A. Bezzon¹

“Durante o dia inteiro o homem faz pequenos macetes inocentes;
(...) Talvez os momentos mais reais que a gente conheça
sejam aqueles em que se está sentado na privada (...)”
(Henry Miller, Sexus, p. 337)



Foto: Rafael Bezzon. Vida de Apartamento (20.04). São Paulo, 16 de abril de 2020.

1 Cientista Social, Professor e Pesquisador. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), pesquisador do Núcleo de Antropologia da Imagem e da Performance – NAIP (CNPq / UNESP), e professor para as disciplinas de Antropologia, História e Sociologia.

O antropólogo francês Michel Agier defende em um de seus livros (*Encontros Etnográficos: contexto, interação, comparação*, 2015), e concordo com ele, que “Não existe etnólogo sem uma partida, sem sair de casa e ir olhar o mundo [...]”. Em tempos de circulação controlada de pessoas, coisas e mercadorias, esse movimento de pesquisa, orientado por princípios como o de “Olhar, Ouvir e Escrever” - para lembrar os ensinamentos do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira - se mostra um tanto quanto complicado.

A atual imobilização, que não condiz com as temporalidades impostas pelo capitalismo contemporâneo, o confinamento age diretamente nos corpos, transformando a vida cotidiana. Além disso, ele é exercido pela linguagem e se torna *palavra de ordem* - “confinamento”, “isolamento social” - (re)orientando nossa realidade.

E, como tal, gera efeitos imediatos em nossa percepção: ante os espaços em que vivemos, nossos hábitos diários, as coisas e objetos com o qual nos relacionamos, nossos pequenos trajetos e hábitos cotidianos. Para entendermos o que se passa, seus afetos e efeitos na vida cotidiana, penso que é necessário (re) adaptar nossa *percepção* para as pequenas - às vezes imensas - temporalidades diárias da *escala* diminuta deste *tempo* novo.

Como lembra Roberto Cardoso de Oliveira, o trabalho de pesquisa de qualquer antropólogo é construído por *atos cognitivos* que são “domesticados” através das teorias e das experiências vividas que os (re)orientam. Neste momento, a *percepção* - que pode ser entendida de maneira simples como a forma pela qual traduzimos as experiências em conhecimentos - se mostra uma aliada importante enquanto instrumento do conhecimento para pensarmos as vivências polifônicas do cotidiano.

Se o que se passa é uma transformação nas escalas das partidas, nos voltamos para nossas rotinas e seus *pequenos macetes inocentes* (como lembrado por Henry Miller), suas imagens, seus sons e silêncios, seus movimentos e pausas. Da infância a vida adulta, a maior parte do tempo experienciei uma vida de apartamento - apenas por uns anos, durante a graduação, morei em casas. Que há diferenças (de escala) nas formas de habitar, isso é visível nas nossas cidades, mas uma *vida de apartamento* tem suas próprias características.

A realização de pequenos trajetos, do quarto ao banheiro, de lá para a cozinha. Dali para a sala, uma espiada na varanda e de lá para a mesa de trabalho.

De volta para a cozinha, depois idas ao banheiro, de volta para a sala. E, assim, segue o dia. Uma diferença interessante na vida de apartamento é a extensão da nossa visão. Daqui se vê pelas janelas e varandas os vizinhos do prédio à frente, o acender e apagar das luzes, os banhos de sol nas varandas e terraços, os sons de suas rotinas: o tilintar de panelas, as músicas e as conversas.

As ruas estão escondidas. Os sons que vêm de lá nos permitem imaginar o que se passa. Há pássaros cantando, ou piando, não sei bem o que fazem. A popular “vapi” - lavadora de alta pressão - também canta. Há martelos, furadeiras, estampido de metais e as serras, que também ressoam nas construções. As motos, carros, ônibus e aviões - estamos próximos a um aeroporto - bastante populares na região, não se escutam. Nossos dias - pelo menos por aqui - são permeados por esses sons externos que confluem com o bater de dedos no teclado, os “cliques” do mouse, os eletrodomésticos e outros móveis que também se fazem ouvir em suas rotinas diárias.



Experimento etnográfico sonoro: “Vida de Apartamento”.



Link: <https://audioboom.com/posts/7559987-apartment-life-sao-paulo>



Rafael Bezzon - Som I - Vida de Apartamento (WAV)



Link: https://soundcloud.com/lappacs/audio-03-rafael-bezzon-som-i-vida-de-apartamento-wav?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

São Paulo, 16 de abril de 2020.

Referências

AGIER, M. **Encontros Etnográficos: contexto, interação, comparação**. 1. ed., São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

MILLER, H. **Sexus**. 2. ed., São Paulo: Editora Record, 1967.

OLIVEIRA, R. C. de. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: OLIVEIRA, R. C. de. **O Trabalho do Antropólogo**. 2. ed., Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000.

- Pós-escrito -

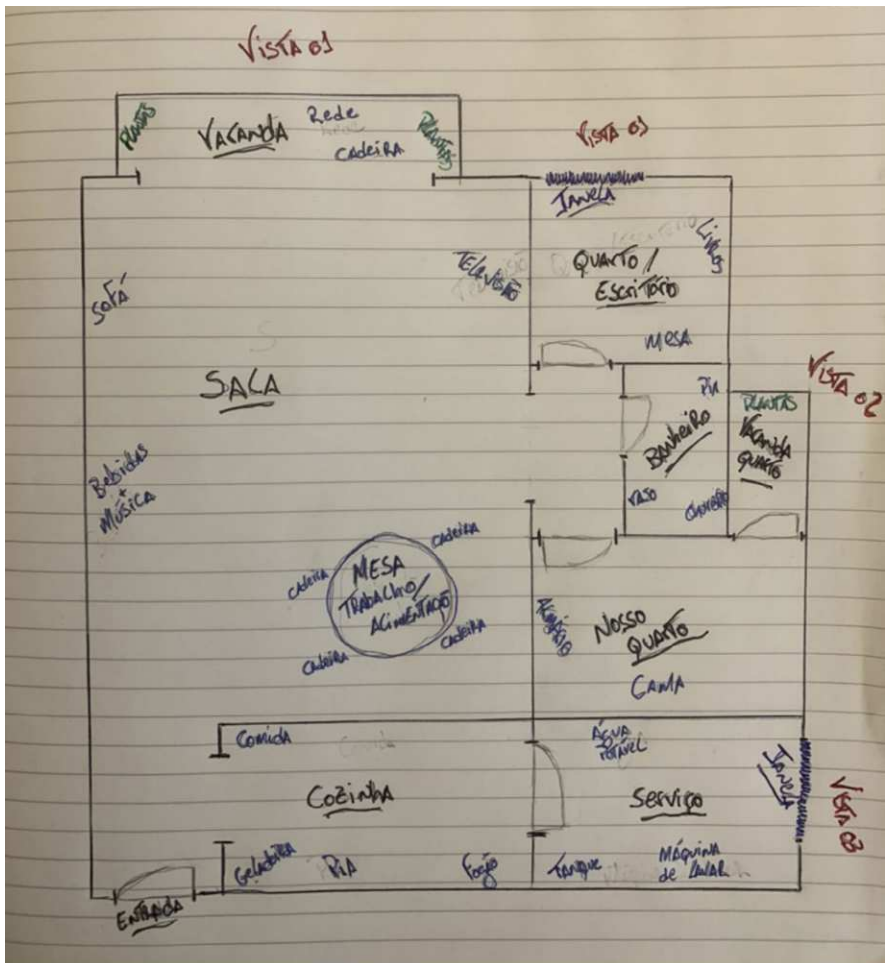


Foto: Rafael Bezzon - Planta desenho

Sismo-grafar, conectar-se aos tremores do mundo

Entre o final de fevereiro e o início de março de 2020, nas vésperas do solstício de verão, foi oficialmente declarada a pandemia de Sars-Cov-2 (Covid-19) no Brasil. Se aqui a pandemia demorou a ser reconhecida, o mundo já sentia seus efeitos desde os primeiros dias de 2020. O mundo tremeu! - como nos lembra Luisa Duarte e Victor Gorgulho (2020, p.15). Tremia, pois sofria os sismos produzidos por um pequeno vírus, invisível a nossos olhos, responsável por suspender bruscamente os fluxos de serviços, pessoas, mercadorias e bens. Tremíamos pelo isolamento social, o confinamento, mas também ante as incertezas, o desconhecido, o mundo porvir que se apresentava e se imaginava.

Georges Didi-Huberman certa vez afirmou que os historiadores, os antropólogos, os pesquisadores em geral podem atuar como um sismógrafo (2013, p.112). O pesquisador-sismógrafo não se limita a descrever o visível, aquilo que é latente e perceptível, mas se volta para os movimentos invisíveis (abalos, ondas, sismos) produzidos durante esses contextos e que sobrevivem, permanecem e alteram nossas percepções e perspectivas. É como se nos colocássemos em uma espécie de “estado de alerta” e à espreita para os acontecimentos que nos envolvem, uma maneira de estar centrado no mundo, como lembra Aílton Krenak (2020, p. 28), para que possamos nos relacionar e refletir sobre o que afeta nossas vidas.

Imerso nesse contexto de confinamento e isolamento social, distanciamento e trabalho remoto, mas alerta e centrado no que se passava, me deparei com a crônica-visual de Jorge Bodanzky “Dias de quarentena”² (2020). O cineasta ao transitar com sua câmera explorando o espaço da residência em que vive, constrói uma experiência-sensação sobre o isolamento social e o convívio ininterrupto, muitas vezes angustiante, dos corpos com os espaços de confino. Esse encontro me provocou a ajustar minha percepção para o ambiente doméstico em que vivia, com seus espaços, itinerários e rotinas.

O contato com o projeto #StayHomeSounds - Sounds from the global Covid-19 lockdown (2020)³, que tinha por objetivo, durante o contexto de lockdown imposto

2 “Dias de quarentena”, 06 abr. 2020. Revista Zum. Disponível em: <https://revistazum.com.br/columnistas/dias-de-quarentena/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

3 É possível acessar o site do projeto e navegar através do mapa de sons registrados e reimaginados enquan-

pelo Coronavírus, documentar e perceber o ambiente em que se vive por meio de seus sons, me fez novamente reajustar minha percepção. Principalmente através de meu ouvido, pois abriu a possibilidade de refletir sobre o ambiente doméstico e os espaços onde vivemos através de seus sons, ruídos e barulhos com os quais nos relacionamos e muitas vezes naturalizamos. Os registros sonoros produzidos pelas pessoas ao redor do mundo foram postados nesse grande repositório e poderiam ser reimaginados, remixados, reconfigurados por outros artistas, músicos e pesquisadores.

Como nos lembra Filipe Reis (2009, p. 12), nossa experiência de estar no mundo envolve uma vivência que é visual, tátil, olfativa, gustativa e sonora. Esta última, muitas vezes, passa despercebida, mas as “sonoridades” carregam e instigam memórias individuais e coletivas que permitem repensar nossa experiência relacional e social com o ambiente que nos cerca e os espaços em que habitamos.

Foi como um sismógrafo, centrado e alerta ao mundo, que procurei refletir e dar sentido para minha experiência de confinamento e isolamento social através de um experimento-documento textual, sonoro e imagético interessado nos itinerários e percursos cheios de sons, sentidos e “pequenos macetes” que estabelecemos durante nossas rotinas.



Experimento etnográfico sonoro: “Vida de Apartamento”, remixado e reimaginado por Keith de Mendonca.



Link: <https://audioboom.com/posts/7629272-sao-paulo-apartamento-miniature>

Abril de 2022

to o mundo tremia, por meio do link disponível em: <https://citiesandmemory.com/covid19-sounds/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

* Outro projeto que se utilizou do som como elemento sensível para refletir sobre o mesmo contexto foi o Janelas Desobedientes (2020) coordenado por Gisele Beiguelman (FAU | USP). Disponível em: (<http://janelasdesobedientes.art.br/index.html>). Acesso em: 24 fev. 2023.

Referências

- BODANZKY, J. Dias de Quarentena. **Revista Zum**, São Paulo, 06 abr. 2020. Disponível em: <https://revistazum.com.br/colunistas/dias-de-quarentena/>. Acesso em: 06 abr. 2020.
- BOGOSSIAN, G.; KRENAK, A. O contato e o contágio: entrevista com Aílton Krenak. In: **No tremor do mundo: ensaios e entrevistas à luz da pandemia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.
- DIDI-HUBERMAN, G. Sismografia dos tempos moventes. In: DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DUARTE, L.; GORGULHO, V. Introdução. In: DUARTE, L.; GORGULHO, V. **No tremor do mundo: ensaios e entrevistas à luz da pandemia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.
- REIS, F. A (I)materialidade do som: antropologia e sonoridades. In: COSTA, P. F. da (Org.). **Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades**. 1. ed. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação; Softlimits, 2009.



#INDIAN.QUARANTINE.TALES

Marcelo Schellini¹ (coord) e alunos

No dia 15 de março de 2020 o semestre foi interrompido. Em poucos dias os alunos foram mobilizados, aturdido assisti centenas de jovens evacuarem o campus. Cerca de 23 mil estudantes vivem dentro do campus do Vellore Institute of Technology que é uma das maiores instituições acadêmicas do sul da Índia. Com restrições ao transporte ferroviário e sua vasta malha que se estende pelo subcontinente, os alunos se organizaram em grupos utilizando uma miríade de veículos que se dirigiram rumo às residências das famílias distribuídas pelos estados. A juventude tem uma vivacidade que faz parecer mesmo um momento de crise em um plano improvisado de excursão, uma efervescência, férias antecipadas. De fato, até aí não sabíamos a gravidade do momento. O governo dias depois decretou o plano de medidas e as regras do *lockdown* e do distanciamento social.

Voltando para a residência dos professores me deparei com o vazio deixado pelos alunos. Era estranho que eu tivesse que restar enquanto todos se foram. Neste momento, encontrei tempo para ler um livro que há muito tempo planejava. Se tratava do *On the Art of Fixing a Shadow: One Hundred and Fifty Years of Photography*, um livro de história da fotografia publicado em 1989 em comemoração dos 150 anos do anúncio da invenção da fotografia.

Mas foi somente no último ensaio que eu encontrei a ignição e o estímulo que norteou o desenvolvimento deste projeto em andamento. *Beyond the Photographic Frame*, escrito pelo historiador Colin Westerbeck, é o último e talvez o mais audacioso capítulo pois analisa o recorte de tempo entre 1946 - 1989. Audacioso porque além de cobrir um período que lhe era atual também aborda o período do pós-guerra e os seus vários desdobramentos estéticos.

Entre outros assuntos, o ensaio discute e aborda casos específicos de fotógrafos que por motivos sociais, políticos ou pessoais se encontraram

¹ Doutor em Poéticas Visuais pela ECA - USP. Mestre em Estudos da Cultura Visual pela Universidade de Barcelona. Atualmente professor de fotografia e desenho gráfico na VIT University Vellore - Índia. Contato: marcelo.schellini@vit.ac.in

confinados dentro de suas casas e reflete sobre as reações criativas em face ao isolamento e à reclusão. Este foi o caso do *From my Window* (1981) de André Kertész, *From my Studio Window* (1944 - 1953) de Josef Sudek e *As From My Window I Sometimes Glimpse* (1957 - 1958) de W. Eugene Smith. No que parece, períodos de conflitos e crises redefinem o trabalho pessoal e algumas vezes a própria linguagem da fotografia.

Neste momento, achei oportuno contatar os alunos do curso de fotografia dos Departamentos de Múltiplos Meios e de Desenho Industrial que eu havia conhecido apenas dois meses atrás com a minha chegada na universidade. Estava seguro que era o momento dos alunos conhecerem os trabalhos mencionados acima, certo de que estávamos em um tempo de refletir e produzir, e não somente assistir passivamente o desenrolar dramático do surto do Covid-19. Sobretudo, um momento histórico importante para estimular uma documentação pessoal e poética. A resposta foi rápida e positiva. Logo foi pensado e decidido coletivamente um programa de encontros online, exercícios, postagens e publicações na rede.

Maio de 2020

As fotos publicadas aqui foram postadas em 04/05/2020 na conta coletiva do instagram [@indian.quarantine.tales](#)

Referências

- KERTÉSZ, A. **From my Window**. New York: New York Graphic Society, 1982.
- SHELLINI, M. A. "The Peacock Junction". *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia*, São Paulo, v. 6, n. 1, e-178043, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.178043>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/178043>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- SUDEK, J. **The Window of my Studio**. New York: D.A.P./Distributed Art Publishers, 2007.
- WESTERBECK, C.; GREENOUGH, S.; SNYDER, J.; TRAVIS, D. **On the Art of Fixing a Shadow: One Hundred and Fifty Years of Photography**. Los Angeles: Library of Congress, 1989.

Coordenação e curadoria

Marcelo Schellini

Fotografias

Siva Karthik
Ishika Nandrajog
Vasantha Kumar
Charan J
Aravindh
Sibi Saravanan
Santosh,
Sanjai Ramasamy
Siddharth M J
Sandeep Balaji
Krishnapriya A P
Sneha Siva
Ram Kumar
Alston Henry Rodrigues
Shivam Kumar
Mohammed Jazim
Aditya Balakrishnan
Sam Roger

Fotografias pós-escrito

Marcelo Schellini



Foto: Siva_Karthik



Foto: Ishika_Nandrajog



Foto: Vasantha_Kumar



Foto: Charan_J

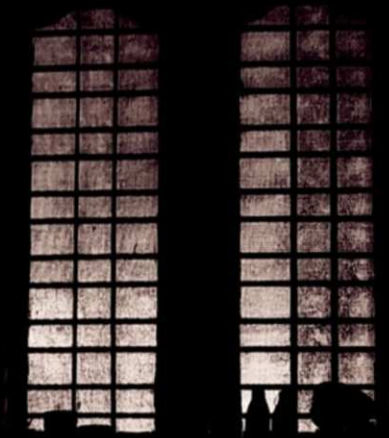


Foto: Aravindh



Foto: Sibi_Saravanan



Foto: Santosh



Foto: Sanjai_Ramasamy



Foto: SiddharthMJ



Foto: Sandeep_Balaji



Foto: Krishnapriya



Foto: Sneha_Siva



Foto: Ram_Kumar



Foto: Alston_Rodrigues



Foto: Shivam_Kumar



Foto: Mohammed_Jazim



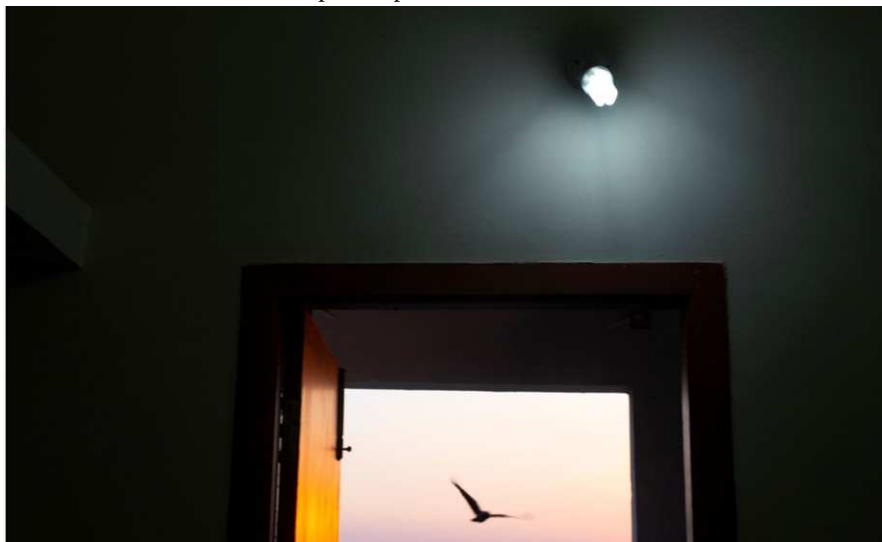
Foto: Aditya_Balakrishnan



Foto: Sam_Roger

– Pós-escrito –

postscriptum_01_marcelo



postscriptum_02_marcelo



Abril de 2022



EU VIVO UMA FICÇÃO CIENTÍFICA

Angícia Mourão¹

Lockdown City, Pandemônio

Dia 4. 424 óbitos

“... para sua proteção, mantenha uma distância mínima de 2 metros entre as pessoas. Permaneça o tempo mínimo possível dentro do estabelecimento e não esqueça de higienizar as mãos. Encruzilhada. Porque todos merecem o melhor”. Depois de semanas de infecções indiscriminadas, atividades suspensas, perguntas sem respostas e constantes recomendações de isolamento social, chego quase ao fim de um período de bloqueio total da circulação de pessoas pela cidade. Além de só ter permissão para sair de casa em situações justificáveis, ando com máscara de tecido no rosto e portando um vidrinho de álcool em gel a 70% de concentração. Levo comigo um comprovante de residência e minha identidade para certificar quem sou e que moro perto do supermercado-destino-passeio que frequento. Nas poucas quadras entre a minha casa e ele, ninguém e nada enchem o espaço. Não há pessoas nas calçadas ou nas janelas das casas e apartamentos; ninguém entra e ninguém sai de nenhuma portaria ou garagem; nenhum carro circula na avenida e o sinal de trânsito é um bobo da corte que trabalha para nenhum rei. Não há sons.

Ou melhor, não havia som nenhum. À medida que chego perto do supermercado-destino-passeio, uma voz masculina anuncia: “...para sua proteção, mantenha ... 2 metros entre as pessoas. Permaneça ... do estabelecimento e não esqueça de higienizar as mãos. Encruzilhada. Porque ... Atenção, senhores clientes!...”. Ato contínuo, tiro o frasco de álcool em gel do bolso e higienizo as mãos.

Na entrada do grande armazém que ocupa toda a quadra, há duas lojas de venda de alimentos e uma cafeteria, com todas as mesas e cadeiras disponíveis.

¹ Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS – UECE), aluna de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS – UFRGS), integrante da rede de pesquisadores Observatório das Nacionalidades (UECE), integrante do Grupo de Antropologia da Economia e da Política (GAEP – UFRGS) e experimentadora da política de cortes no financiamento público à pesquisa científica empreendida no Brasil, em particular por meio da CAPES.

Do lado, há uma lotérica e a entrada de uma academia de ginástica, daquelas badaladas, que fazem correr em cima de uma esteira, sem chegar a lugar nenhum, parecer a coisa mais obstinada e garantidora de sucesso do seu dia. Nem as lojas, nem a cafeteria, nem a lotérica nem a academia parecem ter estado em funcionamento, em algum dia. Somente na sequência, quando vejo a entrada do supermercado-destino-passeio repleta de pessoas, tenho a certeza de que estou em dia e horário útil. Será que as horas ainda se dividem entre úteis e inúteis?

“Atenção, senhores clientes! Em cumprimento ao decreto municipal de número 33.574, do dia 1329 óbitos, comunicamos que não é permitida a entrada em supermercados sem o uso de máscara de proteção. Somente será permitida a...”. Enquanto me dirijo à entrada do supermercado-destino-passeio, percebo que tenho que reaprender a entrar nele. As duas portas de vidro que deslizam automaticamente não são mais idênticas e desimportantes. Em uma, um grande cartaz indicando a entrada do supermercado é a fronteira que separa seu interior de uma fila de pessoas que aguarda a sua vez do lado de fora, cada uma a 2 metros de distância da outra, de acordo com a marcação dos adesivos no chão; na outra, um grande cartaz indicando a saída, de onde ocasionalmente pessoas saem empurrando seus carinhos cheios de compras. Entre ambas, do lado de dentro, dois homens usando máscaras pretas e coletes em que eu posso ler “vigilância” observam o fluxo de pessoas. Não vejo mais as cestas de plástico azul ou os carrinhos de metal para carregar as compras do lado de fora, mas sei que eles estão ali, porque acabei de vê-los em uso e escuto uma destoante rolagem metálica que só pode ser dos carrinhos.

Caminho para o fim da fila, que vai até o estacionamento no subsolo. Rampa abaixo, observo até onde vão os adesivos que marcam a distância entre as pessoas e a sua obediência, cada vez menos rigorosa, depois que eles se esgotam. “Atenção, senhores clientes! Em cumprimento ao decreto municipal de número 33.574, do dia 1329 óbitos, comunicamos...”. Passo por pessoas apreensivas, que se espantam com a minha passagem, com a aproximação (indevida?) daquele que está atrás de si ou talvez com o silêncio atípico, que caracteriza a ausência daquele assunto oportunamente tratado na fila de espera. Tomo meu lugar, confiro se há mais ou menos 2 metros de distância à minha frente e espero que quem venha a seguir tome o mesmo cuidado que eu. Homens, mulheres e jovens solitários à espera da sua vez.

Há apenas um casal bem mais à frente, mas que, tão logo se aproxima da porta de vidro da entrada, se separa. A mulher fica do lado de fora, ainda esperando.

Finalmente atento ao pedido da voz do alto-falante e escuto: “Atenção, senhores clientes! Em cumprimento ao decreto municipal de número 33.574, do dia 1329 óbitos, comunicamos que não é permitida a entrada em supermercados sem o uso da máscara de proteção. Somente será permitida a entrada de uma pessoa por família, para a execução das compras. Pedimos que, para sua proteção, mantenha uma distância mínima de 2 metros entre as pessoas. Permaneça o tempo mínimo possível dentro do estabelecimento e não esqueça de higienizar as mãos. Encruzilhada. Porque todos merecem o melhor.” Só então, começo a compreender as novas regras de convivência.

Mais próxima da entrada, vejo que ali há dois funcionários do supermercado-hospital-prisão a postos. Uma tem em mãos um termômetro digital infravermelho, que mede a temperatura corporal apenas com a aproximação de sua tela da testa do paciente-cliente. Sem toques, apenas números e o alívio “pode passar”. É ela também quem fica de olho na porta de saída, ao lado, para conferir o número exato de pessoas que acabam de sair. Sai uma, entra uma. Saem duas, entram duas. Sem toques, apenas números. O outro funcionário se encarrega de borrifar álcool líquido (supostamente em uma concentração de 70% em solução aquosa) nas mãos dos clientes-pacientes, nas cestinhas de plástico azul (Arrá! Achei!) e nos guidões dos carrinhos de metal que são encarrilhados e conduzidos para o subsolo por outro funcionário. Todos de máscara, luvas de plástico, toucas descartáveis com elástico e um cortês “bom dia!”.

Preciso permanecer o mínimo de tempo possível dentro do supermercado-hospital-prisão, então. Além do alto-falante, uma fila de pessoas espera ansiosamente a sua vez do lado de fora. Pego minha cestinha de plástico azul higienizada e faço uma lista mental do que preciso. Caminho acertadamente rumo às seções que me são familiares, apenas para me surpreender com a pouca quantidade de pessoas, com algumas prateleiras que têm folhas de ofício penduradas com os dizeres “limite de compra de 05 unidades por pessoa” e com o preço levemente mais elevado de alguns produtos. Ainda bem que, em casa, não precisamos de muito. Ao terminar de coletar os itens de que necessito, me dirijo aos caixas.

Mesmo em meio a um pandemônio, é reconfortante saber que uma coisa é certa no Encruzilhada: nem todos os caixas estão em funcionamento e há filas

extensas para pagar as compras. Fico à espera em uma delas e penso que, ao menos neste momento, o supermercado-hospital-prisão pode argumentar com razão que a redução no número de atendentes de caixa visa o bem estar de seus pacientes -clientes. Lembro de sacar meu frasco de álcool em gel a 70% e, enquanto esfrego as mãos, os dedos e os pulsos, olho para os lados e confiro atentamente que estou a 2 metros de distância das pessoas mais próximas de mim. Adiante, vejo a tensão dos corpos munidos de crachás, máscaras e frascos de álcool, que não querem pegar nos produtos para não correrem o risco de adoecer, mas o fazem. Têm que fazê-lo. Não há bom dia ali, apenas resignação e cartões de crédito.

Sou a próxima na fila do caixa e controlo minha ansiedade de sair dali. De repente, uma sirene estridente assalta a todos de surpresa. Berra repetidamente, descontroladamente, para nos avisar de que algo está errado. Alguém está agindo errado! Quem?! Não sou eu, sou?! Não. Ainda estou na fila, a 2 metros de distância do cliente-paciente à frente e não ultrapassei nenhum limite. Olho para os lados e vejo mais pessoas olhando para os lados, à procura do problema. Quando chego à conclusão de que o erro não parece ser em nenhum dos caixas, meu olhar percebe os dois vigilantes da entrada do supermercado-hospital-prisão em frente à porta de saída, barrando a entrada de alguém. É uma mulher com um carrinho de metal vazio que tenta entrar pela porta de saída. Distraída e estupefata, para diante dos dois coletes de vigilância. Em direção a eles, corre o homem que estava sendo atendido no caixa à minha frente. Ela explica que só queria entrar com o carrinho para ele ter onde colocar as compras. Ele confirma aos coletes, pega o carrinho e pede que ela continue esperando do lado de fora. De novo, aquele casal da fila.

Aquela cena me toma por completo. Pensando o tempo todo nela, disponho meus itens de compra na esteira do caixa, pago com cartão de crédito e guardo tudo na minha sacola reutilizável – porque o pandemônio ainda precisa ser conservado. Saio adequadamente pela porta de saída, ao lado dos coletes que me olham de soslaio. Novamente do lado de fora, vejo a funcionária com seu termômetro, uma pessoa entrando no supermercado-hospital-prisão e uma fila de pessoas dando, cada uma, um passo à frente. “Atenção, senhores clientes! Em cumprimento ao decreto municipal de número 33.574...”

Julho de 2020

GOVERNO DE SI EM TEMPOS PANDÊMICOS

Aline Ribeiro Nascimento¹

O que meu corpo pede? O que meu corpo pode? Esse corpo, reconhecido como meu, através do espelho ou através da retina de alguém, não é o mesmo corpo que me alcança, quando estou comigo. Estar comigo é olhar para os afetos que configuram o que sinto e o que sinto é meu corpo. O que sinto é a forma que esse corpo fala comigo e diz o que pode ou não. O que sinto vem antes do que vejo pelo espelho. O olho do corpo são os afetos. A memória do corpo são as narrativas feitas a partir dos afetos. No meio da pandemia, meu corpo, visto pelo espelho, parece silencioso e harmonioso, embora expresse os afetos do corpo real, pelas olheiras que crescem dia a dia. O corpo real, tecido pelos afetos, está fragmentado e em luta diária para se manter inteiro. O olho lê as imagens e o corpo absorve o impacto das mesmas. Não me permito deixar os afetos se demorarem nesse impacto. Mudo a imagem, escuto som enquanto as deixo entrar pelo olho. Busco um governo de mim mesma para afastar o caos. Me recuso a mergulhar nos ruídos aterradorantes que não deixariam margem para a quietude. Prefiro continuar amante de vazios, como olhar para o céu e ficar sem pensamento enquanto o sinto através de meu corpo inteiro. Luto com meus olhos o tempo todo. O que não significa que não veja o que está acontecendo do lado de fora da minha janela, que não sofra, que não chore, que não saiba, minhas olheiras são testemunhas desse saber. Posto imagens do dia, dos acontecimentos do dia, num momento específico de meu dia em que meu corpo consegue olhá-las, mas sempre meio de lado, porque estou atrás de outro saber e de outro respirar. Uma luta diária comigo mesma. Uma tentativa de trazer a luta para a arena do governo de si. **É isso que meu corpo pede. É isso que meu corpo pode. Aqui reside a sua saúde.**

Outono de 2020

Foto: Aline Nascimento

1 Psicóloga, Mestre em Psicologia e Doutora em Memória Social



Aline Nascimento - Governo de si em tempos pandêmicos



Link: https://soundcloud.com/lappacs/audio-04-aline-nascimento-governo-de-si-em-tempos-pandemicos?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

QUARENTENA CONTRA-ANTHROPOLOGICAL BLUES

Suiá Omim¹

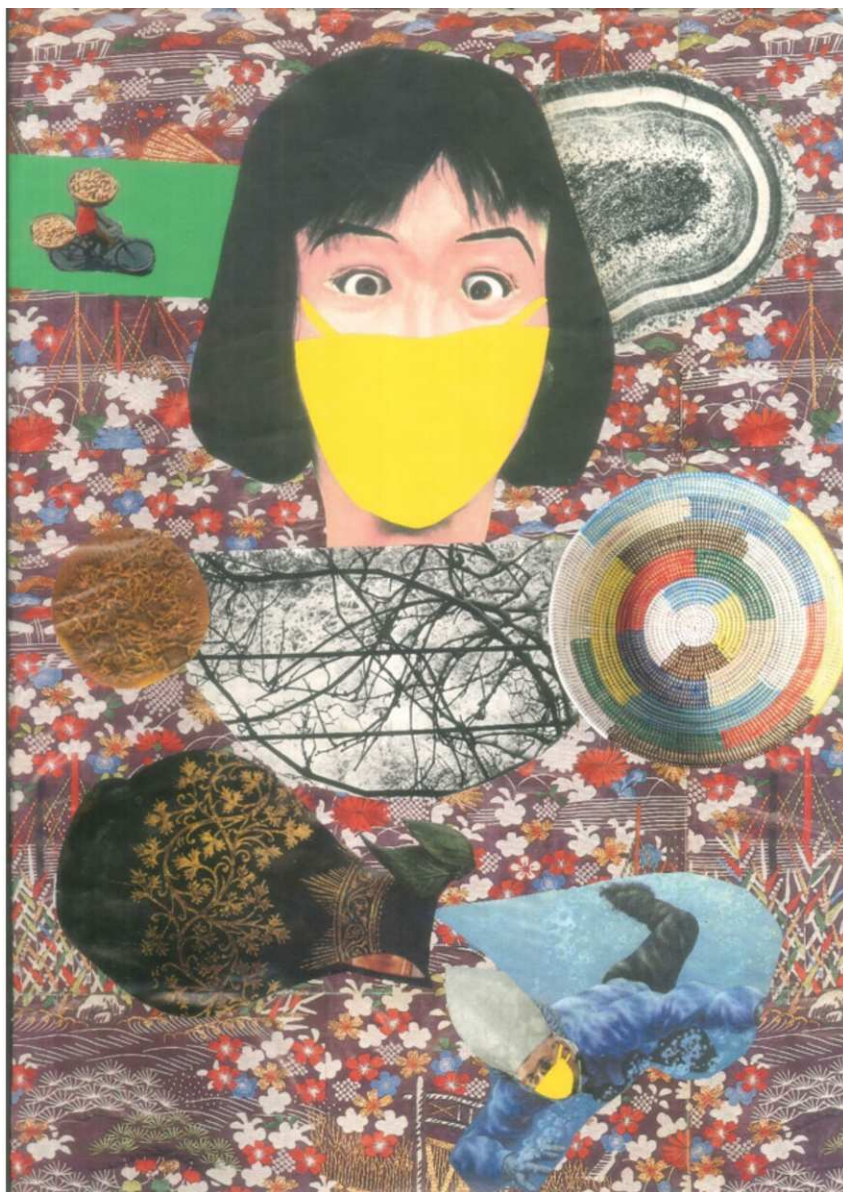


Foto e colagem: Suiá Omim - Quarentena contra-anthropologica blues.

1 Poeta, antropóloga, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Ou assistindo tempestades (e h o!)
Ou desnudando nuances encobertas
Ou políticas das cessações
Ou instilar o tudo
desta escrita que
cabe bem
no quadragésimo
dia da quarentena
decantando leituras
clausuras
cursos online
destacando trechos
riscando e desenhando
certas páginas
lendo e
por vezes
em voz alta
também
protegendo notícias
de pós-humanos
no caso eu, tu, eles...
ciborgue é pouco, Haraway
sou pós argonauta no
meu planeta
não paio no espaço mas
num pedaço de chão
da terra
gaia
que seja
aprendendo mais
através dos
metálogos com uma criança de nove anos
experimentando dos sistêmicos aos totêmicos
no arranjo cotidiano
dear, Gregory
desesperando os nervos
em exercícios cismados
sem conseguir pausar
quase como Pina!
meditando

ritmicamente
o modo mais possível
do indissociável
convidando dionísios
para festas
in locuo
sozinho
mas com
vinho
imitando seres vivos invertebrados
prendendo a respiração para
despertar de um pós-pesadelo
pós-real
cadê o beliscão no braço?
precariedade, Butler
é suporte dos corpos
minoritários
mas a vulnerabilidade é
pandemia
o sujeito é pura feitura
eu atuo, logo existo
não ter a humanidade
reconhecida
dá forma à violência
de quem grita
“foda-se a vida”
ai ai...
cada vez mais vejo
em todos
objetos-pessoas
os micróbios, Latour.
eu pasteurizarei...
tu...
nós pasteurizaremos
um tour tipo buraco
esférico da
contaminação
indagando o que fazer
pensar e decidir
o que ignorar

o que imaginar
dos fragmentos
que nos
assopram
maio
governantes à deriva
isolados e rechaçados
destilando ódio líquido
que desequilibra e lambuza os
podres homens
como evitar a terapia da poesia?
do play-repeat de todas as músicas
que acrescentaram sentidos
na ontologia do isolamento
da separação do mundo
do contornável sensível
viver a densidade
de tanta imaginação em
ideias que (não adiam)
não adiantam
mas organizam, Krenak
o status quo
fim do mundo
ruindo
gritando
rompendo
roncando
movendo
sangrando
sem fim
os xamãs estão sustentando o céu,
ainda,
Kopenawa
virando porco do mato para fugir
virando jaguar para suspirar
virando humano para ressurgir e
roubar
virando o virar
para não mais
parar

mudando para o mundo
das plantas que se cultivam
das pessoas que se responsabilizam
do pilar profícuo
trazendo trilhões de constelações na cabeça
postos de irromper
trilhas de esmagar todos que anti-floresta pisam
no coração de uma mata que se cura com
seres e não com
aparelhos
de merda
o dinheiro
entende
do ser humano
ao lado do extermínio
sabe e gaba-se
Platão, sinto,
tudo se inverteu no seu logos
o sensível é maior agora
o teórico é transitório
as ideias se afogam no mar revolto do pós-açúcar
nenhuma teoria coronária é
completa o suficiente
para se assumir formadora
de corpos pálidos
crescentes
civilizadores
respiradores
concretos
podres
produzindo a terra
que já nos alimenta
que nos trata a despeito
escrever precisamente
sei, mas e os meios
de transição=produção=contração
da pálpebra repetidamente
dançar na sala como se estivesse em
uma performance
pós fogo no rabo

um desgaste de tudo que é branco
antropo-falo-ego-logo-cêntrico
Rolnik, vamos no desejo pan
que é menos cêntrico
e menos é mais
Davis, fato é que
toda e qualquer solução individual
para o capitalismo não
passa de
alienação
falta líquido para dissolver
questões largas
não sobram lápides já que
todas estão ocupadas
sobram montes
sem vala comum
corpos refrigerados no caminhão
de reforço
estacionado na lateral do IML
ou como diz a dona Rosa
“melhor ficar em casa mesmo,
do que ir parar no cemitério”
ou ainda, dona Rosa,
acabar em um freezer humano
dos corpos sem destino
de belém
Belém

Maio de 2020

– Pós-escrito –

Antes mesmo de escrever o texto em questão, eu havia feito uma colagem que tematizava a estranheza da nova peça do vestuário pandêmico: a máscara. As máscaras sociais usadas, ou não, escancararam os olhos aflitos pelas mortes

ou o desprezo pela vida. A colagem compôs com o texto. Faz exatos dois anos que escrevi este poema-catarse sobre a experiência de viver os primeiros quarenta dias da pandemia da Covid-19. Observo agora como eu estava diante do isolamento social, do sentimento de abandono político, do medo absoluto, da angústia pelas consequências tão devastadoras, em tão pouco tempo. Vejo como foi desafiador, trabalhar remotamente, manter a clausura, conversar com minha filha de nove anos e criar nexos quando a pandemia se apresentava de maneira tão absurda. Diante de respostas parciais e ainda exploratórias, nomear o que vivíamos naquele choque inicial parecia embargado, denso, sem forma. O texto nasceu desta inquietação. Elaborar, nomear, descarregar o fluxo e transformar em corte. Vivenciar os sofrimentos e os experimentos do psiquismo epidêmico. Que este texto ressoe com novas potências para além dos quarenta dias do “dia em que a terra parou”, como cantou Raul Seixas.

Maio de 2022



SÉRIE DIÁRIOS NA PANDEMIA

Tátia Rangel¹

diário na pandemia – 1

ressoam os cheiros, os odores do corpo isolado. as paisagens se confundem com paredes. o céu se confunde com assoalho. confusão sensorial se apresenta. contenção motora se faz fato. sem garantias, o dia amanhece e se vai. sem garantias. ficam os cheiros, a remela nos olhos, os gases parados, as vísceras cansadas. excessos. outros do mesmo se apresentam ao corpo. sem contato, segue com muito tato. enaltece a falta. dos que foram dos que não chegaram. falta. boca corpo toque. outros morrem na falta de ar. alguns se desesperam falta dinheiro. uns não se percebem, faltam. a campainha toca. não posso atender. preciso saber quem é. o celular toca - chamada de vídeo. uma mensagem apita, acabou de chegar. me canso. decido não atender. a campainha toca. me escondo. grito que não há ninguém. ouço o eco da minha voz. a campainha toca. me escondo de baixo da cama. um silêncio. o celular apita. prendo a respiração. talvez melhor morrer. menos pior que me esconder. tudo fica escuro, fechei os olhos, tampei os ouvidos. o eco da voz continua. há algum ser vivo lá fora. sinto. a campainha toca. não há forças por hora. o suor me gruda ao chão, há poeira. morte. a campainha toca. prefiro não. sem garantias, o dia amanhece e se vai. sem garantias. respiração. tem pão. medo da falta. não lembro o que tem, falta muito. há vida. morte também. ficam os cheiros, a remela nos olhos, os gases parados, as vísceras cansadas. cheiro das flores. odores do corpo. outono. venta lá fora e aqui dentro. olho. não tem porta. nem janela. acabou fora ou dentro. fecho os olhos tampo os ouvidos. buracos. a campainha toca. me escondo. levanto. já não sou mais o que era. limpo as remelas. grito. fica sem eco. falo. silêncio. as paisagens se confundem. paredes. o céu se confunde. assoalho. confusão sensorial. inerte. dia amanhece e se vai. sem garantias. sem horas. a campainha toca.

quarto, 02 de abril de 2020.

1 Psicóloga, Psicomotricista, Mestre e Doutoranda em Psicologia (UFF).



Foto: Tática Rangel - Lareira

diário na pandemia - 2

ouço uma gota, da torneira ou do chuveiro, não sei. gostaria de ter uma banheira. se ela existisse gostaria de tomar banho de sais com muita espuma, uma taça de champanhe, e alguns morangos. gostaria de várias outras cenas. poderia estar na banheira acompanhada, sendo despida pelos olhos de outro alguém, poderia ser um momento sensual. poderia. a goteira continua. aumento o volume do som, não sei bem qual música toca, mas tento fazer dela um silenciador. imagino outra cena. a água do rio a fazer um barulho diferente que estou a confundir. tudo bem. é o rio, nunca o mesmo, sempre indo, seguindo. em gerúndio. a goteira continua. gostaria de tomar café. poderia ser no bistrô botânica, poderia ser no boteco da esquina. vou à cozinha fazer um café. fico a olhar para o fogo, espero calmamente que a água ferva, o cheiro do café exala pela casa, há calor. em minutos tudo fica diferente de segundos atrás. forte e amargo. gosto assim. seguro a caneca nas mãos, um calor-contato que me aquece o pensamento. por instantes sinto o silêncio. algo acontece, me acalmo. a goteira continua. imagino como seria tomar café na banheira, com sais, espuma e beijos sabor de café. uma cena que em segundos se transforma. beijos mais intensos, respiração ofegante, corpos molhados com sais, espuma e desejo. a vida pulsa na cena, na banheira, na carne. a goteira continua. me levanto, lavo a caneca, decido ir até a sala, de lá busco alguma imagem pela janela. nela me debruço. uma viagem de trem, paisagem andina, montanhas ao lado, rio lá longe como se fosse um fio de águas geladas. descanso os ouvidos. olho para o outro lado da janela, vou ao lago com um vulcão ao fundo, aquela imensidão tranquila, dizem que são mais de duzentos metros de profundidade, e lá não vive nenhum peixe, água parada pouco oxigênio. a goteira continua. nunca fui verificar tal informação, não precisei dela, aquela magnitude criou imagens-poemas nos meus olhos, nada precisava de veracidade, é sensação. meus olhos lacrimejam, talvez um lubrificar da visão. o despertador toca, é preciso voltar ao virtual. chamada online: trabalho, estudo, reunião. no computador: fique em casa. lave as mãos. use álcool. mantenha distância. respiro fundo.

a goteira continua.

janela, 09 de abril de 2020.

diário na pandemia - 3

não sei se dia ou noite. cedo ou tarde se tornaram artificiais. dentro e fora se tornaram oportunidades. um respirar na vontade faz forças brotarem das entranhas, deixam escapar murmúrios em ritmo com o medo. horas se tornaram marcadores de outro tempo que se perde na ausência da garantia do dia seguinte. convocação ao agora.

o acaso é uma combinação de forças.

o agora é.

ausência de coerência - uma liberdade que se gesta como uma chance única de continuar a respirar. fora vai acontecendo. dentro vai florescendo. espanto-me com espinhos que brotam na ponta dos dedos, se expressam por palavras duras e ressentidas ... dentro do isolamento, busquei me isolar. fechei os contatos. fiquei offline. abri portas e janelas. apaguei luzes. ouvi barulhos. silêncio. invadida por pensamentos distantes. precisei voltar próximo. agonias do instante. nada diferente de antes. tudo diferente de sempre. sem nomes, um perder-se do já conhecido. o agora é. nos livros de história acontecimentos passam distantes. no jornal de hoje muitas coisas acontecem aqui. mortes. há um pavor em saber sobre o outro lado da rua. um horror saber do outro lado do mundo. não sei se dia ou noite. há abandono sentido na pele. cansei. levantei. andei até o corredor. decidi ali ficar, olhar para mínimas coisas. o pensamento teima ficar nas mortes. teima nas informações. sente dificuldade em sentir. insisto mais um pouco. a atenção volta para o corredor. fecho os olhos. o chão está frio, a parede gelada, sinto um arrepio. e a atenção se vai. dentro e fora se tornaram oportunidade. me mexo. na perna. dor aguda. uma abelha, seu ferrão, a dor. sinto. o acaso é uma combinação de forças. estou viva. respiro.

corredor, 15 de abril de 2020.

diário na pandemia - 4

andar de um lado para o outro, sentar, cozinhar, ler, pensar, faxinar, observar, será possível parar? tanta coisa e nada. tanto de nada que até parece muito. me lembro da música do Gil que fala que o copo vazio está cheio de ar. penso que essas paredes vazias estão cheias de ar, de lembranças, de tantas coisas, se elas falassem, o que diriam? na mesa alguns alimentos, no estômago fome de alguma outra coisa, no pensamento vontade de fuga. imagino uma confeitaria em Paris, doces como obra de arte. ou o pastel na feira da General Glicério. pode ser o bacalhau com broa feito por um amigo no Porto. ou mesmo o bolo de manteiga da infância feito por minha avó. recordo o cheiro de pão saindo do forno, a farofa de cebola da Irene, ou mesmo o feijão do Diogo. imagens-sabores- aromas. em segundos fui longe no tempo e no espaço. desbravei acontecidos como um cardápio, daqueles que tudo é tão interessante que se torna difícil fazer uma escolha. deparo-me com a realidade. reduzo o olhar. uma névoa embaça a vontade. gostaria de outro lugar, gostaria de tantas outras coisas. como afirmar o que tenho agora? o que posso agora? tanta coisa e nada. tanto de nada que até parece muito. essas paredes que não se movem. o espaço é pequeno para a vontade. uma lágrima escorre no rosto. de algum modo as águas das emoções voltam a circular. descanso no choro. alguma coisa vai dando sentido para esse momento, esse espaço. tudo parece distante e impreciso. no dia em que nada fez um grande sentido, e a vida pareceu ser tudo diante do nada.

cozinha, 23 de abril de 2020.



Foto: Bruno Amaral - Doces

diário na pandemia - 5

o tempo passou a ficar esquisito, um dia parece enorme, mas durante a madrugada quando o revejo, não encontro nada que tenha realizado de fato. encontro muitas partes. incompletude. quero dizer que encontro o nada. mesmo vasculhando ao acordar. o voltar para cama várias vezes ao dia, a sala, a cozinha, mesmo realizadas atividades domésticas e profissionais. nada. não fiz nada. mais um dia se passou.

não gosto de contar dias, muito menos de cobranças, menos ainda da ideia de falta. mas então, o que estou tentando achar no tempo de um dia? não sei responder. na verdade, odeio respostas, sempre fui adepta das perguntas. adoro a ideia de descobrir perguntas nas perguntas. ficar olhando para elas, até mesmo flertar com a interrogação, sem pretensão de outro encontro. talvez não

tenha que ter resposta mesmo. nem é uma pergunta. apenas uma busca, tantos encontros no tempo de um dia. essa novidade ainda não foi entendida pelo meu corpo. gosto de movimentos livres, quero dizer, sair de casa para trabalhar num café, sem garantia dos encontros ou do caminho, passar horas lendo, escrevendo, e ao considerar-me cansada, sair andando. de repente entrar num cinema, na sessão que estiver por começar, e descansar. ao sair conversar com a pessoa que estava ao lado, sentar e tomar um café. seguir. voltar a trabalhar. encontrar conhecidos pelo caminho de volta pra casa. encontrar uma amiga e resolver comer alguma coisa, colocar o papo em dia. tantas coisas sem planejar no tempo de um dia. a rua nos coloca em outra relação com o tempo, os ruídos, outros medos, tantas coisas que é bobagem querer saber de todas. a rua é viva. por mais que saibamos o caminho que precisamos fazer para chegar ao lugar que precisamos chegar, não podemos garantir “como” se apresentará esse caminho. já do quarto para a cozinha, não consigo mais enxergar o corredor. o espaço já está delimitado na memória, menos hormônios circulando, adrenalina então?!? a não ser que ligue a tv, mas isso não é adrenalina, é raiva, ódio, qualquer coisa que corrói o fígado, a alegria. o que quero falar é do frisson de olhar pessoas que não faço ideia de quem são, trânsito que não anda, o não saber se vamos chegar ao destino, se vai chover e não tenho guarda-chuva... a rua ... será quando irei, iremos, estar nela nos ocupando dela? por hora, álcool, máscara, medo. olhos alertas, óculos embaçados. corpos tensos. há os que brigam contra máscaras, distanciamentos. há gente de todo modo. todos os tipos. assim como de tantas outras coisas, não vou dar conta delas. adormeço.

•

outro dia, brigar para levantar da cama. fazer coisas da casa. trabalhar online. responder e-mails, mensagens, fazer algumas pesquisas, notícias, memes... parece forçado ser outro dia. há continuum. há problemas, muitos. mas olho para eles e deixo para depois. não tem uma urgência do olhar de alguém esperando por minha reação. posso responder depois. odeio ter que responder. será que tenho? isso cansa. a palavra que mais digito e leio é cansaço. até pensei tomar algumas vitaminas. mas não é esse cansaço. tem esse também, mas o que incomoda mesmo, é essa ideia nebulosa do mesmo. mesmo sabendo que não é igual, parece o mesmo. um dia após outro.

o tempo que dura um dia. o tempo que o relógio mostra. o tempo de espera que algo aconteça. o tempo que não sabemos mais quando será, se é que será, como já foi num tempo antes.

•

outro dia. acordo de um sonho louco, estava assustada por não estar de máscara (será preciso sonhar de máscara?!?). melhor voltar para cama, correr atrás do sonho, e de lá, olhar para a vida. sem perguntas ou respostas. quiçá queixas. apenas olhar para o céu, para o chão, para as mãos, os pés, olhar a rua da janela (tanto dos olhos quanto da casa), e sorrir, pois o mundo está a lutar pela vida. e eu? cá estou a respirar. inclusive, respirando para não pirar.

casa, 23 de maio de 2020.

diário na pandemia – 6



Foto: Tática Rangel - Lareira

o dia amanhecia escuro e frio, levantei para espiar o que acontecia em casa antes do sol nascer. a cozinha tinha o piso de cimento, fogão à lenha, telhado baixo sem forro, uma janela fechada por gambiarras, paredes pintadas com cal, bancos e mesa de madeira. você sentada em frente ao fogo debulhava amendoins para depois torr -los. sentei-me para ajudar. com pouco esforço, pois estava ocupada em degustar a cena. meus pensamentos viajavam em perguntas. tudo ali parecia ser tão grande. a sensa o era que em cada canto havia algo escondido - segredos pelas frestas. enquanto você falava, meus olhos viajavam em seus cabelos brancos, seus dedos sacrificados, sua pele enrugada, suas manchas ... o sol começava a aquecer. abri um bocadinho da porta para ver a neblina, gostava de enaltecer o não ver do quintal. a vida do lado de fora começava a se agitar, as cria es, como você gostava de falar, já estavam a pedir comida. mas antes tomamos café, nós duas, s  nós duas. tinha pão, um restinho de queijo guardado para um momento especial, esse   um momento especial, você divide seu queijo comigo. fomos cuidar das cria es. varrer o quintal. perco a no o do tempo. voltamos   cozinha. mais um pouco de café, você me diz que vai lavar roupa no tanque, e minha tarefa será regar as plantas. colocou roupas para qu ar ao sol. já era hora de preparar o almoço. mais um dedo de café, e você com toda calma me diz: está pronta para aprender a cozinhar arroz?!? nem acreditava nos meus ouvidos. começamos lavando o arroz, depois o deixamos escorrendo. enquanto isso, amassamos o alho na panela, colocamos um pouco de óleo, você dizia: o segredo   mexer o alho, ele tem que ficar dourado e cheiroso.   preciso sentir quando   hora de colocar a água fervendo. fiquei nervosa. não sabia como era isso. fiquei olhando para o arroz até sentir, e um cheiro me trouxe a resposta:   agora! aquele som da água fervendo caindo lentamente no arroz   inesquecível. olhei para você, sorria e me dizia: muito bem, agora   esperar o arroz ficar pronto. fiquei velando o arroz. precisava ver o que acontecia. você me olhava pelo canto dos olhos, um sorriso maroto. era tão simples para você fazer um arroz, e para mim, uma grande li o.

•

os dias se vão num tempo próprio, e ao mesmo tempo parecem não sair do lugar. hoje não serve de modelo para amanhã. acredito. podemos compor amanhã com um ano passado misturado com o próximo mês. criar solu es   necessário. há sol, chuva, neblinas, nuvens, tempestades. há muito e pouco. mesmo com tantos

absurdos lá fora, há vida lá e cá. criar soluções é necessário. mais um dia de vida
diante da morte. trágico. números: casos recuperados, casos confirmados, óbitos.
vidas reduzidas no feed. preciso respirar. respirar.

•

hora do almoço. no preparo do arroz acrescento: afetos passados, presentes
e futuros, um pouco de ousadia, uma generosa quantia de alegria, um tanto de
calma, e muito espaço para criações. escolho memórias para colorir mais um dia.

e assim, já se faz noite amanhã. um outro tempo se anuncia em criações.
cheio de fome, sede e coragem. afirma a vida, e inventa caminhos entre o que quer
e o que pode.

cozinha, 25 de maio de 2020.

diário na pandemia - 7

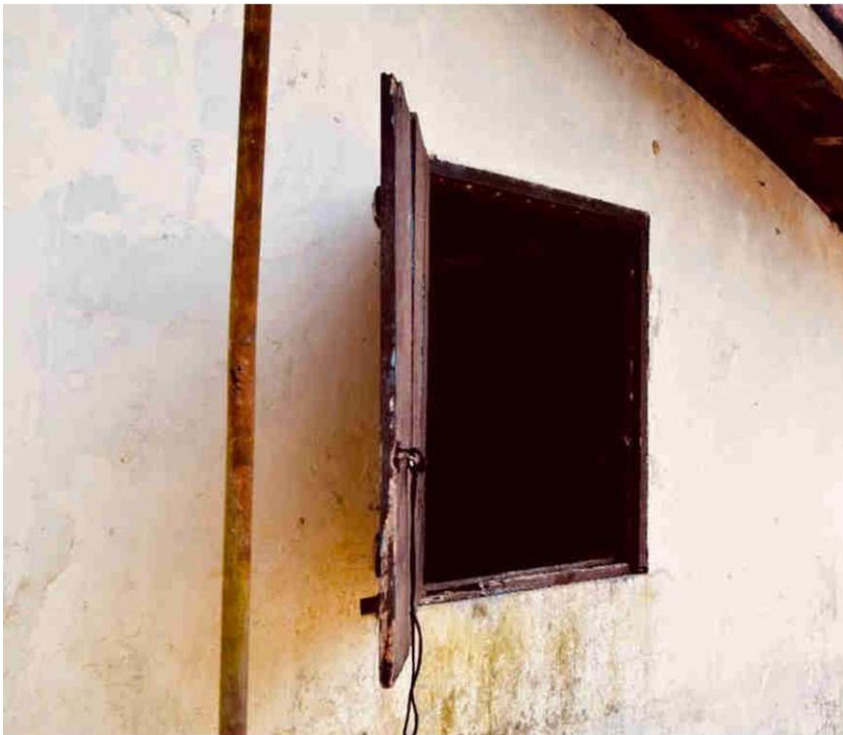


Foto: Tática Rangel - Janela

abandonei essas folhas. não percebi o tempo passar. fiquei atenta ao que estava diante das minhas mãos. lambuzadas de álcool. hesitantes em explorar o mundo. pousaram sobre a inércia. indiferentes ao caos. deixaram-se aquietar em seu próprio tempo. muitas regras são ditas. muitas verdades anunciadas. coerência, não se encontra pelas esquinas. há momentos que a pausa é a única solução cabível. não tem espaço-outra que dê conta do que sinto.

tudo parece escuro. manhã de inverno. não havia percebido a mudança de estação. a brisa tornara-se mais fria. o sol um pouco ameno. a noite mais longa. o dia disfarçado de algo que não sei definir. coisas foram escapando aos olhos. talvez por conta da janela fechada em sua sombra, talvez. não há explicação para tudo. será que há explicação para alguma coisa?

nesse tempo-outra algo mudou. lá fora tudo confuso. aqui dentro tudo sombrio. nem tão definido, mas preciso imaginar. talvez imagens possam alegrar meu olhar. algumas flores, estradas, paisagens. coisas que meus olhos não conseguem mirar. talvez. rostos desconhecidos. se dissolvem na duração do piscar. outros surgem quando os olhos se abrem, mas se perdem. parece uma brincadeira. mas é sério. brincar é coisa séria? tempos confusos. o que parece, não é. o que não é, parece. dia e noite andam juntos. frio e calor não são extremos. gosto de parecer confusa. isso acalma o medo. sem garantias, invento tudo. quando há garantias, não imagino nada.

volto à janela de sombras. fechada. fechada em si. em repouso para imaginar. me acalmo junto dela. aguardo seu tempo para imagens criar. enquanto isso, volto para essas folhas. descanso as mãos enquanto inventam. deixam rastros de imagens. rabiscos de letras. não percebi o tempo passar.

janela, 01 de julho de 2020.

diário na pandemia – 8



Foto: Tátia Rangel - Praça

andava por aquelas ruas sem destino determinado, ocupava-se de descobrir a cada esquina para qual próxima curva seus pés desejarium seguir. sem determinações, entregue às descobertas da experimentação. um café, um cigarro, uma pausa. sem pressa com o futuro, existindo. um olhar. outro olhar. um desbravar de caminhos naquela tarde se desenhou - uma cena - a mulher que lê. a mulher que escreve. se olham com delicadeza. uma contempla o vento tocando sua

pele. a outra mergulha nos breus humanos. parecem estar em distantes tempos, mas coexistem. comungam da fabulação. criar a si, criar uma história. criações ininterruptas. uma ocupada com o amor. a outra com o existir. sentem a diferença de suas temperaturas no modo como estão a caminhar. uma apressada. a outra em desaceleração. suas vidas moldam o retrato. suas marcas nos sugerem suas dores. ocupam o que lhes permitem ocupar. sem interpretações. existem. suas metades se misturam com o ar, com a magia, ...

∞

uma manhã de sol morno, vento suave. pernas para cima, corpo entregue ao balanço da antiga cadeira. ao fundo sons de pássaros, vento nas árvores, pessoas falando, ruídos da cidade, da máquina de lavar roupas, ruídos de seus pensamentos. ao longe uma saudade. perto uma busca. encontra-se com a folha vazia. lembra-se do copo cheio de ar. olha para ontem para ver o amanhã. espera. deixa os dedos deslizando pelas letras do teclado. algo a interrompe - lembranças. aquele quarto cheio de memórias. resquícios de tempos vividos. algumas tristezas. algumas alegrias. a magia da vida. ininterruptas criações - vida.

alguma coisa se torna urgente. caminha. de lembrança em lembrança, precisa criar o agora. olha para a porta, as janelas, os corredores, o banheiro, a cozinha. despede-se na emoção de quem parte. olha para a rua, para a estrada, para os caminhos. os saúda como quem chega à outra cidade.

acorda.

sem saber se foi sonho ou realidade. história ou lembrança. mas sente que algo deslocou. andava por aquelas ruas sem destino determinado, ocupava-se de descobrir a cada esquina para qual próxima curva seus pés desejariam seguir. sem determinações interpretativas, entregue às descobertas da experimentação. olha para a folha vazia. lembra-se do copo cheio de ar. olha para ontem. vê o agora.

do lado de fora, 25 de julho 2020.

diário na pandemia – 9



Desenho e foto: Tátia Rangel.

já passou mais de um ano – o infindável 2020 – o diário continuou comigo, a escrita ficou mais distante. uma vontade de silêncio atravessou as horas, talvez os últimos meses. um distanciamento da vida se fez presente, tal qual, o distanciamento social que nos é dito como meio de manter a vida. qual vida?

janelas abertas, o vento produz um som que dialoga comigo. nosso assunto é quase banal. ele tenta dizer algo que não quero escutar, respondo com o som das teclas do notebook – um código – isso não importa. começo a pensar que nada importa, talvez só o fato de estar viva. mas isso importa?

quero sonhar. sentir a motivação pelo inesperado da vida, ou mesmo, acordar e dizer: foi tudo um sonho! fantasia e realidade é um misturar de vontades. com os olhos abertos quero sonhar com viagens, encontros, paisagens ... com os olhos fechados continuo com os mesmos sonhos. estou acordada ou dormindo?

escreve um texto para nós, diz o querido editor. respondo que vou escrever sobre os esquecimentos, as confusões, os efeitos desse tempo, a maluquice que estamos imersos. vou escrever na confusão que estou. será que só eu estou?

vou começar de novo, não achei o fio condutor do texto.

me olho no espelho, cadê? perdi meu rosto. encontro linhas, fantasmas, buracos ... desfazimento.

ainda sou eu? quem sou eu?

22 de maio, do dito ano 2021.

diário na pandemia - pós escrito

este “diário na pandemia” se fez pela escrita-fluxo sem intervalos de reescrita, no tempo da urgência pela expressão como sobrevivência. o escrever como modo de (re)existir. diante do isolamento, do desamparo, da finitude – escrever. diante da vida, do amanhecer, do respirar – escrever. uma fuga, uma invenção, uma saúde – uma escrita.

agora, que um pouco mais da vida se faz com movimentos, encontros; reencontrar essa escrita é esbarrar na força dos registros. nelas perceber a afirmação do viver em cada respirar, e descobrir:

há momentos que é respirando com a arte que conseguimos sobreviver.

rua, 09 de maio de 2022.



“NO DESACELERAMENTO É QUE ME SURTIU O CONCEITO DA SIMPLEXIDADE”, ENTREVISTA COM MAY EAST

Frederico Viana Machado
Emerson Giumbelli
Tátia Rangel
para o AntropoLÓGICAS Epidêmicas



May East.

May East hoje é internacionalmente reconhecida por seu trabalho como ambientalista e ativista pelos direitos humanos, tornando-se umas das lideranças da ONG Gaia Education. Na década de 1980, integrou a conhecida banda Gang 90 e Absurdettes, que emplacou alguns sucessos nas FMs brasileiras, e lançou três discos solos cultuados por audiófilos mais antenados. Em seguida mudou-

se para a Europa, tendo vivido muitos anos na conhecida Ecovila de Findhorn. Cursou um mestrado em planificação territorial estudando como regenerar cidades fantasmas no sul da Itália. Recentemente concluiu seu doutorado em planejamento espacial, urbanismo e arquitetura e está escrevendo um livro sobre o tema do seu Doutorado de Filosofia com especialidade em urbanismo "What if Women Designed the City? E se as mulheres planejassem a cidade?" Além disso, está relançando seus álbuns nas plataformas virtuais. Tabapora, seu segundo disco, acabou de ser disponibilizado nas plataformas (Deezer, Apple Music, Spotify etc.). Remota Batucada e Charities entram em breve.

May East (www.mayeast.co.uk) é uma personalidade multifacetada, revolucionária e inspirada, que nos brindou com esta entrevista exclusiva para o AntropoLÓGICAS Epidêmicas. A entrevista foi feita por skype no dia 06 de junho de 2020, em uma tarde que começava cinzenta em Porto Alegre e terminava ensolarada em Edimburgo.

Frederico: Criamos o AntropoLÓGICAS Epidêmicas para discutir atualidades, motivados pela questão da pandemia, que foi uma coisa que pegou todo mundo intensamente. A gente começa esse debate dentro das ciências sociais, mas está sendo muito interessante porque a gente expandiu esse debate para várias áreas, escritores, músicos, artistas, DJs... Fizemos coisas muito variadas, recebemos contribuições muito interessantes e temos gostado do resultado. Isso tem criado um acervo bastante rico e com muita densidade. Quando surgiu a possibilidade, ficamos muito empolgados em te entrevistar, por várias razões. Na mesma hora eu pensei no nome do Emerson, porque, além de estudioso da antropologia das religiões, ele tem trabalhos desenvolvidos sobre música. Escrevemos juntos um livro sobre o DeFalla, que deve sair agora nos próximos meses. Gostamos muito de rock brasileiro, e eu particularmente sou muito fã do teu trabalho, dos seus discos solos, sobretudo. Pensamos "poxa, a gente podia fazer uma conversa que se inicia pela questão ecológica e de como isso pode nos ajudar a compreender essa crise da saúde, ecológica, econômica, isso que se entranha na vida da gente com tamanha profundidade, mas também trazer essa conversa para sua vida artística, musical, as suas raízes no Brasil". Podemos começar com a seguinte pergunta: como a sua trajetória como ativista de direitos humanos e

pelas questões ambientais te ajuda a compreender isso que estamos vivendo, o coronavírus e tudo que está provocando na sociedade?

May East: Então, primeiro eu vou questionar esse termo ativista antes de lidar com a questão, porque na verdade eu sempre me considerei uma *reflective activist*, que seria uma ativista reflexiva. Uma das grandes inspirações no início do meu caminho nas ciências sociais, que cursei na PUC de São Paulo, foi o Paulo Freire, que dizia que a palavra contém duas dimensões: um aspecto de reflexão e um de ação. Quando você utiliza a palavra enfatizando a reflexão aquela palavra vira retórica: “eu poderia, eu deveria, poderíamos”. Aquele tempo de verbo que só existe no português, que é o futuro do pretérito, é lá pra frente mas atrás... Então fica essa retórica que você utiliza só pela reflexão. E quando você utiliza a palavra para ação sem reflexão, enfatizando a ação, que é o ativismo, aquela palavra não toca as raízes da disfuncionalidade da sociedade, ela pode até burilar, pode até chegar num nível de superfície de ativação. E, também no meu trabalho, ao longo das décadas, sempre me reconheci vis-à-vis aos movimentos sociais. Eu sempre fui a May East conversando, dialogando com algum movimento social. Era o antitadadura militar, o antinuclear, durante muito tempo era sempre um “anti”. Eu acordava de manhã e falava assim “como é que eu vou usar a minha energia vital, minha criatividade, para desconstruir os padrões disfuncionais da sociedade?” Era feminista política, era anti-hierarquias patriarcais, era sempre anti. Mais para a frente no meu caminho, e vínculo com o norte global, comecei a estudar Buckminster Fuller que dizia “quando você quer criar o novo, pense no novo, dialogue com o novo, fale com o novo, reflita no novo, até que o velho fique obsoleto”. Então mudei e comecei ativar cidades em transição, ecovilas, o que eu queria com o novo, e deixei para trás aquilo que estava disfuncional. Então quando você fala “como é que você se vê como uma ativista e o que está acontecendo agora?”, respondo que vejo com esse olhar de quem usou sempre a palavra com reflexão e ação e também com olhar de alguém que durante algum tempo trabalhou para desconstruir, depois de um tempo trabalhou para construir um paradigma novo. Em um determinado momento, decidi ser *edge worker*, trabalhadora de borda, nem trabalhar desconstruindo nem só fomentando o porvir, eu comecei a trabalhar nas bordas. Então hoje, para responder a essa sua pergunta, vou responder a partir das bordas. Agora vamos para a pergunta... você pode perguntar de novo?



Earth Beat - May East



Link: <https://youtu.be/FVsEphTTARA>

Frederico: Posso. Por meio desse pensamento das bordas, você que tem uma trajetória reconhecida na defesa do meio ambiente, esse olhar amplo sobre a natureza e sobre a relação do ser humano com a natureza, imagino que esse contexto da pandemia deve te suscitar um conjunto de pensamentos. Eu queria saber o que é que isso te suscita em termos de reflexão sobre a humanidade, sobre a saúde, sobre a sociedade.

May East: Eu vou trazer três pontos – há muitos, uma multitude, mas vou trazer três. Primeiro, há tempos que eu desenho, nessa minha ação de bordas, no contexto de uma convergência de crises múltiplas, o que é muito diferente de você trabalhar com uma crise. Lembra daquele raciocínio que diz que o mindset, a mentalidade que criou a crise não pode solucioná-la. Agora, acima dessa convergência, chega uma crise global de saúde, que se torna superposta à convergência, ou seja, a convergência se torna mais acirrada, traz outras cores. Este é o primeiro ponto: como é trabalhar essa crise global de saúde superposta a uma convergência de crises que a comunidade internacional reconhece? Tanto

que em 2015 as Nações Unidas geraram os ODS, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável: são 17 objetivos, que na verdade é um framework, uma moldura para trabalhar convergências de crises que a nossa geração está enfrentando. É um framework, não tem palavra em português que traduza framework perfeitamente, então eu vou usar moldura, para trabalhar convergência de múltiplas crises. Então esse é o primeiro pensamento. O segundo pensamento é que nunca tão poucos decidiram tanto por tantos. É um questionamento da democracia, da tomada de decisão. Repito: nunca tão poucos decidiram tanto por tantas pessoas. Essa é uma outra linha de pensamento que nós precisamos aprofundar, entender o papel desses “tão poucos” e temos essa capacidade, já que estamos inseridos na convergência das crises com a crise de saúde global superposta, nós temos a inteligência sistêmica para questionar os direitos de democracia, das decisões de tão poucos para o destino de tantos, em todos os níveis. Isso vai de Osaka a Kakariguma, Edimburgo a Nova Iorque. Uma terceira linha pra gente pensar esse tema (estou colocando as linhas mas a gente não trabalhou nenhuma delas ainda, só estou colocando as 3), que seria assim... acho que o grande desafio do design dentro desses contextos é gastar mais tempo buscando as questões certas, do que buscar respostas rápidas. No processo de definir as perguntas pode ser que até os insights da solução comecem a surgir. Então, pra fechar essa linha de pensamento e seguirmos adiante, eu diria que despendar mais tempo com perguntas eu acho mais enriquecedor do que dar rápidas respostas. Nesse sentido eu não sei se eu vou ter muitas respostas para vocês, mas eu vou ter algumas reflexões...



May East.

Frederico: Ótimo!

Emerson: Então, nessa linha de pensar nas perguntas, qual você acha que seria uma boa pergunta neste momento da pandemia?

May East: Eu acho que a gente tem que construir isso juntos, nós três. Eu vou iniciar uma reflexão e vocês vão poder me ajudar. Um dos conceitos que estou explorando agora é o conceito da simplicidade. Por quê? Porque a pandemia nos trouxe uma oportunidade da simplificação em muitas partes da nossa vida, dentro de um fenômeno muito complexo e onde tem forças visíveis e invisíveis. Porque todo mundo diz: “há, temos que pensar holisticamente, The Whole System Thinking (o pensamento sistêmico)”... Sim, temos que pensar, temos que pensar na saúde do todo, é uma oportunidade de olhar para o sistema por inteiro. Mas os antigos, as antigas, diziam que “as grandes lições estão no threshold”. Threshold é o limiar, eles diziam que “no limiar, na soleira moram as lagartixas”. Na verdade as lagartixas são simbólicas de dragões, quando você está passando por essa soleira e, se não presta atenção nas lagartixas, nas lições... pois temos esse afã humano “e aí, qual é a próxima fase? Estou fechando essa, vamos para a próxima”... e se você não vai muito devagarinho prestando atenção nas lições do limiar, vai viver um ciclo e as lições vão voltar até você aprender. Isso acontece com os relacionamentos, o trabalho... Então nós, enquanto humanidade, seres, instituições, estamos passando por um limiar, que está tocando todo mundo, do norte ao sul, do leste ao oeste, numa crise de saúde global. Então como é que nós vamos passar devagarinho, prestando atenção nas lições do portal e elaborando as questões que vão nos guiar para sairmos do túnel para a nova fase... e qual é... Eu ainda estou no limiar, certo? Eu posso sair aqui, mas só a 5 km da minha casa, por isso agora estou tomando sol - quando o sol sai, venho para a varanda, enfim, eu posso sair mais que uma vez. Até a semana passada só podia sair uma vez por dia, agora posso sair mais, então as coisas aqui estão mais restritas que no Brasil. Portanto, um dos meus inícios de reflexão sobre a pergunta seria: como é então sair desse limiar com uma atitude de simplicidade? Essa é uma pergunta.

Emerson: Em relação ao trabalho da Gaia Education, o que é essa organização de que você faz parte? Você poderia falar um pouco sobre o trabalho da organização e de como ela transforma em ato, em prática, essas ideias, essas reflexões?

May East: Posso sim, eu vou dar alguns exemplos e, a princípio, introduzindo a entidade. Ela um é uma niche organization, uma organização de nicho, nunca quis ser grande, levar a perspectiva gaiana para o mundo inteiro. Ela sempre foi também uma organização de bordas. É uma organização que nasce das raízes, dos designers dos assentamentos humanos sustentáveis que são... eram 23 educadores que viviam nos laboratórios, nas ecovilas, e eu era uma das 23, eu estava lá, na ecovila Findhorn, onde morei 18 anos, onde ainda trabalho e tenho um escritório. Éramos 23, e ativávamos a partir da plataforma do assentamento humano e sabendo que o mundo não pode se transformar numa ecovila, e todos esses laboratórios testando vários parâmetros através da perspectiva ...do triple bottom-line: o social, o ecológico e o econômico, aceitos como os três pilares, ou as três dimensões da sustentabilidade. Há várias perspectivas, mas desde o começo nós introduzimos a quarta dimensão, que é um diferencial da Gaia Education nos debates da educação para o desenvolvimento sustentável: a “visão do mundo” é a quarta dimensão. A forma como você percebe o mundo é que cria as instituições, os sistemas educacionais, o seu estilo de vida, que depois vem e vai apoiar a sua visão de mundo. Não existe transição no mundo de fora se não houver uma transição ou um questionamento da sua visão de mundo. Visão de mundo é como se fosse estudar a cor azul com óculos azuis, tudo o que eu vejo é a cor azul. Eu só sei que existem outras formas de ver quando eu tiro meus óculos azuis e penso: “uau, olha só como é que o Frederico vê isso, e o Emerson...” certo? O movimento do Gaia Education é fornecer as habilidades críticas, cognitivas, práticas e de competências. Estamos falando das mãos, de skills, das competências do coração e também das intelectuais, para fazer um redesenho da presença humana na Terra. As ecovilas estão engajadas nesse redesenho da relação fundamental entre humanidade e o mundo natural, trazendo novas economias, novas formas de pensar, de decidir, de administrar. Então o Gaia Education nasce dessa experiência das ecovilas, mas se coloca na borda para dialogar com os sistemas maiores. Ao mesmo tempo que me tornei CEO [Chief Executive Officer] do Gaia Education, eu já era CEO, durante 10 anos, de uma organização chamada CIFAL, uma organização de treinamento de

autoridades locais, de municipalidades, para desenvolver políticas de cidades, e que era associado à UNITAR [United Nations Institute for Training and Research], o braço de treinamento das Nações Unidas. Essa conversa com os mega sistemas vindo das bases sempre foi o que o Gaia Education fez. Por isso os dois diferenciais para a vertente de Educação para o Desenvolvimento Sustentável foram: trazer a dimensão “visão de mundo” e se posicionar nas bordas, entre os “grassroots” – movimentos de base - e a ONU. Gaia Education, nesse momento que coincide com a COVID, está mudando de direção. Eu há 15 anos lidero a organização e já estou há muito tempo, assim, com comichão. Nesse ínterim, nesses anos, pedi para ser reposicionada, me reposicionei, voltei, reposicionei, voltei, e agora me reposiciono mesmo. Virá então uma nova força que vai levar Gaia Education, novas gerações, e eu vou estar mais livre. Estou começando um PhD também e fazendo outras coisas criativas.



May East.

Frederico: Muito bom.

May East: Esse tipo de resposta são meio longas né?

Emerson: Você fala o quanto você quiser! May, vou pedir para você dar um exemplo. São projetos que estão em muitos países, dezenas de países... Um projeto, um exemplo que você tem acompanhado, e que consiga ilustrar qual o tipo de intervenção que vocês fazem. E até pra falar um pouquinho mais dessa questão das bordas, a partir de um exemplo, acho que seria legal.

May East: Certo. Quando você perguntou, pensei em duas, vou dar um, se precisar dou um segundo. Um trabalho em que estou envolvida já há cerca de seis anos, desde as grandes ondas migratórias que vieram da África do Norte para a Europa. 2014, 2015, foi quando começaram essas grandes ondas... Eu me associei então à Universidade de Catania na Sicília. Sicília é uma ilha no centro do Mediterrâneo, ela é equidistante da Europa e da África e, ao longo das eras civilizatórias, teve influências de várias culturas, tem muitas camadas históricas, uma grande biodiversidade, a maior biodiversidade da Itália, que é a maior da Europa em termos de ervas aromáticas, enfim, é um lugar muito interessante. Mas também, no momento em que as ondas migratórias começaram a chegar, ela era um dos mais ativos portos de desembarque. Quando cheguei lá, começamos fazendo Design Charrette, Charretes de Design, envolvendo acadêmicos, outras organizações que estavam recebendo imigrantes, migrantes e jovens. Demoramos um tempo para definir quais eram as perguntas... fizemos as perguntas, várias ideias apareceram e aí começamos, depois desse momento de reflexão, um trabalho que teve vários, vários, capítulos, o mais recente talvez possa ser um bom exemplo. Dentro dessas linhas de migração tinha uma linha que persistia, de meninas nigerianas sendo traficadas por traficantes de seres humanos, human traffickers. Era uma linha direta entre a máfia nigeriana e a máfia siciliana. Com pesquisas dizendo que historicamente 80% das sex workers da Itália, negras, eram nigerianas. Essa interceptação de tráfico humano era cuidada por uma ONG de muita integridade, que trabalhava com os casos mais difíceis da chegada dessas comunidades de jovens. A maior parte eram jovens, meninos e meninas.

Ao longo desse trabalho, ficou muito claro que a economia siciliana estava muito enfraquecida desde a grande crise de 2008. A Sicília nunca conseguiu se refazer depois da crise financeira. Então você tinha, juntando os territórios do trabalho de bordas, um lugar com uma alta, uma altíssima riqueza de ervas, de cultura, de comida, de local food systems, de sistemas locais de comida, você tinha esses jovens chegando, você tinha aspiração dos produtores locais de colocarem seus produtos dentro de sistemas europeus criando novos mercados, você tinha mão de obra ou trabalho potencial para muitos jovens chegando e querendo uma integração socioeconômica. Na verdade os migrantes que estavam vindo da África não eram migrantes políticos, como os que estavam vindo da Síria, do Afeganistão. Eles eram realmente migrantes econômicos. A aspiração desses jovens era de se colocarem, se integrarem socioeconomicamente, num território de grande biodiversidade junto com os agricultores locais precisando se reformular: tudo isso gerou um projeto chamado Sicília Íntegra. O Sicília Íntegra começou a criar essas oportunidades de mercados de trabalho e de capacitação. Além disso, 61% dos jovens sicilianos naquela época terminavam a universidade e não tinham emprego nem pra eles estocarem prateleiras de supermercado! Como é que você vai gerar emprego para 160 mil novos jovens chegando no seu território, onde seus próprios jovens não têm emprego? Foi trabalhando isso que começamos o Sicília Íntegra e geramos vários produtos, com indústrias tipo LUSH, que é uma indústria de cosméticos éticos da Grã Bretanha, indo lá e comprando os materiais. Lançamos uma linha nova de chocolate, que as meninas lançaram, chamada Courage Chocolate, chocolate da coragem. Isso é um trabalho de bordas, então já teve pasta[massa], já teve chocolate, e estamos trabalhando esses sistemas ecológicos, econômicos, os migrantes, os jovens locais, esse é um trabalho de borda... Às vezes nós captamos recursos, às vezes nós geramos recursos, e na verdade não é um projeto com começo e fim, é aquilo que eu chamo de PBL, Project Based Learning, um projeto baseado em aprendizado. Esse é um PBL que estamos fazendo, já tem vários anos, e ele vai se desdobrando na medida também que as circunstâncias, as megatrends, as trends maiores vão mudando... Há dois anos, a comunidade europeia começou a dar dinheiro para a Líbia, para todos os países da África do Norte, para segurarem os migrantes lá em situações desumanas. Eles não estão cruzando tanto o mar. Hoje eu estou trabalhando

com o conceito da circular migration, migração circular. Aqueles que vieram e se capacitaram, estamos trabalhando a possibilidade deles voltarem e começarem a trabalhar os mesmos temas, o empreendedorismo social, os chocolates, as pastas, as ervas, em seus territórios. Então é assim: evolui na medida que avança. É um exemplo. Deu para entender ou ter um vislumbre?

Frederico: Eu entendi. Muito bom, gostei da *simplexidade* do exemplo.

May East: (risos).

Frederico: Eu estou encantado com essa ideia da *simplexidade*. Eu acho que a crise climática, assim como a situação que a COVID nos coloca, de fato nos remetem (não sei se a palavra borda se aplicaria a isso também) a uma ideia de limiar, de um retorno à uma radicalidade dos princípios que regem a nossa vida, os nossos desejos, de coisas muito básicas e muito simples. Mas ao mesmo tempo, para poder encarar essas coisas é um conjunto tão grande de variáveis que de fato é uma *simplexidade*! Eu estou encantado com esse conceito, *simplexidade*, e eu fico pensando nessa May East que nos traz essa contribuição de uma trajetória com um trabalho ambientalista que não é de hoje, é de muitos anos; E eu cruzo essa May East com a May East artista, cantora, produtora, compositora, e fico pensando: desde o começo da década de 80, desde os seus primeiros discos solos, o Tabapora sobretudo, você já traz temas que hoje estão na ordem do dia, são temas absolutamente atuais, como a questão do meio ambiente ou a proteção da Amazônia. Até mesmo a questão indígena que hoje é urgente já estava posta em seus primeiros discos. O próprio título, Tabapora, coloca todas essas questões. Fico me perguntando “será que essa *simplexidade* já não estava presente no teu pensamento nos idos de 1984, 85, e te fez vislumbrar a articulação entre coisas que são absolutamente globais, como as suas influências musicais naquele momento (com o new wave, a música eletrônica, e coisas que já eram muito à frente do seu tempo naquela época) com coisas absolutamente locais como a questão indígena, a Amazônia. Enfim, me ocorrem essas interpelações de passado, presente, futuro, e, local, global são dimensões que atravessam esse cenário para mim.

May East: Aprecio muito a sua reflexão e me vêm dois pensamentos. O meu primeiro disco chamava-se Remota Batucada, e, embora nem todo mundo entendesse, ele tinha duas camadas. Remota porque era remoto, eletrônico, como um controle remoto... Eu trabalhava com minimoogs, instrumentos eletrônicos. E remoto do passado também, minha assinatura naquela época era um ouroboros, era uma serpente que comia sua própria cauda, onde o passado e o futuro se encontravam, e essa era minha intenção naquele momento. Então eu acho que aquele disco, o Remota Batucada, na verdade contém muitas coisas. Agora estou trabalhando com a Universal e as outras gravadoras para negociar a oferta das músicas em plataformas virtuais, então estou mexendo um pouco nas músicas. E o Tabapora, morador da taba, então onde era a minha taba. Tudo isso está muito vivo porque estou trabalhando com esses materiais agora. No encarte, já aparecia eu em cima de uma montanha na Chapada dos Veadeiros com uma bandeira da Terra, e eu falava "por uma consciência gaiana", eu nem sabia que ia trabalhar no Gaia Education, em Londres! Então eram coisas que eu já estava meio que pensando... Essa é uma das razões pelas quais agora eu estou saindo dessa parte administradora da organização. Quando você é um CEO, tem que administrar pessoas, patrocinadores, e muito da minha parte visionária se encaixotou no management do dia a dia. Então, conversar com vocês neste momento, uma nova geração de cientistas sociais, é um deleite para o meu sábado à tarde, porque são essas conversas que estou querendo abrir espaço na minha vida para ter.

Emerson: Acho que há um gancho aí para um tema de que você fala numa das [entrevistas mais recentes](#), que é a antropofagia, algo que você já situa na época da Gang 90. Acho que é uma coisa que as pessoas não associam muito à new wave, pois tinha muito essa ideia do rock dos anos 80 no Brasil como uma espécie de invasão estrangeira, de que tudo aqui era meio copiado, inspirado, decalcado de coisas estrangeiras, sobretudo britânicas e estadunidenses. Mas você fala dessa coisa da antropofagia, o que envolve uma reflexão sobre o que são essas inspirações, não é? Acho que isso só se radicalizou na sua carreira solo por conta dos caminhos que você tomou. Então acho interessante a gente falar desse tema da antropofagia, de como você se insere nisso.

May East: Com certeza, eu não teria nenhum apetite de antropofagizar as tendências estadunidense se fosse uma jovem não ativista no Brasil agora. É que eu trabalhei de outra forma. Primeiro, nunca me considerei uma cantora, eu me achava uma criadora de ideias musicais. Eu chamei minha música de iê-iê tribal. O próprio nome já diz tudo. O segundo tagline da minha música era “música eletrônica brasileira de vontade e procura”, porque pra mim fazer música era um ato de vontade e coragem, porque eu não cantava. Tem pessoas que nascem com talento, sabem tocar música. Eu não tinha esse talento, a vida é que me levou para a música e eu criei uma identidade lá dentro. O amigo que temos em comum, o Johann Heyss [*ver entrevista com o artista na quarta parte deste livro*], sempre fala assim “olha, May, você me deu tanta inspiração”, exatamente por isso: eu não era uma pessoa musical, e sim uma criadora de ideias musicais. Então iê-iê tribal já era a forma como eu estava trabalhando esse processo antropofágico, na parte conceitual. Mas na parte de realidade... Meu grande insight de sair da Gang 90 foi na Paraíba, eu estava num tour com a Gang 90, que era sex drugs and rock’n’roll, era mesmo assim! Mas era uma coisa que não satisfazia minha alma num certo sentido, eu estava lá mas tinha uma certa insatisfação. Então, nesse tour, estávamos hospedados em um lugar onde o rio se encontrava com o oceano. E, certa manhã, acordei e fui tomar banho nesse rio que encontrava o mar. Eu tive uma epifania, como se as forças da natureza brasileira me tomassem, foi o Brasil me tomando. No dia seguinte voltei para o Rio de Janeiro, rompi com a gravadora EMI, comecei a buscar o tal do iê-iê tribal. E isso continuou, juntando viagens de ônibus na Paraíba com viagens para a Grécia. Quando ia lançar meu disco Charites, um amigo meu me perguntou “me conta o que você fez” e após me ouvir disse: “May East de Creta ao Crato”. As pessoas perguntavam “May, você está compondo melodias modais, da onde você tira essas melodias?” Eu respondia “não sei”. Mas tinha a ver com os lugares para onde eu ia. A minha música, a minha antropofagia não era uma coisa da minha cabeça, eu ia para os lugares, eu pegava o ônibus, 33 curvas da Serra da Borborema, ia para locais como Ingá, Bacamarte, e minha música nascia daí.

Frederico: Acho que a gente podia fazer um encerramento assim: o que a May East deixaria de recado para os leitores do AntropoLÓGICAS Epidêmicas

para esse período de isolamento, de quarentena, como enfrentar isso, como construir essa visão de borda, esses limiares, como a gente pode se repensar?

May East: Isso meio que traz alguns pontos do começo, não? Não existe receita porque é uma experiência tão viva para mim como para todos. Na minha experiência, eu na verdade desfrutei bastante do desaceleramento. Dentro do desaceleramento é que me surgiu o conceito da *simplicidade* e é o que estou trabalhando no momento. Eu estou passando pelo limiar, não estou correndo para o mundo, apesar de que sinto muitas saudades de amigos, familiares e coisas assim. Mas estou dentro do portal e estou trabalhando como é que quero sair, de uma forma que tenha significado mas que também adicione para a saída de todo mundo. Eu vejo assim, pelo menos aqui na Grã Bretanha: as pessoas contando os dias para saírem pro business as usual, e é claro que esse business as usual já entrou em colapso, breakdown. Então, a grande pergunta é: se pelo caminho do business as usual chegamos a mais essa crise que levou ao breakdown, como é que trazemos isso pro breakthrough? Eu não sei como traduzir isso, mas a ideia é do breakdown para o breakthrough, e mudar do business as usual pro change as usual. É a mudança mesmo, eu acho que só vai acelerar a mudança. Porque se voltarmos para os padrões que nos levaram à crise vamos ter que sofrer de novo, vai haver a segunda onda, a terceira onda, e os sistemas vão quebrar mais e mais. Eu acredito na engenhosidade da humanidade. Enfim, eu sou uma gota no oceano e na minha passagem agora estou refletindo como é que vou sair. Já perguntei para as minhas filhas - "o que que vai mudar na vida de vocês na hora que vocês puderem?" Porque uma está na França, outra na Austrália. E elas "não sei, não pensei ainda". Eu falei "então, vamos pensar". Este é o momento do "vamos pensar", o que é que vai mudar. Seria uma grande irresponsabilidade individual e coletiva se nós não estivermos refletindo o que é que vai mudar nas nossas vidas, uma vez que passarmos por esse portal. É um convite a essa reflexão, nem que seja uma coisa mínima. Como estamos trabalhando na coletividade, todos nós temos que contribuir para esse change as usual no lugar do business as usual. É isso, meus amigos.

Frederico: Muito bom. Obrigadíssimo May East, foi um prazer essa conversa.

May East: O prazer é meu, que bom conversar com vocês nesse dia de sol, até me senti em Floripa aqui [May nos contou que tem uma relação muito afetiva com Florianópolis].

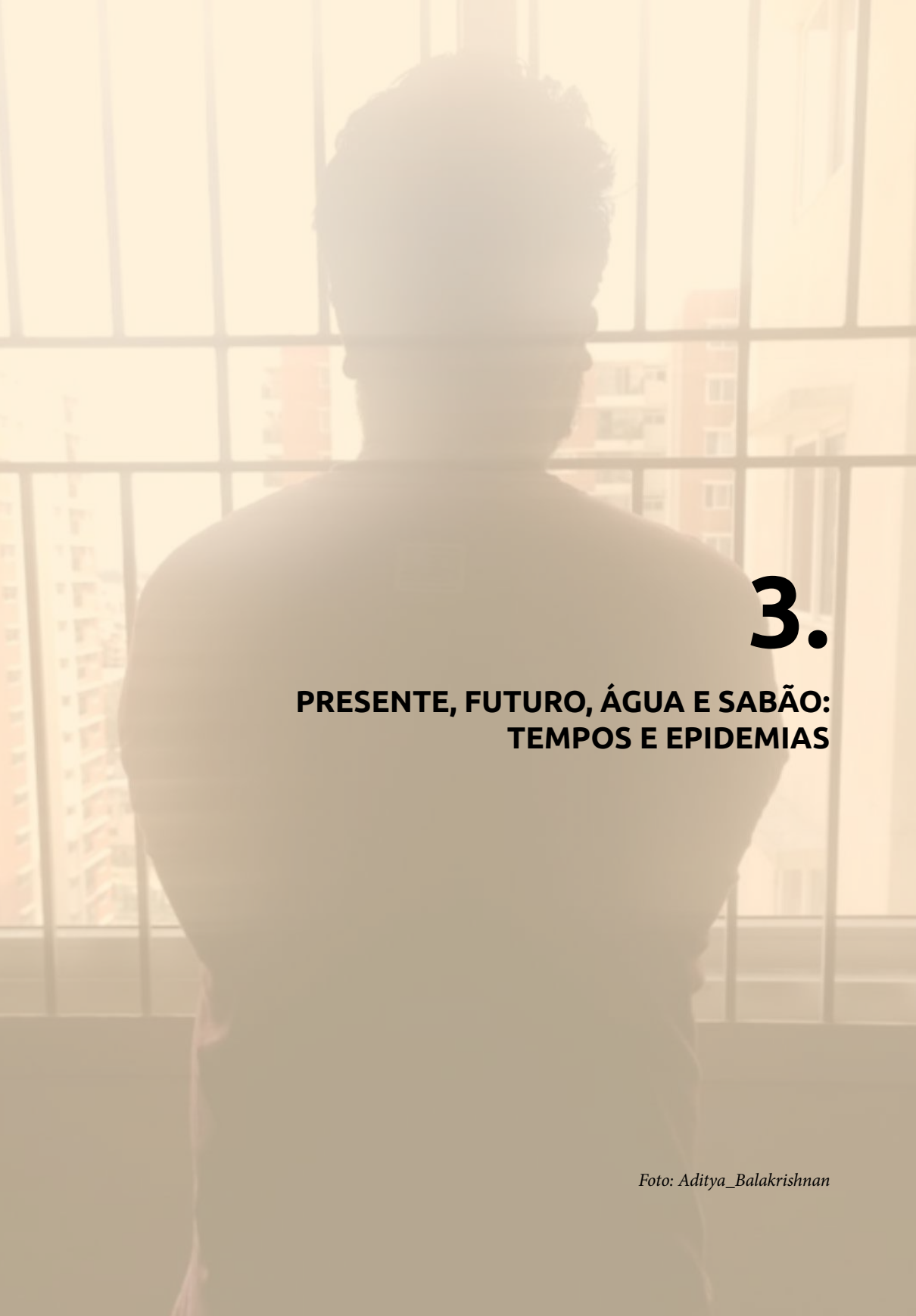
Frederico: Muito bom.

Emerson: Bom, eu queria agradecer também, realmente trouxe um pouco de sol aqui pra Porto Alegre, que hoje tá cinzenta. Foi realmente um prazer ter essa conversa, a primeira vez que a gente se encontra. Quem sabe haverá uma próxima vez, em Florianópolis talvez um dia...

May East: Quem sabe!

06 de junho de 2020

Acompanhe o trabalho de May East em seu site: <https://www.mayeast.co.uk/>

A silhouette of a person with curly hair, seen from behind, looking out a large window. The window has a grid pattern. Outside, a cityscape with buildings is visible under a bright, hazy sky. The overall tone is warm and contemplative.

3.

PRESENTE, FUTURO, ÁGUA E SABÃO: TEMPOS E EPIDEMIAS

Foto: Aditya_Balakrishnan

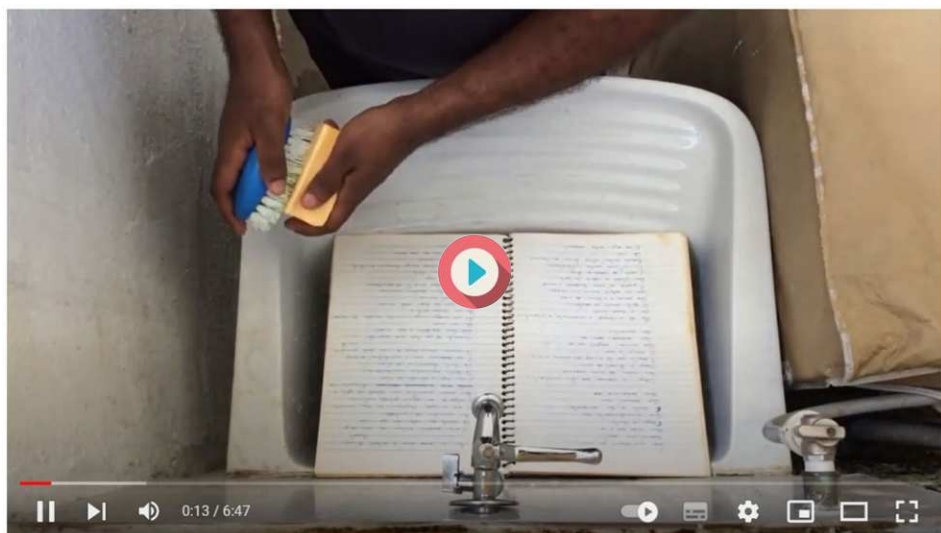


PASSANDO A LIMPO

Anderson Almeida¹



Passando a limpo.



Link: <https://youtu.be/MRGZoy-xfT4>

Abril de 2020

– Pós-escrito –

Quando abri o caderno sob a torneira, não tinha o plano (consciente) de destruí-lo. Que eu me lembre, cogitava apenas o gesto sobre uma página menos importante, deixar cair um pouco de água e editar depois uma foto ou poucos segundos de filme. Fim. Porém esse gesto, que me viera em sonho na noite

¹ Poeta. Graduado em Letras pela UFMG.

anterior, não era comandado por mim. Era ele que me comandava.

Nota-se a urgência de extravasar o que vinha sendo há muito tempo guardado, evitado, esperado? A barra de sabão cai, sem lugar no tanque. As ações se interrompem e recomeçam, desordenadas, irracionais. Rasgar cada esboço de letra, cada frase inacabada, cada poema em falso! Do sonho para o gesto, do gesto para a câmera, tudo é tão meu e tudo é, ao mesmo tempo, tão à minha revelia.

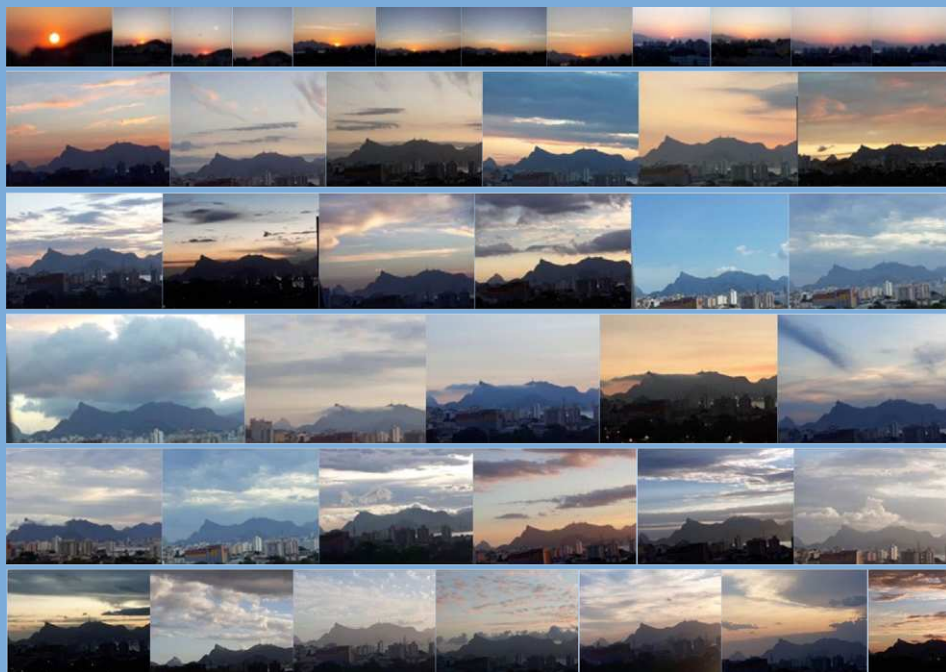
Sequer cogitei reler o que estava escrito, transpor aqueles poemas, as citações, os desabafos. O que eu escrevi naquele caderno, tantas traduções de mim mesmo, tantos autorretratos a caneta, perdeu-se para sempre. Mas eu me libertei. Não havia mesmo uso melhor para tantas páginas empoeiradas.

Naquele tanque onde eu lavava as compras e as mãos quando chegava da rua, ali onde tentava dissipar o cheiro de morte que emanava da lama fascista que se remexera no chamado Brasil profundo, nessa fissura histórica chamada isolamento social, que comprimira semanas longas no espaço apertado de uma prisão-privilégio, na quaresma convertida em quarentena, na cheia dos autoexames, no mergulho vertical em um presente excessivo, excepcional, algo que estava represado irrompeu e levou-me, lavou-me quando abri aquela torneira. Passou-me a limpo.

Abril de 2022

O PRESENTE INOMINÁVEL (OUTONO DE 2020 A OUTONO DE 2021)

Aline Ribeiro Nascimento¹

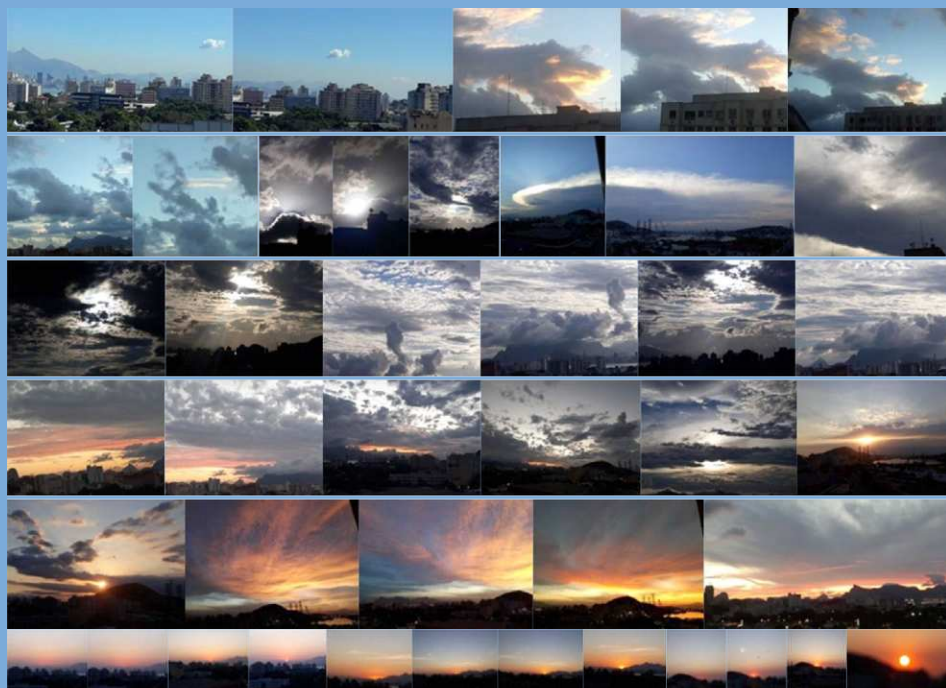


Sempre olhei para o tempo como abrigo. Mas vejam bem, olhava o tempo... Via os dias passando e, por olhar o tempo, acreditava poder ter controle. Nesse olhar-para-o-tempo, tinha referência do passado para pensar o presente e, nessa matemática historiográfica, jogava meus sonhos para o futuro, que julgava poder construir, desde que minha analítica respeitasse as singularidades do presente. Nela, fazia diagnósticos e prognósticos. Mas eis que, agora, com uma pandemia pegando o corpo de todos nós de frente, meu corpo passou a sentir o tempo e não mais a vê-lo. Sentir o tempo é instalar-se no agora e buscar fazer, desse agora, abrigo. Por vezes, esse agora não é um abrigo afetuoso; esse agora desperta afetos de absurdidade tão imensos e, de tão grotesca experiência, meu corpo não sabe expressar, através de lágrimas, sua dor, como outrora

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia e Doutora em Memória Social

fazia. Ele, agora, congela, entra em choque porque as experiências não têm um correlato afetivo que as pudesse dar um contorno. Ultrapassa a tristeza, é outro afeto que não sei nomear, portanto, não sei como fazê-lo desaguar. No entanto, o que me sustenta é ir construindo um novo saber a respeito do novo desenho do tempo em mim. Nele busco descongelar essas experiências sem correlato afetivo em imagens e sons conhecidos ou no silêncio respeitoso a mim mesma. Maneira de não permitir que esse afeto sem nome me governe. A política anímica de nomeação é importante, não só para poetas. Um nome, uma palavra, puxa um parágrafo existencial. Se não acho o nome, como posso respirar? Aí sinto o tempo, em sua manifestação artística e encontro um sopro que me sustenta. Tiro fotos do céu, mas não com os olhos, mas com o corpo todo. Não busco seqüenciar os dias para ter ideia de duração, mas busco o instante de uma aparição e nela me instalo. Meu corpo busca a fração do tempo outro nessas imagens que sejam distintas desse congelamento da palavra. Consigo, enfim, respirar e me abrigar.

Outono de 2020 à outono 2021.



– Pós-escrito –



Aline Nascimento - O presente inominável



Link: https://soundcloud.com/lappacs/audio-05-aline-nascimento-o-presente-inominavel?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

Maio de 2022



CONTÁGIO: REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS

Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza¹

Vivemos, em um curtíssimo período de tempo, inúmeras rupturas cotidianas após a divulgação das notícias sobre o novo Corona Vírus e a tomada de medidas necessárias para evitar o contágio. Projetos descontinuados, vidas interrompidas, processos de trabalho alterados, distanciamentos, incertezas, e a terrível impossibilidade de previsão de como será o dia de amanhã. Aliás, haverá amanhã? Para quem?

Esse outro cotidiano, imposto pela pandemia, é muito novo em sua forma, mas traz um conteúdo incrivelmente comum: o contágio. Foi apenas depois dessa ruptura dramática provocada pelo vírus que pude voltar ao passado e pensar como o tema do contágio esteve presente em minha história.

Os piolhos, claro, foram os primeiros que lembrei. “De novo você ficou lá brincando com a Fulaninha?! Tenha vergonha na cara!” brigava a minha mãe, que me ensinava a máxima higienista do senso-comum, de que devemos nos afastar e isolar os contagiosos, por mais que sejam nossos melhores amigos.

Os “piolhentos”, como nós crianças chamávamos, eram conhecidos em toda a escola e em todo o bairro. As mães dos “piolhentos” eram igualmente conhecidas, e lhes era atribuída certa falta de higiene e amor aos filhos. Afinal, que mãe desnaturada deixaria a cabeça do filho assim, “perdendo piolhos”? Perder os piolhos, aliás, parecia um crime maior do que tê-los. E mesmo que os “piolhentos” passassem por tratamentos que lhes possibilitasse a erradicação dos indesejados moradores de seus cabelos, ainda assim levariam consigo a insígnia contagiosa e a desconfiança... “será que não pegou de novo?” “Fulana já sarou, mas não quero você brincando com ela!”

Como nasci antes do SUS, e em uma época onde famílias pobres tinham quase nenhum acesso à imunização infantil, as “doenças de criança” estiveram presentes em minha infância. Meus primos tiveram... eu e meu irmão tivemos. Sarampo,

¹ Doutora em Humanidades pelo Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Terapeuta Ocupacional e Professora Temporária do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP campus capital.

rubéola, coqueluche... éramos crianças que brincávamos juntas na rua, ralávamos os joelhos juntas, brigávamos juntas, pegávamos as doenças infectocontagiosas juntas. Éramos tratadas com as mesmas ervas, chás e benzimentos, numa época em que as Práticas Integrativas e Complementares estavam longe de serem reconhecidas pelos profissionais de saúde ocidentais, mas que eram uma ótima alternativa – e talvez a única – de acesso a cuidados em saúde para grande parcela da população.

A mais temida das “doenças de criança” era a cachumba, e os meninos eram imediatamente afastados das brincadeiras na rua ou na casa dos amigos quando a cachumba aparecia. Se um menino pegava cachumba, era colocado em repouso absoluto. Não podia sair da cama. “Porque a cachumba desce e você não vai poder ter filhos!” Numa tentativa de proteger as próximas gerações, novas restrições de contato eram impostas aos contagiosos e aos possíveis futuros infectados.

Com 20 anos tive catapora. Peguei de uma bebezinha linda de dois anos que atendia quando fazia estágio na Atenção Primária à Saúde. Já estava na faculdade e tive uma “doença de criança”. Foi um frisson na minha família. Meu irmão e primos vinham me visitar, se gabando que não pegariam, porque não eram mais criança. Resultado... alguns dias depois, meu irmão também pegou catapora, provando que o nosso método de “imunização entre primos” que pegavam as “doenças de criança” e passavam para os outros não obteve 100% de cobertura.

É bom pensar que depois do SUS e dos programas de puericultura esse “método de imunização” precário tenha se extinguido nos anos 1980/90. É reconfortante também passar pelo bairro onde cresci e ver que outros métodos de tratamento de doenças tenham se extinguido na mesma época.

Cresci em um bairro cercado por instituições totais. No fim da rua de casa havia um manicômio, que foi desmontado nos anos 1990. E, diametralmente oposto a ele, havia um leprosário, desmontado na mesma época, mas que até hoje possui moradores, pessoas que devido à ruptura provocada pela internação compulsória e pelo estigma da doença, tiveram brutalmente afetados os laços com as famílias, não conseguiram emprego ou condições mínimas de subsistência e dignidade para recomeçar a vida fora dos muros do hospital.

Entre essas duas instituições havia casas de muitos familiares de internos dos dois hospitais, de pessoas que haviam recebido alta, de trabalhadores dos hospitais e algumas outras como a nossa, que não mantinha laços diretos com as instituições.

Nós, crianças do bairro, sabíamos quem eram os hansenianos e os doidos. Sabíamos em quais casas não podíamos deixar a bola cair, ou seja, a dos doidos, porque arrumaríamos encrenca, poderíamos sofrer com xingamentos, agressões, ou o que mais temíamos, ter a bola furada, porque eles eram pessoas imprevisíveis – Como se nós, crianças pestinhas, tivéssemos algum grau de previsibilidade.

E sabíamos em quais casas não podíamos entrar, a dos hansenianos. Havia uma história, no bairro, que à luz do sol a hanseníase não era transmitida, então só conversávamos com eles do lado de fora das casas, e evitávamos comer qualquer coisa que nos oferecessem.

Como sabíamos tudo isso?

Compartilhando histórias mágicas e folclóricas protagonizadas por um de nós, que inventávamos sobre nossos vizinhos, movidos pelo medo, e outras trágicas histórias verdadeiras de bolas furadas que acabavam por trazer argumentos irrefutáveis para nossa “prática baseada em evidências” na lida com os vizinhos, por assim dizer.

Conhecimentos tácitos das crianças. – Isso é o que pensávamos na época.

Mas aprendíamos vendo os adultos e vendo todo o medo e os segredos que pairavam no bairro em torno das duas instituições totais. Dali nada se via, nada se sabia, quase nada se falava e quando se entrava... Vez ou outra, um doido fugia, e lá iam os capitães do mato da saúde vestidos de branco atrás dele. Nesses dias, as crianças brincavam dentro de casa, bem trancadinhas.

As internações compulsórias já não aconteciam mais no leprosário, mas havia o medo de aparecerem manchas em locais facilmente visíveis no corpo, um verdadeiro passaporte carimbado para o confinamento. Por que arriscar, não é mesmo?

O risco das manchas era uma figura tão presente na minha família, que quando entrei na faculdade e estudei como se diagnosticava hanseníase, lembrei de todas as recomendações que minha avó, que estudou até a quarta série primária, fazia sobre as diferenças entre manchas de pele comuns e a hanseníase. Idênticas às que aprendi na aula. Sabia diagnosticar hanseníase desde criança.

Havia um vizinho, em especial, que me aterrorizava. Não pelas ações dele, que eram sempre amáveis com as crianças. Ele era idoso, barba comprida e branca que se misturava ao bigode, magro e muito alto. Para as crianças, ele era um hanseniano. Sim, falávamos assim, hanseniano. O bairro todo falava. Sabíamos até que o hospital foi um dos primeiros no país a usar as sulfonas, sabe-se lá que bicho

eram. A vantagem de se morar perto de uma instituição total-escola era que ela podia adequar o nosso vocabulário de forma politicamente correta para a época.

O homem ficava sentado numa cadeira de cordinhas plásticas coloridas, nos dias de feira, pela manhã, com um saco de bolacha Maria – as minhas favoritas – distribuindo para as crianças. Para que ganhássemos a bolacha, tínhamos de responder a uma charada: “Você sabe quando a mamãe vira peixe?”. Ora, além de passar uma doença que obriga as pessoas a viverem trancadas, ele me contava que havia uma possibilidade de minha mãe virar peixe!?! Não queria saber a resposta. Lembro de sair correndo e chorando a primeira vez que ele me fez essa pergunta.

“Mãe não vira peixe! Onde se viu isso? Ele só tá brincando com você, boba! Seja educada com ele!”, me acalmava minha mãe, sem compreender o estrago que o raciocínio mágico e as explicações folclóricas do mundo produzem na mente das crianças. Havia uma certeza em mim de que aquele homem poderia fazer com que eu perdesse o que amava: minha liberdade e minha mãe.

Mas, minha paixão pelas bolachas me obrigava a passar na porta dele todos os dias. Ele me dava bolachas, eu ficava na calçada e, dia após dia, construímos uma relação que se sustentava por quem éramos, livres de mitologias. Conversávamos muito. Até que um dia aquele senhor idoso me contou que as mães viram peixe quando ele está na frigideira. Percebi então que aquele homem não tinha poderes mágicos, não transformaria minha mãe em peixe, e que eu não havia me contaminado com a doença que eu nem sabia se ele tinha. Entendi, então, que o preconceito era mais contagioso que a própria hanseníase.

Piolhentos, doidos, hansenianos. Estigmatizados. Tão contagioso quanto os piolhos, as “doenças de criança” e a hanseníase, o estigma atravessa as relações, e, infelizmente, tem como ação prescrita isolar o outro, assim como as impossibilidades de relações a serem estabelecidas com esse outro por inteiro, e não com uma imagem folclórica pré-estabelecida, e, porque não dizer, mágica.

O medo do contágio apoia e legitima ações irracionais, cruéis, numa tentativa de autopreservação que acaba por destruir outras formas de andar a vida, emprestando os termos de Canguilhem², mas que nem sempre garantem nossa efetiva segurança.

O medo do contágio pelo Corona Vírus, por exemplo, tem legitimado espancamentos de trabalhadores da saúde nos transportes coletivos, a compra

2 CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. 6. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2009.

desenfreada de medicações anunciadas como efetivas no combate ao vírus, sem prescrição médica, por pessoas que não desenvolveram a doença, entre inúmeros outros tristes acontecimentos recentes.

Mas o contágio nos obriga a mover-se e a produzir mudanças cotidianas.

Durante a gripe espanhola, minha avó paterna perdeu parte da família. Teve de começar a trabalhar em uma fábrica, com seis anos de idade, para poder sustentar os irmãos que haviam sobrevivido. Dentre todos eles, ela era a mais velha. Por conta da carga horária desumana de trabalho como operária, ela não sabia cozinhar, o que alterou a divisão sexual do trabalho em sua casa quando se casou. Era meu avô quem preparava as comidas mais gostosas, os bolos das festas, guloseimas para a hora do café... Isso alterou a criação dos filhos, onde todos, homens e mulheres, aprenderam a cozinhar, lavar, passar, costurar, entre outras tarefas domésticas. Essa herança seguiu, e eu e meu irmão aprendemos da mesma forma.

Foi também no início do século XX, durante a ascensão de Mussolini, que a família de meu avô materno se refugiou no Brasil. Ainda que o fascismo não seja uma doença infectocontagiosa, produz-se tal estado de exceção e tamanha cisão nas relações, que facilmente se consegue uma marca tão contaminante quanto as doenças, que justifica a separação entre quem pode viver e quem deve morrer. Uma certa tanatopolítica, como definiu Agamben³, então, identifica a diversidade – dos corpos ou dos pensamentos – como doença contaminante, contagiosa e socialmente perigosa. A família de meu avô fugiu do contágio ideológico, que mesmo sem ser doença, também mata.

Assim, é em busca da vida, que os movimentos são necessários frente ao contágio, seja ele da ordem do biológico ou do ideológico, um contágio por patógenos ou por preconceitos. Um movimento de reinventar-se, ainda que a contragosto, e mesmo que esse processo seja longo e doloroso. Mas, que seja, sobretudo, um reinventar-se com o outro, na relação, poque só aí podemos abandonar as lentes do medo e do pensamento mágico, folclórico, para poder ver quando, afinal, as mães viram peixe. Resta saber que movimentos a pandemia por Corona vírus e as alterações em nossas vidas cotidianas nos exigirão daqui para a frente.

Maio de 2020

3 AGAMBEN, G. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 207 p.



CARTAS PANDÊMICAS (DO FUTURO DO PRESENTE PARA O FUTURO DO PRETÉRITO)

Adriano Henrique Caetano¹

André Luis Leite²

Mathew Rodrigues³

Guilherme Shimocomaqui⁴



André Luis Leite *et al* - Cartas pandêmicas.

Ilustração de Daniele Andreotti, "Covid-19 [Today we are all Warriors](#)

1 Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atuou como consultor na Coordenação de HIV/Aids da Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, na UNESCO, UNICEF e FIOCRUZ. Atualmente é pós-doutorando no Departamento de Medicina Preventiva da Universidade de São Paulo (USP).

2 Doutor em psicologia. Pesquisador FAPESP associado ao PPG de psicologia da PUC/SP e pesquisador visitante na CUNY em Nova Iorque e na York University, e na Universidade de York no Canadá.

3 Jornalista-ativista-queer.

4 Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos com estágio sanduíche no Instituto de Saúde Global da Universidade da Califórnia, São Francisco. Mestre em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Atuou como sanitarista na Coordenação de HIV/Aids e Atenção Primária da Secretaria Estadual de Saúde e na Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Atualmente é docente e especialista de projetos no Hospital Israelita Albert Einstein.

Apresentação

Revisitar o nosso passado recente e nos agenciar com quem anda atento ao que parece novo no presente, mas tem cheiro de mofo, é um modo adequado de usar a intuição para reconhecer perigos e rastrear possíveis. Sem possíveis, sufocamos, tal e qual Jorge Floyd, sob o peso de um Presente insustentável nessa marcha rumo a um Futuro tão promissor quanto o desenhado por George Orwell. Essa série de textos, agenciado a três mãos, se ocupa de dois momentos em que o risco ao corpo biológico urgiu por ações dos corpos políticos. Abordaremos diferenças e semelhanças importantes entre duas grandes pandemias: HIV/AIDS e Covid-19.

Nos cinco primeiros meses de 2020, o pânico viral foi migrando por entre a China, a Itália, os Estados Unidos e o Brasil. No início de junho o Brasil caminha a passos largos rumo ao epicentro da Pandemia que chegou a matar mais de 9700 pessoas em um só dia. Passamos do meio de um ano que muitos dizem não contar. No interior do Ceará se diz: “ano meiou, ano findou”. Considerando isso, adotamos no livro-ensaio a estrutura de cartas sobre o passado daqui para o futuro de lá.

Brasil e Estados Unidos celebram em junho as lutas, ainda em curso, e cada vez mais necessárias frente às revoluções conservadoras apoiadas por Estados suicidários, pelo reconhecimento dos direitos civis de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queers. Muitos podem já não lembrar, mas a primeira parada foi, na verdade, um motim - uma série de motins em Junho de 1969 na cidade de Nova Iorque, conhecidos como a Revolta de Stonewall.

Na América do Norte em 2020, as tradicionais paradas feitas pela população LGBTQ+ para celebrar seu orgulho e suas conquistas foram transformadas em eventos virtuais em função da pandemia. No entanto, muitos dos que aceitaram não se aglomerar e nem ir às ruas com suas cores vibrantes para barrar a propagação do Covid-19, montaram-se com máscaras e luvas e têm marchado para lembrar que as vidas das pessoas negras importam. Na América do Sul, os organizadores da maior parada do continente adiaram o evento de Junho para 29 de Novembro e, na nota emitida ainda em Março, eles tiveram o cuidado de informar que essa celebração respeitará os eventos da Semana da Consciência Negra na cidade de São Paulo.

A novidade não inédita da desigualdade social – amplamente documentada como determinante fundamental na epidemiologia do HIV e da AIDS – emerge

de forma cada vez mais nítida nestes tempos da Covid-19 e, além das devastações e destruições óbvias, tem produzido articulações potentes entre as carnes mais baratas do mercado – negros, imigrantes e aqueles cujas práticas sexuais desviam do papai e mamãe reprodutivo.

Em meio ao cenário de terra arrasada e noite gelada, o qual vem sendo usado ambidestramente na arena da política institucional para amedrontar o povo a quem dizem representar, há também uma vida que insiste em nascer. Dada a profusão desenfreada do medo, os autores juntam detalhes, recontam histórias e buscam visibilizar meios possíveis para sobreviver a uma praga transformando indignação em ação e dançando no campo minado.

Cartas viajando no tempo, construídas com base nas experiências e análises de dois residentes do Futuro do Presente antevisto para quem hoje mora no Brasil e publicadas semanalmente ao longo de Junho como um ato de insurgência e afirmação de que é possível fazer desvios de rotas e encontrarmos com outros futuros possíveis que não esse desenhado pelo desgoverno federal. André & Mathew escrevem para Adriano sobre aquilo que experienciaram em seu Pretérito Imperfeito, para ele que está prestes a viver no Futuro do Pretérito aquilo que aconteceu em Nova Iorque.

Esse dispositivo para brincar com o tempo foi agenciado por Mathew Rodriguez, jornalista-ativista-queer; Adriano Henrique Caetano, sociólogo, consultor em HIV/AIDS com passagem pela UNICEF e UNESCO e, hoje, pesquisador associado ao Departamento de Saúde Coletiva (UFRGS), onde pesquisa saúde da população LGBT, HIV/AIDS, desigualdades em saúde e interseccionalidades; Guilherme Shimocomaqui, fisioterapeuta, doutor em Saúde Coletiva e na ocasião da escrita sanitarista na Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, atua no Departamento de Atenção Primária e Políticas de Saúde, na Divisão de Monitoramento, Avaliação e Articulação de Redes, e André Luis Leite, psicólogo, mestre e doutor em Psicologia, escavador das linguagens contemporâneas de protesto, Pesquisador Associado ao Núcleo de Psicologia Política da PUC/SP e pesquisador visitante no Programa de Educação Urbana da Universidade da Cidade de Nova Iorque.

As cartas foram originalmente publicadas ao longo dos domingos de Junho. Pois, como nos ensinou Caio Fernando Abreu: “as manhãs são boas para

tomar café e espiar o tempo”. E nada melhor do que um dia de domingo para pensar no que temos feito de nós mesmos e como queremos caminhar rumo àquilo que seremos.

André, Adriano, Guilherme e Mathew.

Junho de 2022

Porto Alegre, 14 de junho de 2020

Queridos amigos da outra América, gostaria de ser o porta voz de notícias felizes, mas assim como aí, por aqui, também vivemos “estes tempos estranhos”. A principal diferença que vejo entre nós – dada a similaridade entre aqueles que nos desgovernam – é que vocês estão algumas semanas à nossa frente com a pandemia. E com isso, sinto como se vocês estivessem habitando um futuro rumo ao qual nós aqui provavelmente iremos alcançar.

Devido aos meus anos de experiência na luta contra a AIDS, sei que respostas para catástrofes como essa causada pela Covid-19 são construídas em conjunto por ativistas, militantes e pesquisadores. Sendo assim, tenho olhado muito para a história da epidemia de AIDS em busca de lições. Estou certo de que há nesse passado recente pistas importantes sobre como sobreviver a esses dias cinzas marcados por mortes maciças, histeria e medo. As bichas mais novas podem até não saber, e as mais velhas não lembrar, mas Nova Iorque foi uma cidade crucial na construção da resposta global ao HIV. Por isso, estou convencido de que é muito útil trocarmos experiências e trabalharmos juntos no enfrentamento da primeira grande pandemia deste século. A propósito, Mathew, você ainda escreve para *The Body*? Desde 1995, uso esse site como um porto seguro de informações – coisa rara e necessária em tempos de fake news, anti-ciência e guerra de informação. André, você continua estudando as estratégias que as pessoas usam para tentar fazer do mundo um lugar que elas consideram melhor?

Todas as vezes em que eu faço a comparação entre HIV e Covid-19, pelo menos um militante aguerrido LGBTQI+ se apressa em me dizer: a pandemia não está afetando exclusivamente a população gay e trans como no caso da HIV. Se eu não o interrompo, o ser humano segue militando e me informa orgulhoso

que o Covid-19 não é um vírus fortemente associado a um grupo estigmatizado ou um conjunto de grupos estigmatizados, como era o caso do HIV no começo da epidemia. Quando estou interessado em seguir a conversa relembro ao meu interlocutor que atualmente quem ainda é diagnosticado e morre de AIDS são negros, gays e as pessoas trans não brancas. Não é coincidência que seja essa a mesma população que está sendo mais afetada por Covid-19. Ao ouvir isso, minha audiência começa a prestar um pouco mais de atenção em mim.

O historiador holandês Gaspar von Barlaeus (1660) escreveu que não existe pecado abaixo do equador. Para ele, a linha imaginária que separa o hemisfério onde eu estou, daquele onde vocês estão, separa também duas moralidades. Do mesmo modo que a raça (abaixo e acima do Equador), a sexualidade foi apresentada como um item importante para diferenciar os hemisférios norte e sul. Essa visão é bem diferente da comparação que o ministro interino da Saúde aqui no Brasil fez no seu discurso entre os hemisférios norte e sul. Essa visão é bem diferente da comparação infeliz entre o hemisfério norte e sul que o ministro interino da saúde aqui no Brasil fez no seu discurso, mas isso fica para outro momento.

Tenho insistido que precisamos entender que muito da nossa resposta a qualquer vírus vem do medo. Um vírus expõe nossa mortalidade. E, se o Covid-19 tem lembrado isso, a epidemia de AIDS não só fez a população gays e trans entender isso, como deixou um traço que persiste na cabeça de muitos de nós. A qualquer momento a nossa sexualidade poderia nos fazer ficar doente e morrer. Lembro de estar andando com minha mãe no final dos anos 80 em Fortaleza e passarmos em frente ao Duques e Barões, bar frequentado pela população LGBT cearense, quando minha mãe solta a seguinte pérola: “nunca ande nesse lugar porque a AIDS está aí dentro”. Na ocasião eu tinha 14 anos de idade, não entendia direito o que era AIDS e nem estava certo da minha homossexualidade, mas, se a minha sábia e poderosa mãe me dizia para nunca entrar ali, coisa boa a AIDS não devia ser.

Contei essa história porque naquela época esses eram os únicos espaços onde as LGBT podiam afirmar sua afetividade/sexualidade. Agora, na era da Covid-19, tenho visto muita gente na internet expondo as pessoas que saem na rua, aqueles que têm encontrado seus entes queridos. Como um homem gay, vejo muitos homens gays julgando uns aos outros não somente por querer sair pra transar, mas também por estarem no Grinder. Deixe-me ser bem claro:

nenhuma dessas práticas é boa do ponto de vista da saúde pessoal ou coletiva. Eu desencorajaria qualquer um a sair por uma razão não essencial e recomendaria as pessoas a acharem formas para explorar uma sexualidade saudável durante esse tempo: sexo por telefone, por vídeo, masturbação. A escolha aqui é do freguês.

Desde o início da propagação da Covid-19 e do isolamento social, eu tenho visto muito material jornalístico discutindo sobre o que significa ter intimidade com alguém, e manter a nossa sanidade, em um momento em que estamos sendo instruídos a manter a distância uns dos outros. As pessoas têm escrito sobre festas sexuais digitais, como ter intimidade em tempos de distância e como se masturbar quando você não tem o privilégio de uma porta fechada. Cada um de nós, especialmente as pessoas trans, pessoas não brancas e aqueles, como eu, na interseção, têm uma relação intensa e pessoal com a epidemia de AIDS. Cada um dos nossos traumas ligados a isso é singular, como nossas impressões digitais. A comparação desenhada entre ela e a pandemia de Covid-19 pode não ser perfeita, mas eu me recuso a deixar o perfeito ser inimigo do bem. Vocês me entendem?

As senhoras sabem que eu não sou a maior fã do nosso sistema produtivo, certo? Capitalismo mundial integrado, capitalismo necropolítico, capitalismo suicidário, nem sei qual é o xingamento mais adequado para ele hoje. Como alguém que reconhece a importância das políticas públicas no contexto de uma catástrofe global como a que vivemos hoje, preciso partilhar com vocês algo que aprendi com Achille Mbembe. André, você já leu algo desse filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor universitário camaronês? Acho que você ia gostar dos posicionamentos dele. Achille Mbembe insiste que a soberania de um Estado neoliberal se funda no poder de morte sobre as populações, e não no poder de vida.

Aqui no Brasil, o desmonte do Sistema Único de Saúde é uma forma sofisticada de executar a política de morte das populações negra, pobre e LGBTI+, através da total desassistência à saúde. Juntemos a isso os adoecimentos provocados pela falta de saneamento básico e os bolsões de pobreza cada vez mais frequentes devido ao aumento da desigualdade social sob a regência do maestro Paulo Guedes, e temos as condições ideais para que aquele que hoje senta na cadeira presidencial inverta os termos de uma famosa máxima foucaultiana. Sob o governo do presidente sem partido, o Estado Brasileiro tem feito morrer e deixado alguns viverem.

Espero não ter pesado muito o domingo de vocês, mas como vocês estão temporalmente à frente de nós, e sei que ambos andam pensando sobre isso tudo, achei que seria potente trocar informações escritas sobre tudo isso.

Fiquem bem e até breve.

Adriano Henrique Caetano

Nova Iorque, 18 de Junho de 2020

Adriano,

Ter notícias suas e perceber que tens conseguido pensar em meio à maluquice dos dias insanos me conforta. Nunca achei que viver um desses momentos que estudamos nos livros de história fosse tão cansativo. Sou um consumidor inveterado de cinema, mas em nenhum dos filmes sobre ameaças virais à humanidade que eu assisti, sejam eles mais ou menos realistas, há uma parcela da humanidade negando veementemente a existência da ameaça viral. A realidade anda mesmo mais estranha do que a ficção.

Uma pandemia viral em um cenário de desinformação epidêmica foi algo que nem uma colaboração de Guilherme Del Toro com as irmãs – outrora irmãos – Wachowski poderia ter previsto. Em maio, vi um meme dizendo que 2020 havia sido escrito por Stephen King e dirigido por Quentin Tarantino. No começo de junho, quando uma onda de protestos contra a violência cotidiana sofrida pela população negra se alastrou pelas Américas e na Europa, e fez o prefeito de Nova Iorque decretar um toque de recolher por sete dias, fiquei com a impressão de que o meme precisa ser atualizado e dizer que 2020 foi produzido por Spike Lee.



André Luis Leite *et al* - Cartas pandêmicas NY 18junho.

Colagem de Thomas Fix (@the_queer_fix). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBRRxjxbhAhR/?utm_source=ig_web_copy_link

Adoro os memes e a genialidade de todos esses diretores, contudo, para dar a César o que é de César, e também para mostrar a utilidade da ciência em tempos de ataques e desconfiança ao nosso ofício de pesquisador, informo aos navegantes que no início de 2019, cientistas da Escola de Saúde Pública da Universidade Johns Hopkins previram que uma pandemia aconteceria em breve. Entre março e abril daquele ano passado, esses sujeitos que se recusam a trabalhar de verdade e gastam seus dias lendo artigos científicos, notaram um aumento consistente no número de eventos epidêmicos – crescimento rápido e acima do esperado de uma doença em determinada área – ao longo dos últimos anos.

Com base nisso, eles criaram a hipótese de que as chances de pandemia – crescimento rápido e acima do esperado de uma doença simultaneamente em muitos países do mundo – nos próximos anos estavam aumentando. Entendendo que era preciso pensar no que fazer, esses desocupados pediram recursos à Organização Mundial do Comércio e à Fundação Bill e Melinda Gates e se reuniram no dia 18 de Outubro de 2019 em um hotel charmosíssimo no lado do Central Park aqui em Nova Iorque. Lendo os relatos dessa simulação de catástrofe, me vi muito feliz por ter escolhido ser um cientista e tive certeza de que uma dose de imaginação é mesmo fundamental para fazer ciência útil para uma vida decente.

Mathew não divide mais o apartamento comigo, ele resolveu passar a pandemia com o boy. Mas não se preocupe, fiz uma foto da carta e mandei para ele. Ele demora, mas vai te responder. Você e Guilherme seguem dividindo apê em Poa? Pelo que eu entendi, Matthew resolveu fazer uma aposta no amor – o namorado dele, um querido, insiste que a melhor forma de passar o fim do mundo é estando bem-amado. Eles sempre tiveram dúvidas quanto à ideia de morar juntos, mas, diante das recomendações de isolamento social eles decidiram que seria melhor assim. A propósito, você ainda está solteiro?

Entre fevereiro e maio, quando a curva de contaminação era ascendente e os leitos escassos, a recomendação do prefeito e do governador aqui em Nova Iorque era manter-se exclusivamente na companhia apenas daqueles com que você morava. No dia 09 de Junho, entramos na fase 01 da reabertura, nela é permitido reunirmos em grupos com até dez amigos. Quando chegarmos à fase três, serão permitidas grupos de, no máximo, 25 pessoas. Nunca tivemos lockdown aqui – sempre foi possível sair para atividades essenciais como supermercado, farmácia e atividades físicas – mas eu ando cansado de não poder ver pessoas.

Ando pensando em quando poderemos voltar a ir ao cinema. Sinto tanta falta da telona, sabe? Um amigo de Porto Alegre me contou que está rolando um cine drive in ali perto do Anfiteatro Pôr do Sol. O drive in mais perto de casa tem uma vista linda, mas ainda não inventaram uma opção segura de drive in sem carro. Por isso, vou precisar esperar. Do que você tem sentido falta esses dias? Sei que gostas muito de viajar.



André Luis Leite *et al* - Cartas pandemicas NY 18junho.

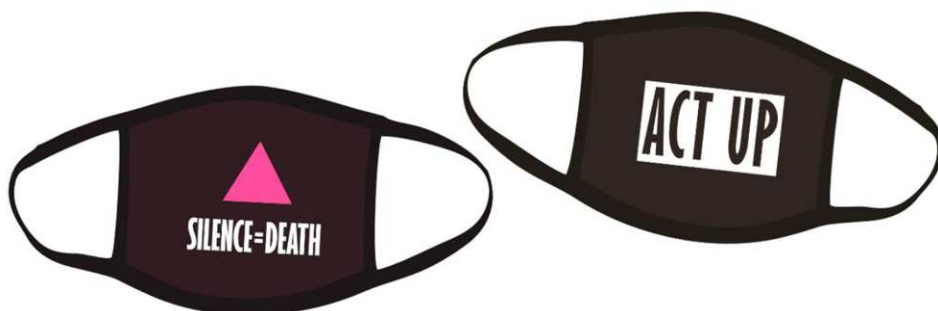
Essa foto foi retirada desse endereço: <https://www.instagram.com/p/CBd-Iiyjox/>

Milleniuns acreditam que tudo que não foi invenção deles não presta e que devem ignorar qualquer coisa que venha do passado. Entendo a decepção, mas lamento a ignorância deles. Quando conseguimos ser um pouco menos como nossos pais e reconhecer o que há de interessante nas novidades não inéditas que não param de surgir ao nosso redor, pode ser muito útil conhecer como aqueles que vieram antes de nós resolveram problemas que temos até hoje. Foi acreditando nisso que vim estudar a história do ACT-UP New York em busca de pistas sobre como é possível inventar formas de protestar contra governos que insistem em nos fazer morrer. Eu sei que você conhece esse movimento, afinal, participamos juntos de *candle lights*, lá em Fortaleza. Contudo, caso você precise falar sobre isso com alguém que não tem a nossa idade ou apreço suficiente à leitura, diz pra elxs assistir o primeiro episódio da segunda temporada de Pose – aquela série na Netflix sobre a cultura Vogue que inspirou a Música da Madonna.

O ACT UP (*AIDS Coalition to Unleash Power*) foi fundado aqui em Nova Iorque no ano de 1987. Trata-se do primeiro movimento social organizado para

demandar de governos, e de setores da iniciativa privada, a melhoria nas respostas dadas à epidemia de HIV – a qual assolava, principalmente, a comunidade gay nos Estados Unidos. O movimento foi estruturado através de uma rede de comitês responsáveis por tarefas específicas e grupos de afinidades. Enquanto o número de mortos crescia e muitos tinham que enterrar seus amigos e amantes, o governo norte-americano se recusava a reconhecer a gravidade do problema e mais atrapalhava do que ajudava a resolver a situação. Qualquer semelhança entre o que aconteceu nos anos oitenta por aqui e o que tens visto no Brasil hoje não é coincidência: corpos cuja sexualidade é dissidente e vidas cuja moralidade não importa para a manutenção do mito do crescimento econômico ilimitado são sempre deixados a morrer por aqueles que ocupam o Estado. A vida não tem um valor absoluto. Classe, cor de pele, e forma de expressão sexual são ambidestramente usados para separar quem pode morrer.

Entendendo que era preciso transformar sua raiva e sua dor em algum tipo de ação propositiva, posto que o governo já havia evidenciado o descaso para com as pilhas de corpos que só cresciam, eles decidiram tomar para si o poder que haviam delegado ao Estado e partiram para a ação direta desenvolvendo grupos de ajuda e suporte mútuo para modificar a legislação vigente, estudar os avanços científicos ligados ao tratamento e inventar formas de continuar vivendo unidos pela raiva em meio a um cenário de mortes que lembrava uma guerra.



André Luis Leite *et al* - Cartas pandêmicas NY 18junho.

Foto: [Act Up New York](#)

No domingo, dia 31 de maio, participei de um seminário sobre no que as lutas pela saúde no contexto da epidemia de HIV dos anos 80 poderiam inspirar as batalhas que temos travado no enfrentamento ao Covid-19. Nessa reunião, contamos com a presença de Jim Eigo, escritor e ativista que participou ativamente da elaboração das ações que levaram à reformulação da legislação federal norte-americana sobre pesquisa e consumo de medicamentos.

Ele fez uma fala emocionante e nos apresentou com uma lista dos dez princípios que sintetizam a forma como ele entende que as lutas sociais podem provocar mudanças na forma como as políticas governamentais para saúde são organizadas. Como, essa semana, o Brasil completou um mês sem ministro da saúde, resolvi traduzir a lista do Jim e mandar para você:

1. Nós asseguramos que as nossas primeiras demandas para o establishment médico fossem simples e concretas. Aquelas demandas em forma inicial serviram para mobilizar nossas tropas e informar a imprensa sobre o que nós queríamos;
2. Nós, rapidamente, transformamos aquelas demandas simples em políticas estruturadas, as quais nós escrevemos como se tivéssemos o poder de colocá-las em prática;
3. Nós miramos nas pessoas do establishment médico (no nosso caso, o Departamento Americano de Controle de Comida e Medicação, Institutos Nacionais de Saúde e Centros para controle de Doenças) aptas a promover mudanças reais de forma rápida;
4. Nós procuramos por amigos nas agências governamentais provedoras de saúde que iriam se manifestar a nosso favor e falar em nosso nome;
5. Nós convidamos cuidadores para contribuir com as políticas que nós estávamos construindo e para advogar pela sua implementação;
6. Nós encontramos jornalistas simpáticos à causa para contar a nossa versão da história e também o fizemos nós mesmos usando todos os recursos disponíveis;
7. Nós procuramos políticos que pudessem nos apoiar;
8. Fizemos eles entenderem que sendo pessoas vivendo com uma condição médica difícil, nós, nossos entes queridos e nossos

cuidadores éramos especialistas no assunto. Fizemos eles entenderem que nós éramos não só o problema, mas o recurso fundamental para criação de soluções;

9. Nós deixamos claro para o establishment médico que nós queríamos não apenas um lugar à mesa, mas cadeiras em todos os comitês (médico, de pesquisa, de regulamentação) relevantes, e que nós não seríamos meros expectadores naqueles comitês. Nós seríamos parceiros na mudança das políticas existentes e na construção das novas que dariam tratamento à epidemia global que nós conhecíamos tão bem.

Espero que isso te ajude a pensar em possíveis agora que o cenário nacional parece tão oprimido pelo peso dos nossos adversários.

Tente não morrer e não surtar.

Beijo

André Luis Leite

Nova Iorque, 27 de junho de 2020

Adri,

Foi estranho não ter recebido uma carta sua nesta semana. Sei que uns dias são mais complicados do que outros e que alguns deles servem para nos mostrar que há muito a explorar até chegarmos ao fundo do poço. Por aqui a semana foi da ordem do impossível. Escrevo atrasado por conta de uma crise de enxaqueca que durou quatro dias. Escrevo mesmo assim, pois aposto nas palavras como ferramenta de enfrentarmos a barbárie. Mais ainda, assim como Michel Foucault – um (jor)analista do presente, cujo trabalho eu admiro muito – aposto na amizade como forma de enfrentar “o Jair que há em nós”. Rafael Trindade explica isso bem melhor:

“Talvez a amizade seja uma das grandes armas contra o fascismo. Na amizade encontramos os pré-requisitos básicos: potências que se somam (...); uma horizontalidade que se faz por ajuda mútua e não por poder ou hierarquia; das alegrias mais puras, que a simples presença do outro traz; uma criação que

não se deixa capturar por representações e imagens. A amizade possui a bonita capacidade de ser generosa, ágil e recusar com criatividade uma vida assujeitada “. (Fonte: Razão Inadequada – <https://razaoinadequada.com/2018/09/24/foucault-nao-e-preciso-ser-triste-para-ser-militante/>)

Essa semana, me peguei com muita saudade dos meus amigos. Aprendi com eles a pensar e a cancelar ideias e não pessoas. Tenho certeza de que se meus amigos não existissem, eu os inventaria.

Se bem me lembro, és bem mais irônico e semi-cético do que eu. Como bom cearense que és, acho que segues mais aberto a rir dessa grande tragédia que é viver do que eu. Dia desses, lembrei de você respondendo às minhas grandes elucubrações sobre o fim do mundo com uma música do Pato Fu. Saudade de tu.

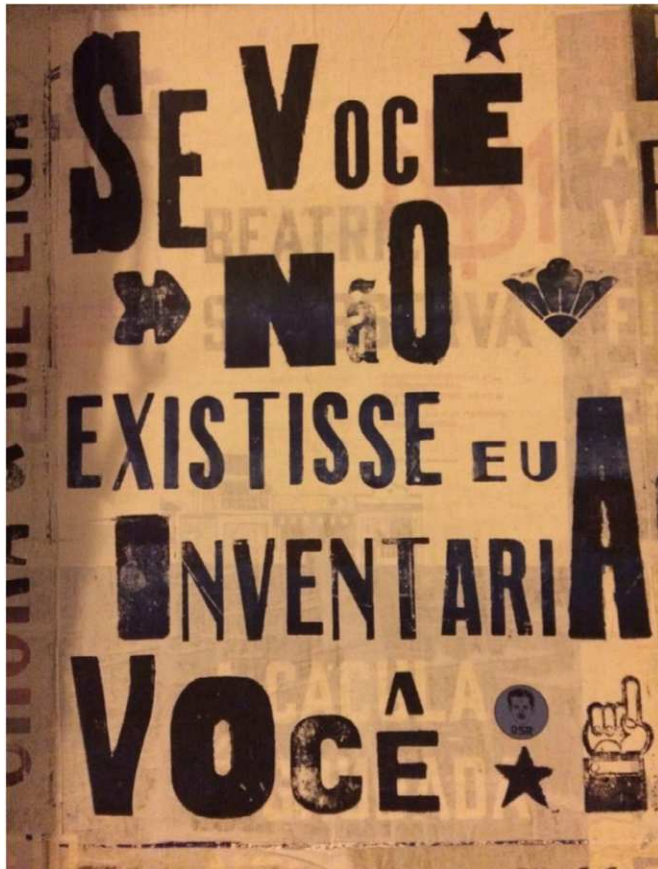


Foto: André Luis Leite - Se você não existisse.

Falando em amigos, o Matthew me ligou e me disse para te pedir desculpas por não ter conseguido te escrever. Ele anda super ocupado acompanhando a transformação de uma marcha de protesto contra a Parada Gay que surgiu aqui no ano passado, no evento público mais importante para a celebração do orgulho gay na cidade neste ano. Sei que ele escreverá uma matéria ótima sobre isso. Quiçá, eu até traduzo e mando para você. Enquanto isso não acontece, deixa eu te falar o que está acontecendo, pois nos ajuda a entender mais sobre os dilemas dos protestos.



WorldPride New York, 2019 – Fonte: domínio público
Foto retirada de <https://bit.ly/3g0fYFC>

Ano passado, para celebrar os 50 anos da revolta de Stonewall, Nova Iorque sediou a World Pride. O selo World Pride é uma espécie de VillaMix do mundo gay. Depois de ter passado por Roma (2000), Jerusalém (2004), Londres (2012), Toronto (2014) e Madri (2017), o evento, badaladíssimo e caríssimo, chegou a Nova Iorque. A proposta não podia ser mais interessante: “promover a busca universal por liberdade e direitos humanos”. Contudo, associar as celebrações locais com a proposta do World Pride deixou tudo absurdamente caro e, na opinião de alguns, fez com que os eventos do mês do orgulho gay se tornassem comerciais e voltados, quase exclusivamente, para as gays brancas

e ricas desta cidade. Ter como patrocinadores a Uber, a MasterCard e a Coca-Cola, não é algo sem custo. Para muitos, os atos políticos pensados para celebrar e seguir na batalha começada com os atos de protesto de Stone Wall, estavam sendo comercializados, tal e qual as camisetas I love NY, que todo mundo que vem aqui insiste em comprar. Essa discussão não é nova aqui, mas no ano passado uma resposta interessante foi dada a ela.

No dia 30 de Junho de 2019, no mesmo horário da Parada Gay Oficial, um grupo de pessoas participou da Marcha de Liberação Queer (tradução minha), na qual uma das palavras de ordem era: “Nós estamos aqui pela liberação Queer, e não por um capitalismo com as cores do arco-íris”.

Você já me ouviu dizer, trocentas vezes, que, na luta pela mudança nas normas que regem a nossa vida social, [as palavras escolhidas são parte essencial das estratégias de luta](#). No caso dessa insurgência contra a Parada Gay Oficial da Cidade de Nova Iorque, os participantes escolheram o termo *Queer* para apresentar a sua forma de luta para si mesmos e para aqueles que os assistiram. Na nota divulgada no ano passado, o grupo que desafiou o *gay establishment* local explicou o seguinte:

“Nós escolhemos usar o termo Queer como uma categoria guarda-chuva para representar um amplo espectro de minorias sexuais, de gênero e foras da lei que têm sido, histórica e atualmente, oprimidos. “Queer” indica em nossa concepção um posicionamento político de rebelião e uma demanda por liberação, indo muito além de uma simples categoria identitária. Nós somos trans, bissexuais, lésbicas, gays, intersex, assexuais, dois-espíritos, não-binários e indivíduos e comunidades não conformadas com seus gêneros”.

A Parada Gay da cidade de Nova Iorque, prevista para acontecer hoje, foi cancelada pela primeira vez em 50 anos por conta da pandemia. Diante desse acontecimento, os organizadores da Queer March alinharam sua agenda antiopressão com a onda de protesto pedindo diminuição dos investimentos com a polícia e em defesa da vida das populações negras. A coalizão Reclaim Pride fará hoje, de forma ilegal e no melhor espírito dos protestos em rede que têm acontecido por aqui, a Marcha de Liberação Queer pelas Vidas Negras e Contra a Brutalidade Policial.

Enquanto toda a população negra está sujeita, constantemente, ao risco de sofrer brutalidade policial e assassinato, nós, enquanto ativistas queer e trans, reconhecemos que pessoas Negra Trans, Não Conformadas em seu Gênero, e não binárias, especialmente Mulheres Negras Trans, deparam-se com a intersecção terrível de racismo estatal e social, transfobia, misoginia e classismo. Isso precisa parar agora (Fonte: evento no Facebook convocando pessoas para marcha).



Foto: Cartaz extraído de extraída de <https://www.facebook.com/events/2650793568541801/>

Caso você queira conferir um pouco do babado, eles vão transmitir o evento, durante o dia todo, no Instagram e também no site <https://reclaimpridenyc.org/>.

O ACT-UP Nova Iorque, aquele grupo que eu estou pesquisando, é uma das organizações apoiando a marcha desde o ano passado. Ainda há pouco, eles me mandaram a seguinte mensagem:

Eis alguns lembretes/dicas de protestos para amanhã:

1. Como a marcha é ilegal – os participantes não tem permissão da prefeitura para fazê-lo – lembre-se que há o risco de prisão;
2. Por favor, hidrate-se! Amanhã será um dia quente! Nós teremos um número limitado de kits de protesto, os quais incluem uma garrafa de água;

3. Deixe sua carteira em casa, traga apenas o essencial - identidade, dinheiro e cartão do metrô;
4. Pratique o distanciamento social tanto quanto possível, use máscara sempre e desinfete-se com frequência;
5. Como a marcha acontecerá, faça chuva ou faça sol, venha preparado para tudo (por exemplo: guarda-chuva, poncho, protetor solar)

Se você está preocupado com o Covid-19 ou tem experienciado sintomas de covid, por favor, fique em casa. Haverá transmissão ao vivo, durante o dia todo, em reclaimridenyc.org

Estou muito animado com a ideia de participar desse protesto. Não tenho ido aos protestos pois caso seja preso com meu visto de turista terei muito problema. Contudo, amanhã, escolherei o problema com o qual quero lidar e vou lá jogar meu corpo no mundo.

Me deseje sorte, torça para não chover e reza para que eu não seja preso.
Bom domingo.

André Luis Leite

Porto Alegre, 30 de junho de 2020.



Foto: Parada pela Diversidade Sexual do Ceará 2012. Acervo Grupo de Resistência Asa Branca – GRAB.

André

Fiquei bem feliz em receber sua carta e peço desculpas pela minha ausência nos últimos dias. Na verdade, ainda estou aprendendo a trabalhar de home office, mas como diz a música do Chico: [“a gente vai levando... a gente vai levando...”](#)

Adorei saber notícias suas e dessa Marcha de Liberação Queer(!), até porque, como você sabe, iniciei minha trajetória na saúde a partir da inserção no movimento LGBT em Fortaleza, na ONG Grupo de Resistência Asa Branca, que, entre várias ações de prevenção ao HIV/AIDS e às lutas contra a LGBTfobias, também organizam a Parada pela Diversidade do Ceará. Mesmo longe do Ceará há 08 anos, é forte a lembrança das edições das Paradas que participei na organização, sempre no último domingo de junho. Este ano, devido à pandemia, não vai ocorrer as cores do arco-íris invadirem a Avenida Beira-Mar, cartão postal da capital alencarina.



Foto: Parada pela Diversidade Sexual do Ceará 2012. Acervo Grupo de Resistência Asa Branca – GRAB.

Então, essa relação saúde - direitos humanos e população LGTQBI+ sempre foi uma constante na minha vida. Na sua carta, você falou do papel do mercado na parada de Nova Iorque. Aqui, durante muitos anos, o grande parceiro do movimento LGBTQI+ foi o Programa Nacional de DST/AIDS, do Ministério da Saúde. Vou contar um pouco de história para contextualizar o que estou falando: o [Programa Nacional de HIV/AIDS](#) era uma agência governamental responsável por ações relativas à AIDS (educação e prevenção, assistência à saúde, distribuição de medicamentos, tratamento às pessoas vivendo com AIDS, pesquisa e vigilância epidemiológica). Desde 1996, disponibiliza tratamento gratuito para pessoas vivendo com HIV/AIDS através do Sistema Único de Saúde (SUS). A participação de militantes, muitos dos quais vinculados às ONGs, foi fundamental para a formulação, desde o início, de políticas públicas pautadas pelo referencial democrático, não discriminatório e de defesa dos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Foi esse diálogo entre gestores, militantes e pesquisadores que fez o Brasil ser reconhecido como modelo de enfrentamento ao HIV/AIDS e, também, compreender que o combate para uma epidemia como a AIDS envolve mais do que ciência e financiamento. Ela nos ensinou que precisamos incluir a pauta de direitos humanos e vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas, pois, somente dessa forma, vamos conseguir enfrentar a epidemia.

Um dos marcos simbólicos que não podemos negar é que a AIDS possibilitou incluir, nos discursos oficiais, os diversos sujeitos sociais que constroem a luta diária das pessoas vivendo e convivendo HIV/AIDS, população LGBT, negras e negros, mulheres, pessoas *trans*, profissionais do sexo, jovens e usuários de álcool e outras drogas. Esses sujeitos foram visibilizados a partir da construção democrática da política de combate ao HIV/AIDS e nos ensinaram que hoje ninguém morre mais de AIDS, mas pode morrer de estigma e discriminação que, ainda, afeta as pessoas vivendo e convivendo com HIV/AIDS. Nesse sentido, os grupos organizados em torno da luta contra a AIDS foram fundamentais para a resposta à epidemia. No caso da Covid-19, ainda não vimos grupos organizados em torno deste [combate](#).



Foto: Parada Livre de Porto Alegre, 2017 – Parque da Redenção (foto: acervo pessoal)

No entanto, a AIDS está entrando na sua quarta década e muita coisa mudou nesse período. Como você tem escrito por aí, as formas de resistências e [lutas estão em transformação](#) no mundo todo e aqui no Brasil não seria diferente. As resistências que estamos vendo, as lutas [antifascistas e antirracistas](#), a princípio não estão atreladas a nenhuma organização ou associação específica. Na maioria são jovens que estão unidos pela luta “vidas negras importam” - um debate importantíssimo no país que não resolveu os séculos de escravização que tem pelas costas, [apenas os colocou debaixo do tapete...](#)

Contudo, como você disse na sua última carta: que a amizade seja uma das grandes armas contra o fascismo. Concordo com essa colocação e digo mais: atualmente ando acreditando mais nas nossas redes, nos microespaços. Não é o caso de voltarmos para o armário, mas vamos precisar ressignificar os afetos e estarmos próximos de quem realmente nos afeta. Aqui, quero trazer minha amiga e colega de luta do GRAB, Dediane Souza, travesti, negra e nordestina para a conversa:

“Por muito tempo, os espaços de sociabilidade LGBT foram vistos apenas como “guetos” de exclusão, mas, embora sejam resultado direto da LGBTfobia, são também espaços de acolhimento, de construção de relações de afinidade, solidariedade e organização de redes. Não se trata, aqui, de um coro à ideia homogeneizante de comunidade, mas de entendermos que as mudanças políticas necessárias para este tempo demandarão olharmos de um modo diferente para o principal propulsor das lutas pelo fim do preconceito e da discriminação, a saber: as pessoas e suas aspirações por felicidade”.

Ando começando a concordar contigo e com o tal (jorn)analista do presente de quem você tanto fala: não é mesmo [preciso ser triste para ser militante](#). Esses dias, vi um vídeo lindo do Emicida falando que somos os únicos representantes do nosso sonho na terra e que, por isso, precisaremos encontrar formas de lutas que façam do tempo presente algo pelo qual vale a pena acordar.

Sei que você anda preocupado com o efeito de tudo o que temos vivido sobre o seu projeto/desejo/sonho de ser um pesquisador que conta histórias de lutas para construção de futuros. Por isso, te mando essa foto que eu fiz em uma exposição que vi em [São Paulo, em 2017](#).

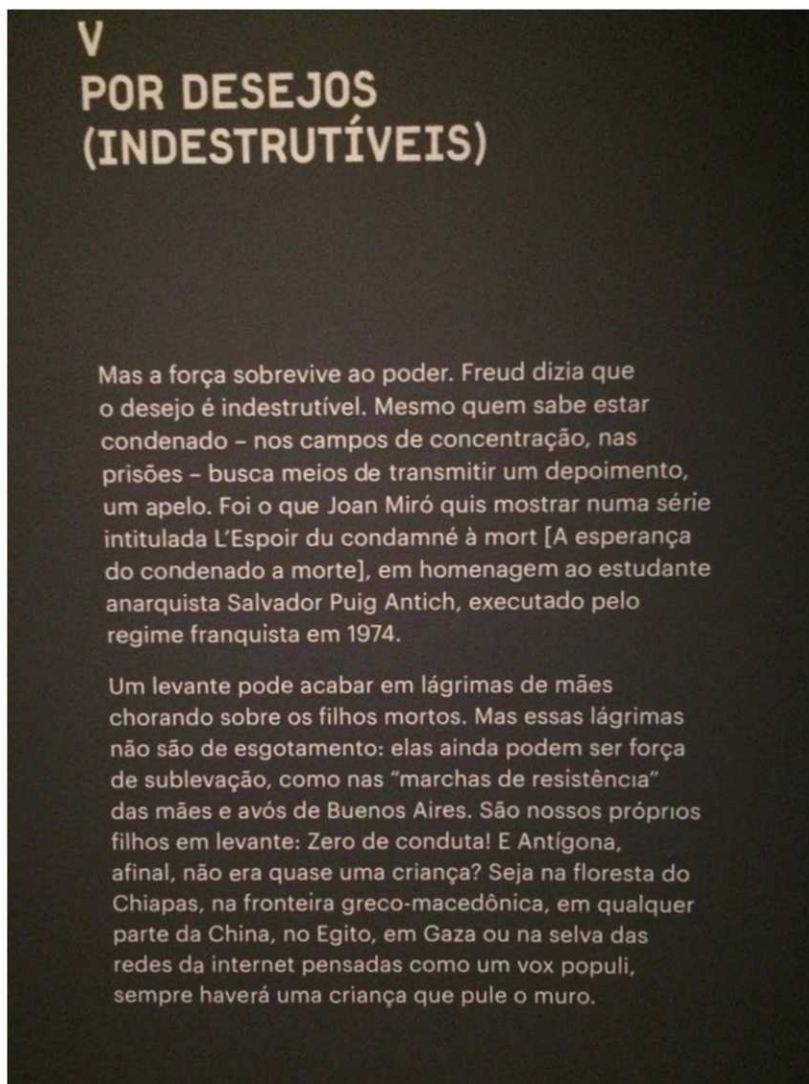


Foto: Exposição levantes, São Paulo, 2017 (Acervo Pessoal).

É isso, meu amigo. Obrigado pela parceria e por juntos acreditarmos [num outro mundo possível](#) – tarefa urgente e necessária.

Evoé!

Bjs,

[Adriano Caetano](#)

– Pós-escrito –

De: adrianohaetano@gmail.com

Para: andreluislfs@gmail.com

Cc: g.shimocomaqui@gmail.com

Data: 9 de mar. de 2022 11:39

Oi Andre, tudo bem? Como anda por aí nesses dois anos de pandemia? Aqui apesar de todos os esforços ocorreu o feriado do carnaval, digo feriado porque o carnaval oficial, com os desfiles das escolas de samba no Rio de Janeiro e São Paulo vão ocorrer em abril, mas aproveitei o feriado em fevereiro e fui encontrar com o Guilherme em São Paulo.

Apesar de em outros tempos São Paulo ser considerada “o túmulo do samba”, nos últimos anos houve um crescimento de blocos de rua pela cidade mostrando que os paulistas também sabem sambar. E, mesmo com todas as medidas restritivas ocorreram vários blocos clandestinos.

Não participamos de nenhum. Resolvemos não cancelar ninguém que participou, afinal a maioria da população brasileira está vacinada e carnaval é vida. Não fomos, mas entendemos quem foi, pois pensando em saúde mental coletiva, após dois anos seguidos de pandemia, beber e dançar pela rua faz um bem danado.

Então, André, quem está em casa porque pode estar, porque entendeu que seu sacrifício ou decisão é nobre (e é) e ajuda o coletivo, ótimo, mas pegar seu discurso de superioridade moral e apontar dedos para os outros é, no mínimo, perverso, mas não é só isso, e toda a política pública de saúde, a essa altura, deve, levar em conta a necessidade de conviver com a pandemia.

Talvez esse, meu amigo, seja o tal “novo normal”...

De: andreluislfs@gmail.com
Para: adrianohcaetano@gmail.com
Cc: g.shimocomaqui@gmail.com
Data: 19 de abr. de 2022 10:34

Adri, bom saber de tu e dos nossos. Desculpa a demora - a vida anda veloz agora que a pandemia condensou as 24 horas do dia em 8 movidas a café. Confesso que estou sonhando com um carnaval daqueles bem de rua, bem aglomerado e bem necessário para dar esquecer de tudo e cair no frevo até a quarta de cinzas chegar.

A vida no norte do globo tem algumas semelhanças com o antigo normal. Algumas porque as pessoas parecem menos crentes de que algo interessante pode acontecer e mais indispostas a se relacionar presencialmente. Muitos dos meus amigos abraçaram de vez o *on-line* e agora fazem exercício, namoram, trabalham e se divertem usando óculos de realidade virtual. O novo normal parece muito estranho.

Beijo

Março a abril de 2022

Nota aos leitores: os endereços de e-mails no topo dessa página são nossos. Caso queira entrar em contato conosco nos escreva para um deles. Combinamos entre nós que o Andre Sales seria o autor de contato para essa publicação. Então, para que o seu e-mail seja respondido o mais rápido possível sugerimos escrever para andreluislfs@gmail.com



“ESTOU AFLITO COM AS FALTAS QUE CAUSAM ESTA EPIDEMIA” - ENTREVISTA COM WAGNER SCHWARTZ

Tatia Rangel
Frederico Machado
Vi Grunvald
Equipe editorial AntropoLÓGICAS Epidêmicas



Wagner Schwartz. Foto © Masayasu Eguchi

P. Você poderia iniciar nos contando um pouco sobre sua trajetória pessoal e profissional.

Nasci em 1972, no município de Volta Redonda, Rio de Janeiro. Fui alfabetizado por minha mãe, na escola criada por ela em nosso quintal, enquanto meu pai trabalhava como segurança da Companhia Estanífera Brasil. Quando

criança, participei da Banda de Concerto e Coro Infanto-Juvenil regida pelo maestro Nicolau Martins de Oliveira e pela maestrina Sara Higino na Escola Municipal Bahia. O Cine 9 de abril, o Teatro Gacemss, os recitais de música erudita no Escritório Central fizeram parte de minha adolescência na Cidade do Aço. Fui membro da Igreja Presbiteriana. A doutrina protestante fazia parte da agenda educacional de meus pais. Em 1993, migrei para Uberlândia, Minas Gerais. Ingressei na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Estudei e pratiquei as várias classificações e gêneros de dança também nesta cidade. Participei das edições anuais do Festival de Dança do Triângulo, momento em que conheci a maioria dos artistas e pensadores que acompanho até hoje. Em 1999, fui selecionado pelo programa Rumos Dança Itaú Cultural em sua primeira edição, e, a partir de minha passagem por São Paulo, fiz conexões com artistas da dança em todo o país. Em 2003, fui selecionado mais uma vez pelo mesmo edital. Com a bolsa, viajei a Paris para conhecer o circuito de dança contemporânea local e criar Transobjeto. Este trabalho me ajudou a transitar por festivais no Brasil e no exterior. Em 2004, durante o Festival Panorama, no Rio de Janeiro, o coreógrafo francês Rachid Ouramdane me convidou para participar de sua nova criação e, a partir de 2005, passei a viver em Paris, Berlim e São Paulo. Hoje, moro na França e no Brasil.

P. Após essa introdução mais geral sobre sua trajetória, gostaríamos que você falasse sobre um evento que, certamente, marcou sua trajetória tanto artística quanto pessoal. Referimo-nos à performance La Bête que você realizou no Museu de Arte Moderna de São Paulo por ocasião do 35º Panorama de Arte de Brasileira (2017). A performance causou bastante polêmica a partir da divulgação de um vídeo no qual se via uma criança acompanhada por sua mãe a tocar seu pé. Você poderia nos contar um pouco sobre como foi essa repercussão e quais as suas consequências? Que tipos de perseguição e coerção você sofreu a partir disso?

A repercussão de La Bête está registrada na mídia, no corpo e na voz de cada pessoa que viveu comigo aquele momento onde o absurdo, a notícia falsa, se tornou verdade. Dei entrevistas para jornais, programas de TV e rádio no Brasil e no exterior com o intuito de problematizar os acontecimentos que tiveram início

no dia 28 de setembro de 2017. Todas as matérias que recuperaram a performance esteticamente e politicamente estão registradas na minha página oficial: www.wagnerschwartz.com/la-b-te

P. Essa polêmica influenciou sua decisão de ir à Paris?

Esta polêmica me obrigou a sair do Brasil. Eu não tive direito à proteção policial, mesmo que muitas pessoas se sentissem (e ainda se sintam) no direito de me ameaçar. Sou atacado até hoje. Nesta manhã, por exemplo, fui insultado através de uma mensagem privada via Facebook. Muitas pessoas se sentiram (e ainda se sentem) no dever de me atacar porque um conjunto de políticos de direita e extrema-direita utilizaram sua notoriedade para distorcerem publicamente o que eles não haviam visto no Museu de Arte Moderna em São Paulo. Permanecer no Brasil durante o período mais intenso dos ataques teria sido perigoso. Eu tive a chance de ter um segundo endereço.

P. Atualmente, no Brasil, a arte tem sido usada para criar um pânico moral que gira em torno de uma série de acusações que vão desde a depravação de valores ditos tradicionais até incitação à pedofilia. Sabemos que a criança em questão era filha de Elisabete Finger, sua amiga pessoal. Você poderia nos contar também sobre as consequências – jurídicas, inclusive – que sua amiga teve que enfrentar por conta da polêmica?

Artistas engajados constroem argumentos contra qualquer discurso moralizador. Nosso trabalho aborda questões que os políticos impacientes pela autopromoção no círculo dos super-ricos, da família tradicional, podem capturar, manipular e atacar. Elisabete sofreu pressão pública, foi vítima de linchamento virtual, prestou depoimento na 4ª Delegacia de Repressão à Pedofilia de São Paulo e também foi convocada para uma oitiva da CPI dos Maus-tratos presidida pelo então senador e pastor neopentecostal Magno Malta.

P. Qual foi o papel das mídias sociais e digitais nesse imbróglio, com sua enorme e quase instantânea difusão de informações?

As mídias sociais ganharam a forma virtual de uma arena. Fui atacado por milhares de pessoas e de robôs ao mesmo tempo em que era defendido por

peças e por grupos militantes. Do fim de setembro 2017 a fevereiro de 2018, não conseguia reagir. Como entendi que esta disputa não era pessoal, mas de classe, decidi me manter off-line por um tempo. As mídias midiáticas iniciaram os ataques e assim que constataram que haviam perdido a disputa, partiram à procura de outros assuntos.

P. Como você avalia o papel e a importância das artes no contexto político atual no Brasil, quando vivemos uma série de tentativas de restrição e censura tanto de cunho moral, através de acusações nas redes sociais, quanto propriamente institucionais?

A arte é uma atividade de extrema importância para a emancipação da consciência crítica humana. E, portanto, no Brasil atual, governado por líderes autoritários, a arte precisa perder seu valor persuasivo. Presidente e aliados conseguiram instaurar a estupidez e a obediência como linguagem. A arte tornou-se vulgar no território brasileiro. Pensar, hoje, é crime.

P. Trazendo mais para o contexto atual que estamos vivendo com a pandemia da Covid-19, como você tem vivenciado este momento que traz elementos tão preocupantes do ponto de vista político, econômico e cultural?

Como todas, todes e todos que percebem esta crise: cuido de mim e do outro. Se tenho casa, fico em casa. Se posso evitar o contato pessoal, evito. Ainda não consigo pensar em uma tradução estética deste mundo que se apresenta com a pandemia. Estou aprendendo a lidar com ele. Parece que o luto cívico toma mais tempo que o pessoal para encontrar a transformação. Evito a rigidez em retornar ao conhecido para significar esta crise. Há uma interferência mais atuante do mundo digital em nosso dia-a-dia. Nosso corpo online está mais ativo que o off-line. Em breve vamos entender como este corpo pode criar.

P. Como você imagina que as artes serão impactadas pela pandemia que mobilizou enormes recursos num momento em que o desmonte de políticas públicas de incentivo às artes já estava em curso no atual governo?

Não imagino como as artes serão impactadas, porque nos roubaram até a ideia de “amanhã”, e o vírus não é o ladrão. Há dinheiro no Brasil, podemos

constatar. Neste momento, por exemplo, em que a crise causada pela pandemia se mostra dramática, criou-se o auxílio emergencial. Não vou discutir, por agora, a forma como este benefício financeiro está sendo distribuído ou se é muito ou pouco. O importante é registrar que um auxílio foi criado. Antes da epidemia se instalar, não se falava em auxílio. Agora, ele existe. Desse modo, outros programas poderiam ser criados, não? Há dinheiro no Brasil, mas parece que ele não pode ser destinado às artes, à educação, à saúde antes do surgimento de uma pandemia. Por que?

Antes da Covid-19, era a instituição privada que assegurava a produção das artes brasileiras. Ela apoiava os artistas que queria, enquanto a instituição pública acolhia os trabalhos que podia (e, muitas vezes, também, os que queria). Artistas se acostumaram a este sistema porque parecia não haver outro — um acordo tácito, regido pela frustração e pelo ressentimento. Mas esta não é a melhor forma de evitar um colapso no circuito da arte — esta arte que muitos apelidaram de “independente” e que, na realidade, quer dizer “no vermelho”. Editais se transformaram em política pública, assim como “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade” — sim, essa máxima é do Goebbels, cito-o para não perder o fluxo de seu atual sucesso difundido pelos representantes da cultura deste governo. Um edital não garante a produção de todos os que trabalham. E o Estado precisa entender que saúde não é sinônimo de hospital ou farmácia, saúde é o que vem antes da doença. É certo, se uma pessoa tem direito à arte, à educação, ela será mais saudável, menos vulnerável ao ódio, emancipada. Contudo, será esse um interesse político?

Artistas independentes sempre foram impactados por pandemias, crises políticas, éticas, sociais. Sempre tivemos que inventar um jeito de lidar com fatos destrutivos. Não vejo outra saída a não ser, mais uma vez, recorrermos às comunidades como já fizemos em décadas anteriores — a solidariedade como um jeito de existir e de trabalhar, construído por cada um de nós, em que cada um de nós se responsabiliza por sua evolução.

P. Sendo um brasileiro que vive na França (ou na França e no Brasil), como você avalia a resposta dos governos francês e brasileiro no enfrentamento ao novo coronavírus?

A diferença entre um governo e outro é notável, a mídia nacional e internacional tem nos informado. O governo francês, apesar de suas fragilidades,

dirige um país. O governo brasileiro, retrato envelhecido de um chefe militar, manda em quem o apoia e chama seus seguidores de Brasil.

P. Já falamos sobre a importância das mídias sociais no momento que estamos vivendo. Como você avalia o impacto das mídias digitais amplamente e especificamente das fake news no momento político e social que vivemos?

As notícias falsas chegaram para nos avisar que a mentira virou fato. O real tornou-se questionável porque a vibração daquilo que vira verdade a partir de um rumor tornou-se inquestionável. A distorção da realidade agrupa pessoas que buscam por experiências fortes, instantâneas, como aquelas fabricadas pelos filmes de terror. Notícias falsas se espalham mais rápido que a reflexão, precisam de menos caracteres; às vezes, basta uma imagem. Pessoas falsas precisam criar e participar de grupos opressores, os mais célebres, custe o que custar. Não estão dispostas a serem questionadas. Validar a reflexão é caminhar contra a procissão, citando a Experiência nº2, de Flávio de Carvalho, em 1931, que consistia em andar em sentido contrário a uma procissão de Corpus Christi pelas ruas de São Paulo com um boné de veludo verde na cabeça. Este seu ato não se tratou apenas de um simples caminhar, mas de um enfrentamento direto com a psicologia de uma multidão religiosa e politicamente alienada. Esta performance despertou a fúria dos crentes, que terminaram por partir para seu linchamento. Flávio de Carvalho conseguiu escapar refugiando-se em uma leiteria. Foi resgatado em seguida pela polícia, que o levou preso.

P. Como esta pandemia tem impactado você, sua vida, seu trabalho? De quais modos?

É muito difícil responder esta pergunta porque, como muitas e muitos, estou aflito com as faltas que causam esta epidemia: a falta de palavra para dizer o que ela é, a falta de uma vacina, a falta de leitos em hospitais, a falta que várias pessoas farão para suas famílias, a falta de vergonha dos governantes que insistem em passar o dinheiro na frente da vida. Eu preciso de tempo, de distanciamento para responder esta pergunta. Em um dado momento, os que sobreviveram irão nos ajudar a refletir. Agora, vivo o presente sem precisar criar um significado instantâneo para ele.

P. Por fim, queríamos abrir espaço para você falar mais abertamente sobre como você pensa que as artes têm contribuído para repensar a sociedade nos últimos tempos? Sobretudo agora, depois do coronavírus, no qual o mundo passa por mudanças que parecem definitivas, com o aumento da virtualização da vida social e um acirramento dos tensionamentos políticos.

Arte e sociedade andam de mãos dadas há séculos, mas com as mãos separadas do corpo. A matéria e o espaço reflexivo da arte estão conectados com o tempo. Mesmo que um objeto tenha sido criado em um momento específico da história para refletir um momento específico da história, ele continua a ser atualizado a partir de uma nova experiência. Um quadro em um museu não se resume ao período em que foi criado. Ele age no agora, no corpo daquela e daquele que o confronta, que o retira da parede através da memória, que o leva para casa. Hoje, tenho a chance de revisitar objetos que trouxe para minha casa antes da quarentena. Em cada um deles, encontro uma reação à pandemia. E como o luto cívico ainda não me permite criar, eu me aproximo dos textos de Rainer Maria Rilke em Nota sobre a melodia das coisas,

*Estamos no começo, você vê.
Como antes.
Com Mil e um sonhos atrás de nós e sem ação.*

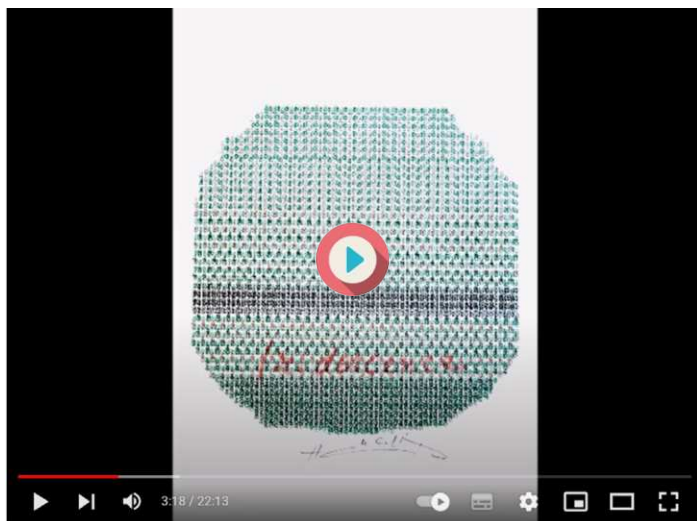
Ou ainda, traduzo Emily Dickinson,

*"Fé" é uma ótima invenção
Para quem tem competência—
Mas microscópios são prudentes
Em uma emergência".*

ao mesmo tempo em que escuto a respiração de Henri Chopin em Le Corps (O Corpo):



Henri Chopin - Le Corps (1966)



Link:[Youtube](#)

Quando estou impaciente, dedico alguns minutos à Wendy Carlos,



Wendy Carlos Interview 1989 BBC Two.

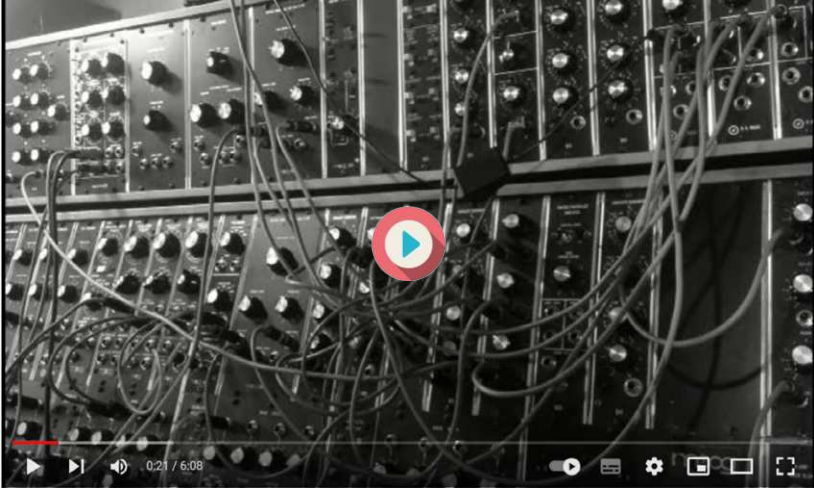


Link:[Youtube2](#)

Oops,



Not Carlos Moog Bach - Brandenburg 2.1 in F

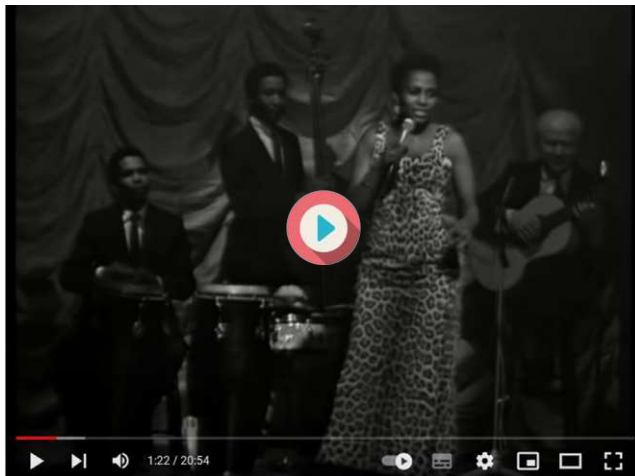


Link: [Youtube3](#)

Quando preciso de colo, peço à Miriam Makeba,



Miriam Makeba - Live At Berns Salonger, Stockholm, Sweden, 1966 (Pt.1).



Link: [Youtube4](#)

Deixo a biografia de Anita Malfatti aberta sobre a minha mesa de trabalho, ao lado da replica do Bicho da Lygia Clark. Viajo no Instagram de Julio Villani. Releio os poemas de Leonard Cohen,

*Vamos cantar outra música, queridos
Esta ficou velha e amarga*

visito seus álbuns no fim da tarde. E, para esta: New Skin for the Old Ceremony (Nova pele para a antiga cerimônia)



Leonard Cohen - Is This What You Wanted W/Lyrics



Link: [Youtube5](#)

Quando anoitece, assisto os filmes de meus diretores favoritos: Opening night (Noite de estreia) de John Cassavetes; Coffee and Cigarettes (Café e cigarros) de Jim Jarmusch; Jogo de cena, de Eduardo Coutinho. Vou para cama com Finita, de Maria Gabriela Llansol e sempre pego no sono quando ela diz “Viver à sós atrai, pouco a pouco, os absolutamente sós”. Faço tudo isso em um dia, e, no dia seguinte, troco a ação e os autores. Amanhã, quem sabe, meu diretor preferido será Tomás Gutiérrez Alea, com seu filme-sobremesa Fresa y Chocolate (Morango e Chocolate).

P. Que mensagem você gostaria de deixar para nossos leitores em relação ao momento que vivemos?

Assistam a entrevista de Bruno Torturra com Eliane Brum, CórTEX – Vivendo o Fim no Centro do Mundo. Neste passeio por Altamira é possível construir a diferença entre desenvolvimento e envolvimento.

Conheça mais sobre o trabalho de Wagner Schwartz em seu [site](#) e [instagram](#).

Maio de 2020

4.

VÍRUS, MUNDOS, MORTES, LUTOS: DOS TOTALITARISMOS ÀS FABULAÇÕES SOBRE O FIM DO CAPITALISMO

Foto: Sneha_Siva

O CHORO SEM LÁGRIMAS

Vitor Rocha de Araújo¹



Foto: Vitor Rocha Araújo.

Há dias choro e não cai uma lágrima. Há dias enterro mortos na minha cabeça. Há dias penso nos fronts de batalha e nas margens abandonadas. Há dias carrego esse choro sem lágrimas.

Vejo as bombas mais leves que o ar prestes a estourar nas caras limpas, vejo o desejo por mais tempo. Vejo os rostos ditos velhos e suas rugas terminarem em páginas de jornal: jornadas encerradas. Vejo as dores se confundirem, não

¹ Autor no entre lugares: entre campos do saber, entre ar e terra, entre sensibilidade e desprezo, entre ceticismo e fé.

consigo separá-las. Quero ver outra coisa, mas percebo minha visão úmida. Lacrimejo e espero a água enfim quebrar o cerco dos meus olhos. Mas nenhuma gota abre o caminho.

Choro pelo desejo inalcançável de cessar a dor e choro quando esse próprio desejo ceifa o seu criador. Choro pelas linhas frias do protocolo reinante que colocará dores em números, sem ter conhecido uma história e sem ter tocado alguma pele ainda quente. Choro pelos corações afastados e pelos choros inaudíveis. Ergo a mão para tocar meu rosto, mas nenhuma lágrima corre.

Então ouço, lá onde a visão faz curva, as palavras que tanto ansiava. Ouço a história do bem maior e a música precursora do novo amanhã. Ouço a canção de gentileza que pensava não existir mais e ouço as pessoas em coro contra a ignorância. Ouço o canto de quem amo e percebo que suas vozes penetram dentro de mim em níveis tão desconhecidos que meu corpo é abraçado de dentro para fora. Sinto brotar. A água está vindo, aqui e agora, para finalmente me curar. Quanta saudade tinha de limpar minhas lágrimas.

Subitamente, porém, entra em meus ouvidos outro barulho, feroz, bruto. Ele vem junto de um cheiro podre, embrulha meu estômago e seca imediatamente as lágrimas que esperava angustiadamente. Seca minha pele e seca meu corpo. A sensação é cortante: são os relatos sujos, os odores fétidos, os mitos desprezíveis. Eles obstruem as vias pedindo doença e terror, agridem a afabilidade, caçoam do bom senso, desatam as mãos dadas. Eles capturam meu choro e atacam o meu pior. O fogo em meus olhos apaga qualquer vestígio de água e agora minha visão arde e me polui. Grito. Vocifero. Tanta aversão, tanta raiva, tanto nojo. Por que impregnam em mim? Por que roubam minhas lágrimas e me deixam submerso na cólera e na repulsa?

Pergunto-me que horror é este, do que é feito. Como ele consegue produzir mãos em riste, ouvidos servis e atos vulgares? Pergunto-me o porquê deste vácuo no meu coração que parece sugar a tristeza ávida em ser matéria. Há dias choro e não cai uma lágrima.

Pergunto-me como viver sem chorar. Onde estão essas lágrimas que insistem em não escorrer pelo meu rosto? Para onde vão? Existe chorar pelo avesso? Pergunto-me como sentir tanto. Como beijar sem tocar os lábios? Como

sair sem ser para fora? Como conversar sem companhia? Como estar junto estando longe? Como amar sem tocar?

Se essa sensação crescesse até estourar, não sei se explodiria água ou sangue.

Sinto-me enjoado como se estivesse em alto mar. Avisto um banco. Sento. Fecho meus olhos. Sinto. Silêncio. Meu peito ressoa. Se alguém encostasse nele com os ouvidos, seria concha, entoando o barulho do mar.

Talvez, afinal, tenha encontrado essas lágrimas. Essa água não lançada quiçá me fez mar interior. Depois de ter passado a maré forte, encontrei tudo nele. As bombas, as rugas, as dores, os gritos, as histórias, as músicas, os abraços, o amor, a raiva, o nojo e o horror. Encontrei também meu choro sem lágrimas. Nesse mar, agora calmo, sorri.

Maio de 2020

– Pós-escrito –

Que o mar transforme o sertão

Um dia ouvi alguém falar sobre quais seriam as consequências perenes da pandemia, psicológicas, sociais, culturais. Foi a primeira vez que compreendi a magnitude da significação do que estávamos passando coletivamente. A noção de tempo nos afetava com intensidade e a falta de perspectiva de saída da situação nos assombrava.

Essa produção saiu de uma inquietação profunda com as sensações que brotavam, a raiva de sentirmos tudo e não sentirmos nada ao mesmo tempo e de não conseguirmos nem mesmo a companhia do desespero. Se faltou a materialidade do choro, espero que a materialidade desses registros inscrevam no tempo nossos sentimentos, comprometendo-nos continuamente com os ideais da saúde coletiva. Que voltemos a sorrir em mares dignos e justos.

Abril de 2022



MUNDOS, VIDA E VIDAS EM JOGO >> FABULAÇÕES SOBRE QUARENTENA E IMAGINAÇÃO¹

José Miguel Nieto Olivar²

Apesar de tudo o que ainda deve ser dito sobre o *fim-do-mundo*, hoje o nosso fim-do-mundo-de-cada-dia é a pandemia de Covid-19 e sua rede sócio-técnico-política. Neste texto, apresento cinco fabulações para pensarmos o mundo quando voltarmos do resguardo/massacre; pontualmente, estas fabulações estão conduzidas a partir da minha relação intensiva com a saúde pública. Escrevo desde um lugar particular: *apocalíptica* São Paulo, março-abril de 2020, início da pandemia aqui. Escrevo desde a minha casa, ora Planeta León (com seus quase 3 anos) ora Planeta SARS-CoV-2 (com seu fedor de poucos meses), entre aulas que não pararam, reuniões que se multiplicaram, cozinha, faxina, música e tudo em transformação.

Primeira fabulação>> Matar: Covid-19 nada mais é que uma gripezinha para fracos. A pior das forças possíveis: nem Vida nem vidas. Alocução presidencial do dia 24 de março, entre outras. “O Brasil não pode parar”. O presidente-capitão, literalmente, tira onda da pandemia, se consolida no seu negacionismo necropolítico e operacionaliza mais um golpe, dessa vez, no Ministério da Saúde. Outras bandas militares tentam tirar proveito, ensaiam pequenos golpes e então, com seus intelectuais e inspiradores, aliados, serventes e seguidores, influencers e financiadores, se configura uma assembleia de quase-humanos respirando caos, morte e destruição. O (ex)Ministro Mandetta, médico e parlamentar do agronegócio, praticou sua incapacidade e inconsistência tecnopolítica: temeu perder seu cargo, temeu os chefes, temeu a pandemia, tentou ouvir tardiamente os técnicos; disse, como se verdade fosse, que um médico jamais abandona um paciente... Mas temos um novo Ministro que declara não-saber. Bolsonaro e sua fértil governamentalidade que leva ao infinito a catástrofe.

1 Diversas pessoas fizeram leituras, comentários e estímulos no processo de escrita, a elas agradeço enormemente. Também agradeço aos amigxs, colegas e alunxs da Faculdade de Saúde Pública/USP, axs integrantes do CPaS-1 (Coletivo de Pesquisa em Antropologia e Saúde) e do Laboratório de Híbridação Científico-Política em Saúde Pública (LaHíbrid), da FSP, pela intensidade e qualidade de trocas.

2 Professor da Faculdade de Saúde Pública/USP

Segunda fabulação>> La Vida: na noite de 28 de março, depois de mais de 10 dias em casa, sonho com a cidade coberta pela fumaça das chaminés do crematórios. A primeira imagem do mundo quando voltarmos é a morte: os milhares de humanos mortos em curto tempo.

Sanitaristas do campo acadêmico criticam ferozmente a lentidão e a mansidão do Ministro e do Ministério que não toma a decisão -brutal- de fazer um *lockdown* completo, de fazer uma vigilância epidemiológica mais agressivamente ativa, de não forçar *distanciamento social, isolamento e quarentena*. Meus colegas fazem cálculos e traduções, leem dezenas de artigos publicados ontem no Lancet, na Science; varrem o PubMed e os jornais estrangeiros, sabem tudo sobre a China, sobre Itália e Coreia do Sul, discutem ferozmente, testam argumentos e se exigem mais. As imagens das curvas, os novos descobrimentos sobre as formas do vírus e suas interações humanas, as formas das modelagens, os cálculos sobre as equipes de vigilância epidemiológica, sobre financiamento do SUS, sobre leitos, respiradores e UTIs começam a ocupar a hora-a-hora do nosso dia-a-dia.

As controvérsias derivam pelos caminhos da testagem e dos tratamentos, e a raiva da frustração com a barbárie federal aumenta.

Na metade de março os mortos começaram a chegar e começaram a ser contados. Antes do fim de abril superamos os 3.000 aqui no Brasil, seremos 10.000, 15.000, 25.000 que nos somaremos aos milhares e aos milhares e aos milhares... Sabemos apenas dos números, fetiche de uns; sabemos apenas da distribuição, fetiche dos outros... Porém, quem são estes mortos? Como morreram? A informação sobre “óbitos” é sigilo da vigilância epidemiológica. Importa saber quantos, não quem. Uma hora, nós feitos moscas, o número parará de importar. Precisamos saber quem são os mortos! Cuidá-los em vida e depois, na vida deles e delas-em-nós, nessa *livusia*³ de escala metropolitana.

Pelo visto até agora, não teremos nem sequer direito de velar nossos mortos e tocar seus tambores. Razões técnicas (leia-se: usualmente falta de imaginação ou pragmatismo humanitarista) o impedirão. Parece que não vamos a lidar com essa morte, como não lidamos com nenhuma das mortes massivas de que padecemos. Notícias de irmão de Antígona e de Antígonas entre nós: marca primeira do mundo quando voltarmos. Que Vida, que vidas, que mundos são estes então?

³ Disponível em: <https://institutoimue.org/publicacoes/politicas-da-pandemia-sobre-virus-livusias-ilhas-e-discos-voadores/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

Terceira fabulação>> Duas classes no Antropoceno: sobre poder e perspectiva. O princípio da defesa da vida coletiva orienta a correnteza sanitária: oposição ontológica ao regime atual. Perante a ameaça brutal da Covid-19 e seu pandemônio brasileiro todos os alarmes se ligam.

Porém, a morte massiva é uma novidade? Uma exceção? Quando? Onde? Para quem? Há algo de muito incompleto nesta fundamental preocupação com a modelagem e a prevenção da *morte de humanos*. Parece-me que a única chance da afirmação “Enquanto planeta, não temos uma experiência recente de mortandade como essa...” ser verdadeira não é tanto através da demonstração epidemiológica, mas da reflexão antropológica sobre o que experienciamos e praticamos como Planeta e como localização da morte e do sofrimento.

De mortandades e massacres nosso mundo/tempo é feito. Ainda que muitas vezes nem sequer vejamos. Mas só o tempo será capaz de dizer.

Então essa fabulação não é tanto sobre a metrópole de mortos com SARS-CoV-2 (estamos chegando nos 200.000 mortos e há previsões de 3 milhões de mortes no planeta, sem contar o ocultamento de dados e o descomunal subregistro). Ela desenha a morte matada de milhares ou milhões de *certos humanos* em que a presença do vírus será apenas um reagente, disparador ou potencializador de outras razões biossocio-políticas de mortalidade. Imaginávamos, e agora vamos sabendo mais, sobre a agudização dos enclaves localizados de morte nessa pandemia: terras indígenas, prisões, periferias urbanas, moradorxs e trabalhadorxs intensivas de rua, trabalhadorxs do cuidado e da segurança pública e privada... África⁴, Amazonas⁵. As mães e os pais dos meus alunos; minhas alunas elas próprias.

O pânico planetário não é só a morte, então. Mas o pânico de tornar-se sujeito de uma morte que não “nos” pertencia... Milão, New York. O outro lado desse pânico é a evidência de que o avanço do vírus em suas interações biossociais com os humanos (pandemia e pandemônios) está se mostrando altamente eficaz na regulação da fronteira bionecropolítica entre as duas classes fundamentais do capitalismo extrativista contemporâneo: quem morre e quem não morre. Quem deve morrer, morrerá, como já

4 Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/09/coronavirus-3-respiradores-para-5-milhoes-de-pessoas-o-drama-da-pandemia-na-africa.ghtml>. Acesso em: 24 fev. 2023.

5 Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/04/22/interna-brasil,846948/em-situacao-critica-amazonas-faz-valas-coletivas-para-mortos-por-covi.shtml>. Acesso em: 24 fev. 2023.

sugeriram as vozes mais rápidas do empresariado brasileiro e também o neo-Ministro.

Então, passadas as dezenas de milhares, as questões sobre a morte devem mudar. Estas mortes deverão ser entendidas em seus diferenciais e em relação a formas necropolíticas que atualizam; deverão ser colocadas em relação com os sistemas de trabalho, de segregação e de morte cotidiana que com insistência não geram o pânico que hoje vemos, deverão ser atravessadas por perguntas sobre persistências coloniais, e deverão ser conectadas com os sistemas de subnotificação e de distribuição geopolítica da saúde. Ou, então, simplesmente não serão compreendidas.

Quarta fabulação>> A Vida e as vidas: não apenas na morte as vidas morrem. Os óbitos com SARS-CoV-2 desenham nessa fabulação o acirramento de outras coisas, também. P. Preciado se pergunta, no melhor estilo da tradição da filosofia política-moral pós-estruturalista: “sob quais condições e de que forma a vida valeria a pena de ser vivida?”⁶

Dito de outra forma: na rua, morte; morte no hospital, e em casa?

A vida que defendemos e o mundo quando voltarmos passará pelos corpos-paredes das nossas casas. Auxílios de 600 reais mensais, salários cortados, desemprego, pouco sol, aglomeração ou solidão intensificada. A antropóloga Bia Accioly e outrxs mostraram evidências sobre “quarentena” e violência doméstica, sexual, de gênero⁷. Além de pensar em quem não tem casa, nas diversas relações entre trabalho e casa, nos milhares de modelos de casa, nas prisões, nas ocupações tradicionais do território, etc., quem clamar pelo *lockdown* total e urgente, e o “isolamento” doméstico, deve, no mínimo, lembrar em que país essas casas-corpos existem.

A quarentena brasileira terá como matéria bruta a extrema desigualdade, o sexismo, o racismo e o classismo que nos governam desde as entranhas; a absoluta desconfiança no Estado, a esquizofrênica relação com a (des)obediência e com a “liberdade”, o extremo autoritarismo e a necropolítica em que confiamos. É necessária uma troca de perspectiva. No lugar da “nossa casa”, poderíamos tomar presídios, periferias, índios, putas, moradorxs de rua, bici-boys-de-delivery e a brutal subnotificação como perspectivas e não como casos especiais e problemáticos? Poderíamos dizer: quarentena sim, mas não -nunca, jamais- governada pelo

6 Disponível em: <https://www.artforum.com/slant/the-losers-conspiracy-82586>. Acesso em: 24 fev. 2023.

7 Disponível em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/mulheres-violencia-domestica-e-a-covid-19-o-que-a-tecnologia-tem-a-ver-com-isso>. Acesso em: 24 fev. 2023.

sistema de defesa e segurança pública brasileiro. Ou, quarentena como? Com um sistema de saúde que tantos problemas tem para dar conta do racismo, do gênero, das sexualidades, corporalidades, trabalhos e farmacopolíticas divergentes como composição da sua “universalidade”? Se ainda não sabemos se o SUS dará conta, o que dizer do SUAS e dos nossos mutilados sistemas de garantia de direitos?

No momento histórico que atravessamos não precisamos que ideias de maior distanciamento social⁸, de reforço radical à individualidade dérmica e microbiológica, de vigilância digital, e do lar teo-heteropatriarcal-militar como refúgio sejam bandeira estável de qualquer ação política de defesa dos direitos e da vida. Precisamos entender que “social” não é um anexo ao evento principal da Vida, e nem um sufixo para descrever preocupações humanitaristas; precisamos entender que o público da *saúde* diz respeito à vida como uma malha social (Zoe e não apenas Bios: diriam em coro dissonante Arendt, Foucault, Agambem, Rose, Fassin) mais vasta e complexa, menos transparente, mais confusa e intrincada de dados, valores, variáveis, direitos, futuros.

Se acreditamos na fabricação das duas classes (a que morre e a que não) e no fortalecimento das suas fronteiras na pandemia, há outra ameaça que devemos pensar a sério: a adesão desesperada à domesticidade, ao higienismo ou a qualquer técnica, norma ou dispositivo de governo que prometa nos manter afastados do exercício de direito à morte que será exercido pelo novo soberano ciborgue, transubstancial, mutante e viral (>>rna+bit+\$\$\$+Nb,etali+p&m+pm+doses absurdas de ódio e imbecilidade+*.>>). Talvez seja esse um dos mais terríveis efeitos da pós-pandemia.

Quinta e última fabulação>> Porém...: somos um monstro cosmopolítico bastante furioso. Indianare (hoje com Covid-19 confirmada) tem dito: “a solidariedade ainda é o melhor remédio”⁹. A estratégia oficial é o isolamento e a domesticidade. Enquanto isso, agentes de saúde e da assistência social, trabalhadorxs do cuidado, do transporte, da segurança pública e privada, da limpeza e da alimentação devem permanecer na rua, no trânsito e nos seus postos de trabalho para garantir o *nosso* distanciamento, a *nostra* Vida...

Quando o pessoal da CasaNem ou as prostitutas do Brasil ou as mulheres

8 Disponível em: http://somatosphere.net/2020/against-social-distancing-a-call-for-social-solidarity-in-this-time-of-physical-distancing.html/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Somatosphere+%28Somatosphere%29. Acesso em: 24 fev. 2023.

9 Disponível em: <https://corona-lahybrid.wixsite.com/covid19/post/a-solidariedade-ainda-é-o-melhor-remédio>. Acesso em: 24 fev. 2023.

indígenas no rio Negro ou os solitários e desarraigados urbanos, ou as minhas alunas negras, ou xs moradorxs de rua ou de determinadas periferias urbanas dizem “não vamos morrer!”, dizem “vamos nos cuidar, galera”, as forças cosmopolíticas que se ativam não são as mesmas que quando eu, professor universitário e funcionário público, digo a mesma coisa. O mundo e o curso da pandemia agem tendo a morte delas como efeito previsível, disponível ou desejado, não a minha. O grito de guerra delas deveria ser o marco novo para qualquer ação, política e escola de saúde pública. Não o meu. A nossa aliança suprema deveria ser com esse grito, e essa aliança nova deveria ser nossa orientação para atravessar a tormenta e para refundar o mundo depois. Não a aliança com nós mesmos. O melhor remédio é, ainda, a solidariedade e a luta, a partilha do risco, como poderia dizer Juma Santos¹⁰; as formas de vida social (logo nem prolongadamente isoladas nem intensamente distanciadas) de quem já viu seu mundo acabar muitas vezes e continuou a andar.

Essas pessoas encontrarão outro mundo porque habitam outro mundo porque praticam outro mundo.

Julho de 2020

– Pós-escrito –

Sexta (contra-)fabulação

Desenho um pokemón na parede preparando o aniversário número 5 do León. Ele sente saudades dos dias infinitos no pequeno apartamento pandêmico. Foram estranhos dias de amor, de trabalho, de brincadeiras, de arte, de música, de medos mútuos sendo transformados, concentradamente e sem saber nada sobre amanhã, em lambeções e no maior cansaço que já senti na minha vida. Puro privilégio. “Pai, quando você virou professor, eu pensei que ia deixar de ser meu pai”. Virar professor, para ele, coincidiu com voltar às nossas escolas. Cada

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ez1uZltzWsY>. Acesso em: 24 fev. 2023.

um à sua. León não quer tirar a máscara na rua, tem medo do coronavírus; do meu lado, a minha capacidade de ódio pelo Mundo aumentou. Mas nada disso é sobre nós; sobre os mediocrementemente privilegiados; sobre as putas, seus filhos e seus netos; sobre os índios, sobre a galera negra, sobre as bixas trans, sobre quem trabalha mantendo o mundo em funcionamento e evitando a queda do céu.

Afinal, acabarão vários mundos antes do coronavírus nos deixar paz. E nem o coronavírus acabará com o Mundo, seguro. Afinal, enquanto tudo acontece, nossos machos lustrosos celebram a vitória. Porque é sobre isso. É sobre isso: sobre mais de 4.000 pedidos de compra para matar javalis (e defensores de direitos) e fazer “controle ambiental”¹¹. É sobre isso: desenvolvimento e defesa caminham juntos¹². É sobre isso: sobre a primeira mulher PresidentE do Senado e unir toda a direita conservadora¹³. É sobre isso: sobre fazer a indústria crescer¹⁴. É sobre isso...¹⁵

Maio de 2022

11 <https://www.taurusarmas.com.br/pt/noticias/taurus-lanca-fuzil-t4-300-mlok-no-calibre-300-blackout-mais-uma-grande-novidade-no-mercado-de-armas> <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/18/caso-dom-e-bruno-suspeitos-usaram-arma-de-caca-pericia-constata-4-tiros.htm>;

12 <https://br.sputniknews.com/20211209/venda-de-equipamentos-militares-do-brasil-bate-recorde-e-analista-afirma-ha-margem-para-crescer-20640352.html> ; <https://www.lrcadefenseconsulting.com/index.html>

13 <https://www.youtube.com/watch?v=7DtOIqIXsTk>

14 <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2021/11/19/maior-taxa-de-desmatamento-na-amazonia-em-15-anos-coincide-com-menor-numero-de-autuacoes-do-ibama-entenda.ghtml> (novembro de 2021); <https://www.nexojornal.com.br/extra/2022/05/06/Desmatamento-da-Amazônia-bate-recorde-em-abril> (abril de 2022);

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652> ; <https://piaui.folha.uol.com.br/novo-chefe-do-ibama-trabalhava-para-desmatadores/>;

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61328546>

15 <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/porto-mar/noticia/2022/05/06/meia-tonelada-de-cocaina-apreendida-na-suica-saiu-do-brasil-pelo-porto-de-santos-em-carga-de-cafe-afirma-policia-federal.ghtml> <https://www.poder360.com.br/justica/militar-trafficou-cocaina-em-aviao-da-fab-ao-menos-7-vezes-diz-pf/> <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/militar-presos-transportando-cocaina-em-aviao-da-fab-sera-julgado-nesta-terca/>

<https://www.campograndenews.com.br/brasil/cidades/preso-com-r-36-milhoes-em-cocaina-foi-expulso-da-pm-por-contrabando-de-cigarros>

A SABEDORIA DA PUREZA

Aline Ribeiro Nascimento¹



Aline Nascimento - Sabedoria da pureza.



Link: https://soundcloud.com/lappacs/audio-06-aline-nascimento-sabedoria-da-pureza?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

Uma menina de 6 anos, chamada Luana, faz uma caverna embaixo da mesa durante a quarentena. Pedre uma cobertura grande para a mãe e também solicita que ela a jogue sobre a mesa para criar uma atmosfera de isolamento. Enquanto isso vai ao quarto e pega alguns objetos que lhe dão segurança. Um ursinho, uma joaninha, um travesseiro, uma pedra mágica que ganhou da avó, um caderninho de colorir e canetinhas, uma lanterna que ganhou do pai, uma máscara e álcool gel, além, é claro, de seu cachorrinho. Entra na caverna. Brinca ali construindo um mundo de sonhos e pesadelos que ela vai gerenciando, governando junto a inúmeros heterônimos que vão surgindo. Alguns abrigos, outros monstros. Fala com eles. Dá bronca, dá gargalhadas, diz para o ursinho Pum pum passar álcool gel quando lhe pede ajuda para levar o lixo na lixeira, lembra que precisa limpar as maçanetas, de usar a máscara e depois lavá-la. Diz para a joaninha Sofia ligar para a farmácia e pedir comprimido para adormecer, porque eles precisam sonhar e para não esquecer também de pedir mais álcool gel porque estava acabando. Dá bronca em Pum pum por ter esquecido de colocar a máscara ao sair para a aventura na lixeira e diz que já já chegará a entrega da farmácia e que ele precisa ter mais atenção. Pega a joaninha, simula que ela está voando e a coloca para dizer: Pum pum está com cara de pum. Os três, Pum pum, Sofia e Luana caem na gargalhada. Luana pega a pedra mágica, a levanta acima de sua cabeça e olha para

¹ Pós-doutora em Psicologia Social (UERJ), doutora em Memória Social (UNIRIO), mestre em Psicologia (UFF).

ela, dizendo: Senhora pedra, proteja essa casa. Não deixe nenhum monstro entrar. Converse com suas amigas e peça para que fiquem todas juntas na minha porta. No mesmo instante, sua mãe está com a Tv ligada e o presidente chamado na casa de pandemônio, está dando um pronunciamento e os repórteres comentam os horrores de sua fala. Sua mãe diz: Fora pandemônio! Deixe-nos em paz! O cachorrinho chamado moleque que estava na caverna, de repente, sai correndo, atravessa o pano e Luana sai de seu universo para trazer o moleque de volta. Vê sua mãe olhando pela janela compenetrada. Não percebe que ela tinha os olhos cheios d'água. Mas, por estar ali parada e em silêncio, aquele estado de quietude chama mais a atenção da menina do que o moleque fujão. Ela olha o que a mãe olhava. Percebe que, do outro lado da rua, ao lado da ponte, na lateral do supermercado, havia uma escada que dava para a proximidade do telhado do supermercado e que começava a ser usada por alguém que, de forma improvisada, criava ali um espaço, um outro espaço. Havia um pano pendurado no corrimão da escada, havia uns tapumes de papelão que criavam uma porta e um telhado e uma parede para criar um isolamento embaixo da escada e, de repente, um homem saiu dali. A menina sorri e diz: olha, mãe, ele também fez uma caverna! Posso levar para ele uns brinquedos para lhe fazer companhia? Será que tem máscara e álcool gel? Olha mãe, saiu mais um moço. Mas aquele espaço não é pequeno demais para eles dois? Mãe, ele não saiu com máscara! Os olhos da mãe se encheram de lágrimas. Nesse momento, apareceram dois homens enormes que começaram a destruir aquele espaço improvisado. Luana foi tomada de pânico, correu para sua caverna, pegou sua pedra mágica e pediu: Senhora pedra, mãe de todas as pedras, murem essa caverna e não deixem esses homens maus assopramem ela até ela cair. Mas a casa era de papelão, e se desmontou no chão. A mãe soluçava e a menina correu e pegou a joaninha Sofia, que disse: Calma, os moços vão voltar e conseguir a ajuda da mãe pedra que virá a noite, ela me sussurrou isso. Aí os homens maus não vão conseguir mais destruírem essa casa. A mãe abraçou a filha por um longo tempo. Luana foi para sua caverna, com Sofia e a senhora pedra e o moleque. Adormeceu e sonhou com a lua. Quando acordou, já era noite, ela pegou sua lanterna e foi para a janela. Viu, então, os moços refazendo sua caverna. Voltou para seu cantinho mágico e beijou a senhora pedra.

Outono, 22 de maio de 2020.

IN-VERSUS

Anny Mota do Livramento¹

Um “novo conhecido” nos (re)apresenta um modo de vida imerso numa atmosfera que respira des-conhecimento.

Pro-move isolamento social e com-ciência que inspira ao essencial da vida.

Suspira A-MOR-te e mune uma humanidade des-unida rumo à (im)unidade.

Presente-fica reflexões e reflexos (in)certos no a-temporal de (in) formações e i-nova maneiras de com-viver.

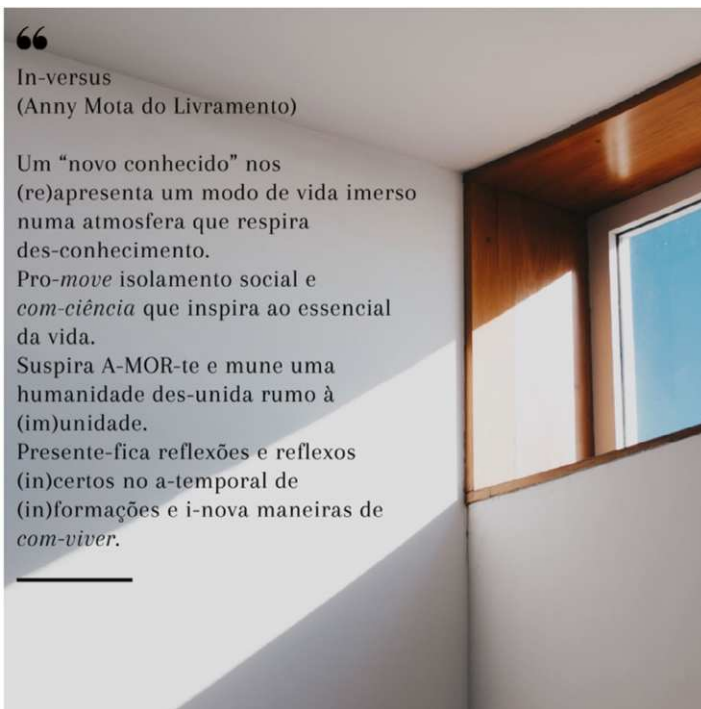


Foto: Anny Mota do Livramento - In-versus.

¹ Psicóloga, servidora pública municipal e Referência Técnica de Saúde Mental no município de Pinheiros/ES

– Pós-escrito –

Sobre-vivências a-versos...

25 março é aniversário de nascimento e morte de minha avó e madrinha Iracy. Ao amanhecer ela fechou um ciclo de 91 anos que ainda vive em mim. Na noite desse dia, foi lhe fazer companhia meu tio Pedro, seu filho e companheiro de fé e bondade. Em 5 de abril, três dias após seu aniversário, tia Mara, mulher livre e extrovertida, seguiu-lhes nessa viagem. E minha mãe acompanhou-lhes para a (v)ida eterna em 7 de abril... Celebramos sua VIDA em 15 de abril... E todos os dias, mas agora com um toque de saudade, porque ela vive em nós...

Mamãe tem o apelido de Tida entrelaçado ao seu nome de batismo Maria Aparecida. Aquela moça, essa mulher, mãe, costureira, professora, esposa, dona de casa, amiga, filha, irmã, tia, avó... É TIDA como referência de ser e viver... Eu tive o privilégio de viver meus primeiros dias de vida com ela, em seu nascimento como mãe, e tê-la comigo naqueles seus últimos momentos nesse nível da existência...

Agora seguimos juntos no amor que transcende...

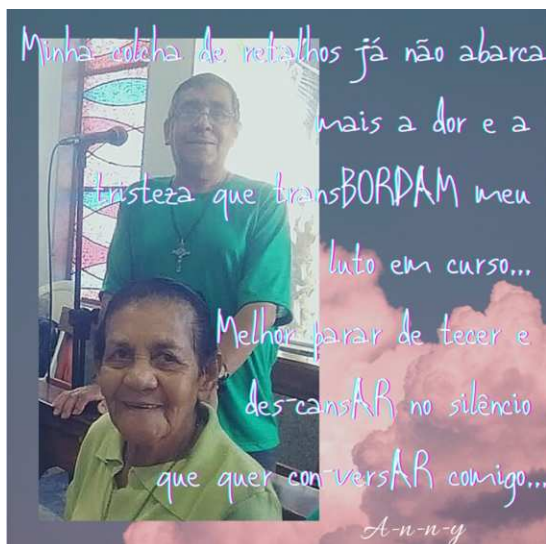


Foto: Anny Mota do Livramento - Vovó e tio Pedro.



Foto: Anny Mota do Livramento - Tia Mara.

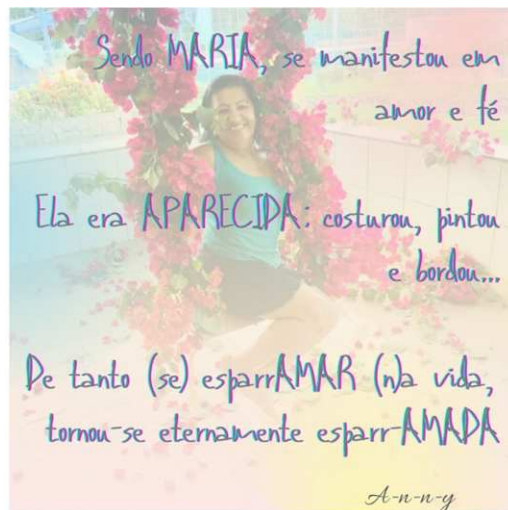


Foto: Anny Mota do Livramento - Mamãe.

PS: *In-versus* foi escrito em abril de 2020. As poesias, nas vivências de março e abril de 2021. O presente texto em abril de 2022. Inspirados nas experiências das lutas e lutos em decorrência da Covid-19.

Abril de 2022



AS INESPERADAS VIRTUDES DO CAMALEÃO

Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha¹

O objetivo desse texto é realçar as qualidades de Jair Bolsonaro, presidente do Brasil. Embora a maior parte das abordagens que conheço, quase todas de origem acadêmica, compreendam Bolsonaro como uma espécie nativa de estúpido (ou idiota) cognitivo, amante da falsidade e inimigo da razão, procurarei afirmar precisamente o contrário. Não pretendo polemizar com meus colegas de humanidades, todos já suficientemente cansados diante das diversas tensões atravessadas nos últimos anos. No entanto, devo referir apenas de passagem que essa visão que tipifica o outro (no caso, Bolsonaro), por meio de suas supostas ausências e incompletudes, compartilha da mesma baixa retórica que ajudou a produzir o etnocídio americano e a escravidão atlântica.

A mestria de nosso presidente é de natureza múltipla. É preciso estar usando lentes quebradas para não notar sua inteligência aguda e seu invejável senso de moral social. Quero dizer que alguém que chega a se tornar presidente de uma nação e consegue introduzir todo o seu clã familiar no paraíso da venalidade e do conforto que é a alta política brasileira precisa ser melhor observado. Bolsonaro soube levar todo seu clã ao paraíso terreal e lá encontrou lugar para todos, garantindo certamente até o fim da vida a subsistência material do bando. Somente por isso, já precisaríamos considerar sua inteligência como algo acima da média. Mas isso ainda seria pouco. Bolsonaro é sutil, elegante (como o elefante do circo, talvez), compreende as delicadezas que fazem parte do jogo social mais arcaico e do mais contemporâneo. Sua mestria se exerce também na capacidade de autodomínio que demonstra, na verdadeira pragmática de si mesmo que é capaz de promover a cada novo movimento. O cínico e o estoico se revezam em suas mãos agitadas.

Bolsonaro é capaz de expurgar-se de intencionalidades, livrar-se de idiossincrasias. Seu faro não faz concessões a particularismos identitários, pois visa direta e imediatamente ao real. Suas palavras e gestos são sempre o espelho

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do grupo de pesquisa ARCOE (Arte, Corpo, EnSigno).

reflexo de uma atmosfera pré-individual que não formula ideias precisas, apenas fervilha imagens difusas. Bolsonaro não chega a se comportar com a presunção de um indivíduo. Ele não chega a ter uma opinião (o que caberia a um indivíduo que faz uso de uma faculdade intelectual reflexiva, algo, todavia, criador de limites e separações). Por isso, poderíamos, de certo modo, atribuir a Bolsonaro uma alcunha notável, como “o ilimitado”. Bolsonaro passa-se por um intestino, um estômago ou, no melhor dos casos, por uma molécula que busca melhor acomodar-se aos pontos de adesão. Entenda-se que nada disso é utilizado aqui para diminuir suas qualidades, pelo contrário. Trata-se de procurar compreender a pluralidade de habilidades de um ser que percebe de modo bastante ágil e elástico as relações, muitas vezes inconfessáveis, entre o que costumamos chamar de “sociedade” e “natureza” ou, ainda, o “moral” e o “animal”. Mestre em hibridismos, cada novo pronunciamento de Bolsonaro é uma oportunidade para mostrar-se como *igual*, para *inserir-se*, *insinuar-se* no homogêneo, até mesmo *diminuir-se*. Seu estilo é criar uma ausência de estilo e deixar-se preencher pelas imagens do espontâneo.

Ao falar, Bolsonaro fala como um igual, pois não se manifesta como alguém que identifica as irracionalidades, a ingenuidade ou a árida estupidez do outro. Bolsonaro, ao contrário de muitos, é capaz de enxergar como os seus gestos produzem e modificam a noção que os outros possuem dele. Bolsonaro é um mestre do pertencimento, domina seu auditório telemático pela infalível combinação dos sentimentos de medo e familiaridade. Sabe manipular e canalizar a poderosa energia do medo, atribuir-lhe rostos variados e, em seguida, tranquilizar a todos com a lógica da esquina e a conversa de bar. Ao manipular os polos do ser e do não-ser, seu discurso é nutrido por um sentido profundo do pertencimento de todos à generalidade de um “homem comum”. Com Bolsonaro, somos todos um, farinha do mesmo saco, gente da gente. Não há margem para o mínimo gradiente de diferenciação ou para qualquer nível de atrito que produza a tensão do movimento e da diferença. Bolsonaro não precisou ler Parmênides para encarnar a própria esfericidade do Ser fixo e imóvel. Ele porta uma compreensão instintiva e imediata sobre as vigas clássicas de sustentação do edifício de nossa ciência e conhecimento. Sabe apropriar-se do acordo tácito e do ponto arquimediano arquitetados, pelo menos desde Platão e Aristóteles, entre o discurso e a figura de um homem médio (aquele que tende *naturalmente* ao bom senso e ao senso comum). O que intriga a

respeito de Bolsonaro é que ele verdadeiramente *comunica*, ele é capaz de *comunicar* diretamente com o que há de mais universal. Portanto, Bolsonaro não é o arauto do caos, como muitos também gostam de dizer. Seu pensamento não tem nada de extremo e vertiginoso. Na realidade, sua inteligência se volta diariamente para o cultivo das flores pálidas do senso comum.

Sem temer os hibridismos, Bolsonaro também possui a argúcia e a astúcia da raposa. Assim como os animais mais hábeis, sabe se dissimular e dominar para escapar (lembrem-se da fuga dos debates, coisa da política “tradicional”). Enquanto cria imagens de aparentes negociações e paradoxos (Bolsonaro não chega a *saber* o que é um paradoxo, daí sua viscosidade), sua rapidez, como uma lebre, tonteia os perseguidores. Bolsonaro domina o uso das funções mimética e cromática, a inesperada virtude do camaleão, pois sabe adequar suas cores ao ambiente (vide os usos feitos do verde-amarelismo). Bolsonaro, assim como muitos animais, entre eles os simpáticos cachorros, sabe fingir-se de morto (vide o episódio da facada). Bolsonaro é capaz, ainda, de assumir as formas de outros animais, conforme isso possa lhe trazer vantagens eventuais (vide a relação fantasmática que ele mantém, por exemplo, com Donald Trump).

Tais exemplos indicam que Bolsonaro sabe dominar os tremores da linha tênue existente entre a moralidade e a animalidade. Se o artifício clássico do discurso foi criar uma fronteira e uma separação, a partir das quais atribuiu-se ao “humano” a especificidade de um gênero (nosso narcisismo), a inesperada virtude de Bolsonaro é saber ler o *artifício*, ler e habitá-lo, a ponto de mostrar a todos, repetidamente, as múltiplas faces de um fato bruto – aquele que diz que a moral e a sociedade são apenas as imagens sofisticadas de um animal camuflado. Bolsonaro é o epifenômeno de uma situação, o escracho do intercâmbio, poucas vezes reconhecido pela inteligência crítica, entre as esferas mutuamente contaminantes da vida social e natural. No futuro, poderemos chegar a dizer que ele foi o primeiro presidente a mostrar-nos as qualidades do ciborgue, sem escondê-las hipocritamente sob o verniz empoado da civilidade. Ele anuncia a implosão das categorias lentas com as quais vinha operando a séculos o narcisismo da mente analítica – seu maior mérito é dar forma, bem diante de nossos olhos, à podridão do Antropoceno. Para falar em termos mais atuais, diríamos, por fim, que Bolsonaro é a explicitação zoonótica, o que aponta, não para a separação

entre vida nua e vida política, mas para o fervilhar nada ontológico de uma zona de zoonose. Assim, a raiva, o nojo ou o desprezo que sentimos em relação à sua figura se explica, pois ela dá rosto ao nexos que sempre tratamos de fazer desaparecer. Bolsonaro, não um mito, nem um fenômeno, mas um vetor no qual veio se alojar uma farta carga de transferência viral.

Abril de 2020



SOBRE A QUARENTENA DO PENSAMENTO

Herik Rafael de Oliveira¹

Há muito o pensamento está sob quarentena. Ao tomar negativamente a palavra mundial mais recente não quero pôr em dúvida a urgência dessa medida no enfrentamento da situação pandêmica atual, mas a quarentena é, parafraseando o biólogo Atila Itamarino (2020), uma pequena luz, uma vela, quando deveríamos ter, no mínimo, lanternas. Não temos porque há muito o pensamento está sob quarentena. Ademais, não é minha intenção apontar apenas para a quarentena imposta sobre o pensamento da qual o ostensivo cerceamento das universidades dá testemunho; é necessário perguntarmos sobre as prisões a cuja construção o pensamento se empresta e ele próprio é encarcerado. Enfim, ambos os processos se copertencem.

O decisivo é que o pensamento se pôs em contrariedade consigo mesmo. Diante da crise atual vê-se a patente debilidade que o pensamento ajudou a produzir quando nem mesmo é capaz de mostrar como é vital a quarentena. Não consegue evidenciar que a estratégia mais elementar da qual dispomos — e com baixo nível de elaboração técnica — é, dadas as condições, a exigência mais imprescindível. Porque não há esse entendimento, a exigência pela quarentena passa a depender da crença e da propaganda para assegurar o convencimento — quando, é claro, elas ainda resguardam algum vestígio de esclarecimento e compromisso com a vida humana. Vemos o oposto: a crença que não se importa em eliminar os crentes e a propaganda fazendo coro à morte. A insistência de alguns líderes religiosos em manter os cultos e as ensaiadas campanhas publicitárias contrárias ao isolamento em nome da economia dão notícia disso.

Claro deve ficar que a quarentena é, neste texto, compreendida como medida política. Não diz respeito, em primeiro lugar, ao aspecto individualista, ou seja, ao mandamento de que as pessoas fiquem em casa. Enquanto medida política, deve garantir condições materiais para que as pessoas não circulem,

¹ Psicólogo graduado pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e mestrando em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia da USP (IPUSP).

tentando, assim, reduzir o ritmo da doença e preservando ao máximo todos e cada um. A ênfase nas condições materiais implica lidar com as desigualdades objetivas. Contrapõe-se à quarentena enquanto mandamento: palavra de ordem cega para os limites reais das classes despossuídas; apelo atômico. Atômico porque aqueles que apelam se portam destrutivamente com relação aos outros julgando-os como se fossem átomos que devem se virar sozinhos; quem não pode cumprir o mandamento deve ser castigado com a peste.

O retorno da peste testemunha nosso fracasso. Não que a natureza em seu movimento deixará de irromper no mundo e sobre a vida humana, que não o resume; embora sejam fortes os indícios de que, no caso em questão, o papel das atividades humanas tenha sido decisivo na propagação da doença entre humanos. O problema está em vivermos a situação, uma vez mais, como peste. Se um dia foram verdadeiras as pestes — e o que faz duvidar não é a falta de testemunhos de desgraças tais nem a subestimação de que houve e há forças letais à vida humana, que de fragilidade é toda feita, e sim, por esses momentos terem encontrado o aumento de sua força mais em uma organização do mundo sob o signo da dominação do que de um princípio interno —, pois bem, se um dia foram verdadeiras as pestes enquanto arrebatamento da natureza, tudo o que fizemos como obra da civilização e da cultura deveria, neste momento, nos colocar em uma posição outra diante do impasse, mas não. Encontramos aqui, fixada, a dialética do esclarecimento tal como Horkheimer e Adorno (1944, 1985) leem o processo histórico de conhecimento e busca por emancipação.

Daí o irracional de dispormos apenas de velas quando já podíamos ter lanternas. O avanço da racionalidade técnica falha e continua a nos manter no escuro sendo ele mesmo a condição para iluminar. Sua vinculação ao poder, sua conversão em instrumento da dominação da natureza e de uns sobre os outros, precisa do escuro para manter o domínio. Alienados dos avanços que a racionalidade técnica produziu, somos mantidos reféns. Sem o que esses avanços poderiam proporcionar, por medo de perder a vida, é que se arrisca a vida: por medo de não ter onde morar, por medo de não ter o que comer — pois não há garantia disso — cada um se vê, não sem racionalidade, compelido a deixar a quarentena. Aí está a crueldade da quarentena enquanto mandamento: pôr contra quem já vive um medo fundo, o medo do contágio e a culpa por contagiar. O mais pressionado é quem já está mais vulnerável.

A quarentena do pensar, seu confinamento voluntário no sítio da dominação, sustenta a indignidade humana ao não confrontar a quarentena no que tem de verdade e mentira. Ela é verdadeira em sua premência. Porém, sua defesa não pode deixar de encarar a falsidade contida no evidente anacronismo. Cabe confrontar a indisponibilidade de recursos mais efetivos no combate decorrente da falta de interesse das indústrias, do conluio da política com essa, e dos preços que aumentam exponencialmente quanto mais cresce a necessidade geral dos insumos para os cuidados.

Se tudo isso é mantido com ativa participação do pensar, a resposta não é, como se poderia pensar, deitar fora o pensamento nem a racionalidade técnica. Trata-se de recobrar a exigência de que ele tome a si mesmo como objeto, ou seja, pensar o pensamento e seus usos. É para isso que apontam Horkheimer e Adorno (1944, 1985): a autoconsciência. Que o pensamento se saiba em quarentena é requisito para superar o estado de coisas e impõe, antes de tudo, reconhecer o alheamento dos fins humanos mais racionais e mais sensíveis e considerar como esse alheamento foi levado aos limites onde já chegou e nos quais reincide. O tempo solicitado por essa tarefa histórica é, por certo, maior do que o tempo que aqueles que podem ficarão em suas casas, mas há muito o pensamento está em quarentena, há muito ele já pode se libertar dela e se aliar à libertação de todos.

Em um texto tardio de Adorno (1969, 2009), chamado, na versão de língua espanhola, *Resignación*, o autor diz o que aqui se traduz livremente: “Quem está trancado quer sair desesperadamente. Nessas situações já não se pensa, se sim, o faz com pressupostos fictícios” (p. 709). Daí retiramos que nas quarentenas, seja aquela com que nos protegemos da Covid-19, seja a quarentena do pensamento, não tomemos por saída aquilo que é só o aprofundamento da prisão, um dos sinais das saídas falsas é a sugestão de abandonar o pensamento.

Abril de 2022

Referências

- ADORNO, T. W. (2009). Resignación. *In*: ADORNO, T. W., **Crítica de la cultura y sociedad II** (J. N. Pérez, trad., v. 2, n. 10, p. 707-711). (Coleção Th. W. Adorno Obra Completa). Madrid: Ediciones Akal, 2009 (Trabalho original publicado em 1969).
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. O conceito de esclarecimento. *In*: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W., *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (G. A. Almeida, trad., p. 19-82). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985 (Obra original publicada em 1944).
- IAMARINO, A. Roda Viva: Atila Iamarino. Entrevista concedida à jornalista Vera Magalhães no programa Roda Viva da TV Cultura. **TV Cultura**, São Paulo, em 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/s00BzYazxvU>. Acesso em: 24 fev. 2023.

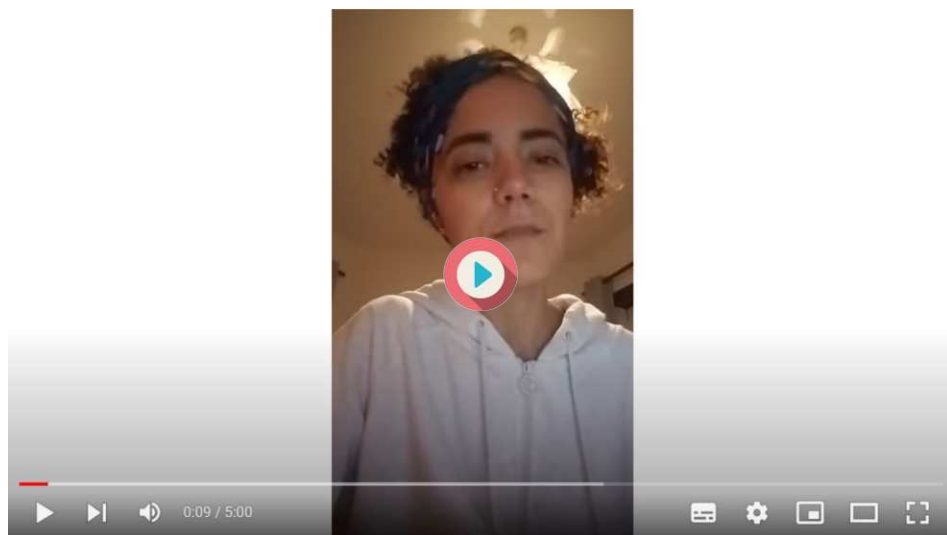


EMBALOS PANDÊMICOS DE UM SÁBADO À NOITE

Tuliola Almeida de Souza Lima¹



Embalos pandêmicos de um sábado à noite



Link: <https://youtu.be/5HV6LQuKEp8>

Transcrição do vídeo:

[Ao fundo escutamos canção Sodade de Cesária Évora (1992)]

Aproveito este período fértil pra defender o abandono da lógica mercantilista pra vida, pra dança, pra arte, pra ciência, pras relações amorosas, pro trabalho na área da saúde, para a militância... visando a oxigenação dos movimentos sociais, e que eles brotem - esperando que eles brotem das nossas entranhas coletivas.

¹ Doutora em psicologia pela PUC-MG. Dançarina e professora de dança. Autora do Projeto Occupy Belly Dance. Militante antimanicomial e anticapitalista. Professora no curso de especialização em saúde mental na PUC-MG. Em busca de raízes através do diálogo com cosmologias dos povos originários do Brasil.

Num artigo de opinião, recente, a Maristella Svampa (2020), que é uma socióloga argentina, disse assim: as crises, não podemos esquecer, também geram processos de liberação cognitiva, a qual faz possível a transformação da consciência dos potenciais afetados. Isto é, faz possível superar o fatalismo ou inação. E torna viável e possível aquilo que há pouco era inimaginável. Isto supõe entender que a sorte não está lançada. Que existem oportunidades para uma ação transformadora no meio do desastre. O pior que poderia ocorrer é que fiquemos em casa, convencidos de que as cartas estão marcadas e que isso nos leve à inação ou à paralisia. Pensando que de nada serve tratar de pensar em influenciar os processos políticos e sociais que se abrem, assim como influenciar nas agendas públicas que se estão instalando. O pior que poderia acontecer é que, como sair da crise sistêmica, produzida pela emergência sanitária, se aprofunde o desastre dentro do desastre, como afirma a feminista Taylor, recuperando também o conceito de Naomi Klein de capitalismo do desastre. Então, diz a Svampa (2020), devemos partir da ideia de que estamos em uma situação extraordinária, de crise sistêmica, e que o horizonte civilizatório não está fechado e ainda está em disputa. As bases de uma nova linguagem devem ser a instalação de um paradigma da assistência como um quadro sócio-cognitivo e a implantação de um grande pacto ecossocial e econômico – em escala nacional e global. E ela defende, então, a incorporação do feminismo como política de Estado.

São muitos os (as) autores (as) que têm abordado essa articulação entre a justiça social, a justiça ambiental e a justiça racial. E assim, ninguém diz que será fácil - mas também não é impossível. Ela propõe então que a gente consiga reconciliar com a natureza, reconstruir com ela e conosco um vínculo de vida, e não de destruição (SVAMPA, 2020).

[a canção de fundo se interrompe]

Bem, essa é a Maristella Svampa. É engraçado também a gente pensar, nesse contexto dessa pandemia, num outro trabalho que foi publicado pela n-1, na Pandemia Crítica. E esse autor fala que a humanidade ainda não tinha se dado conta de que a gente não tinha sido capaz de se instalar na nossa própria existência (texto anônimo, 2020). E que tudo tinha se tornado tão eficaz que já nada fazia sentido. Bem... agora,

então, estamos num momento em que a gente percebe que a injustiça deste mundo nunca mais será tão flagrante (texto anônimo, 2020). E assim o Vírus faz um apelo ao retorno da atenção. Ao fim da negligência: nossa com nós mesmos (as). E aqui a gente vê a proposição de um gesto que nos acompanha nessa quarentena.

[de pé, iniciando uma dança enquanto toca a canção seguinte]

“Hoje não tem boca pra se beijar
Não tem alma pra se lavar
Não tem vida pra se viver
Mas tem dinheiro pra se contar
De terno e gravata teu pai agradar
Levar tua filha pro mundo perder
É o céu da boca do inferno esperando você
É o céu da boca do inferno esperando
“Hoje não tem boca pra se beijar
Não tem alma pra se lavar
Não tem vida pra se viver
Mas tem dinheiro pra se contar
De terno e gravata teu pai agradar
Levar o teu filho pro mundo perder
É o céu da boca do inferno esperando você
É o céu da boca do inferno esperando
“Uma bola pra chutar, país pra afundar” (ESQUIVA...CRIOLO, 2014).

[a câmera fica abandonada, mirando uma luz que se apaga]

Créditos:

Criação e filmagem: Tuliola Lima

Músicas:

Sodade - Cesaria Évora

Esquiva da Esgrima – Criolo

Referências

CRIOLO (compositor/interprete). Esquiva da esgrima. *In*: Criolo. Convoque seu Buda. São Paulo: Oloko Records, 2014. 1 CD, faixa 2.

CABRAL, A.; MORAIS, L. (compositores); Évora, C. (intérprete). Sodade. *In*: Évora, C. Miss Perfumado. Paris: Lusafrica, 1992. 1 CD, faixa 1.

SVAMPA, M. Reflexiones para un mundo post-coronavirus. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, abr. 2020. Disponível em: <https://www.nuso.org/articulo/reflexiones-para-un-mundo-postcoronavirus/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

[texto anônimo]. **Monólogo do vírus**. São Paulo: n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/24>. Acesso em: 24 abr. 2020.

Abril de 2020



O “CORONA” E A FÊNIX: UM GOLPE TRAUMÁTICO AO CAPITALISMO?

Marcela de Andrade Gomes¹

Temos vivido tempos difíceis, não que antes estivéssemos em um contexto idílico; mas não há como negar que o “coronavírus”- expressão agora tão corriqueira- tem alterado substancialmente nossa economia, política e vidas singulares. De tempos em tempos, a humanidade é colapsada por algum fenômeno que a transforma, desloca, precariza e extermina. Certamente o “corona-vírus” será um destes fenômenos; depois dele, a humanidade não será a mesma. Corona... tempo de espera, incerteza, ansiedade, medo, pânico, rompimentos, lutos, afastamentos, violências... ou seja, as múltiplas formas de lidar e expressar a angústia humana.

O que será que podemos apreender com esta atual crise humanitária? A serviço de quem ou o quê este colapso se coloca em marcha? Qual uso podemos fazer desta pandemia? Colapso; isolamento; pânico; suspensão; serviços; essenciais; saúde; Estado; Governo; máscara; álcool... são significantes que nos atravessam cotidianamente por meio dos diversos meios de comunicação que nos invadem sistematicamente.

Aposto na palavra “paradoxo” para tentar caracterizar esta experiência coletiva: o paradoxo é aquilo que não tem solução; é quando os opostos coexistem. Se, por um lado, estamos vivenciando um empobrecimento maciço da população, um desemprego em massa, entrando em uma profunda e longa recessão econômica e nos deparando com cenas apocalípticas de caixões enfileirados nos noticiários - ao menos, até o presente momento em que escrevo este texto-; por outro, o ar está mais limpo, animais e plantas reconquistam seu direito de existir livremente em seus habitats, estamos (re)desenvolvendo formas de relação mais comunitárias, coletivas e afetivas.

¹ Psicóloga, psicanalista, mestre e doutora em psicologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, onde atualmente atua como docente na área “Psicologia Social e Cultura”, na linha de pesquisa “Psicanálise, Política e Cultura”. Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Migrações, Psicologia e Cultura” (NEMPsiC); líder do grupo de pesquisa (CNPQ) “Psicologia, cultura e saúde mental”. Membro da EDIQ (Équipe de recherche en partenariat sur la diversité culturelle l’immigration dans la région de Québec).

Evidente que este paradoxo não é simplório assim. A depender da classe social, gênero, raça, etnia e território da qual pertencemos, a situação de vulnerabilidade social e sofrimento psicológico serão substancialmente distintas. Não há dúvidas que este colapso é muito mais brutal e violador dos direitos humanos para as camadas empobrecidas: majoritariamente negra, que possivelmente estão experienciando o racismo de forma muito mais acentuada; mulheres que vêm suas jornadas de trabalho doméstico e as desigualdades de gênero neste contexto se acirram; indígenas e quilombolas que possuem mais dificuldades de acessar o SUS; e imigrantes que, além das dificuldades de acessar as políticas públicas, sentem a xenofobia e negligência de Estado de forma ainda mais intensa neste contexto- Ouvimos alguma ação destinada aos imigrantes e refugiados desde que foi anunciada a medida de isolamento no Brasil?

Desastre e tristeza também há de sobra para a população encarcerada e em situação de rua que, ao ouvir “#fiqueemcasa”, soa como algo quase delirante. Além destes efeitos econômicos e sociais que, notoriamente, vêm intensificando o histórico processo de violação de direitos para alguns segmentos sociais, muitos de nós temos nos deparado com uma experiência quase inédita neste acelerado e conectado chamado mundo “pós-moderno”: um contato intenso e permanente consigo mesmo, com seus familiares e vizinhos. Uma jornada onde temos a radicalidade da experiência de estar com nós mesmos, nossas “escolhas”, nossas relações e modos de vida.

Para quem está podendo vivenciar a quarentena (entendida aqui como um direito e não um privilégio, e, como os demais direitos humanos, extremamente violados pelo Estado brasileiro), possivelmente está sentindo uma mudança substancial em nossa forma de se relacionar com o outro e consigo mesmo. Se o capitalismo nos empurrava de forma incansável para o aceleração, produção, trabalho, dinheiro, consumismo e espaço público, o “corona vírus”, por outro lado, tem nos empurrado para a esfera privada, nos isolando e nos dando tempo - artigo de luxo para o nosso patológico mundo “pós-moderno”.

A fênix é um animal da mitologia grega que morre por conta de sua própria autocombustão e depois renasce; das cinzas faz outra coisa e toma as asas para voar e viver outras vidas. O “coronavírus” tem nos colocado de uma forma visceral frente à dialética vida e morte. Tragicamente temos visto decisões

de Estado que nos empurram para a morte com intuito de não “quebrar” - outro significante bastante presente nos tempos atuais - a economia.

Ao mesmo tempo que o Estado nos empuxa para a vala comum da história, nunca escutamos a população e dirigentes públicos falarem tanto do “CRAS” e dos programas de transferência de renda de forma tão íntima e prestigiosa - como testemunha e pesquisadora do intenso e importante trabalho realizado por colegas profissionais no SUAS, me emociono com esta mudança.

Além disso, temos presenciado o giro que o significante “Ciência” tomou nestes últimos dias; do descrédito e rechaço à aposta de encontrar saídas e alternativas para este trágico cenário. O “corona vírus” tem nos mostrado a necropolítica inerente ao capitalismo; a coadunação entre o autoritarismo e neoliberalismo nos chamados Estados modernos; a sobreposição do mercado à vida humana e planetária; a nossa precariedade enquanto seres humanos e o fato de algumas vidas serem mais passíveis de luto do que outras; o fortalecimento das narrativas fascistas que sobrevivem por meio de uma gramática discursiva que acalma os nossos fantasmas singulares e coletivos.

Neste contexto de desigualdades sociais, violência de Estado e pedido desesperador do sistema capitalista para se salvar desta crise, estamos morrendo. Alguns mais e outros menos, mas estamos morrendo. Que esta experiência mortífera, a qual nos convoca o “coronavírus”, venha nos ensinar a fazer golpes no sistema e em nós mesmos; que consigamos colocar em suspensão um modo pragmático, veloz, produtivo, narcísico, destruidor e consumista. Ainda que a vida coletiva seja por condição sempre desigual, conflituosa e sofredora, que façamos outra coisa com ela do que estamos fazendo nos últimos séculos. Que o “coronavírus” nos mostre o quanto necessitamos do outro e do meio ambiente, o quanto somos precários, dependentes e o quanto ainda há por se viver. Que este colapso nos tire do isolamento antropocêntrico e egoístico; que o pânico nos dê princípio de realidade de que nós e o planeta somos mortais; que o Estado se estruture menos na lógica do “álcool e máscara” e mais no investimento em ciência, infraestrutura e políticas públicas; que a saúde e a vida seja, de fato, um direito de todos/as; que aprendamos o que é, afinal, o que há de mais essencial em nossas vidas. A isso, cabe a cada um sua(s) resposta(s). Quando a morte cruza nossas esquinas a todo momento, é hora de se pensar em qual vida e sociedade queremos viver.

Abril de 2020

– Pós-escrito –

Ao reler este texto hoje, dois anos após a produção desta escrita, vejo quanta coisa permanece e quanta coisa mudou desde este momento. Este texto publicado em julho de 2020 é visceral e transmite um relato de experiência vivido no início da pandemia onde ainda estávamos perplexos, perdidos, assustados e atordoados com este vírus invisível e que ganhou um poder maciço de forma tão abrupta e violenta.

Hoje, após 2 anos em que vivemos a pandemia, estes sentimentos se modificaram: passamos a naturalizar as internações, os isolamentos e até mesmo as mortes. Está sendo necessário acionar este mecanismo de defesa- a negação e a naturalização- para continuarmos (sobre)vivendo neste mundo caótico. A experiência da pandemia hoje está bastante diferente: temos mais conhecimento sobre o funcionamento e consequências do contágio deste vírus; temos vacinas; temos diversas pesquisas científicas em andamento e concluídas com dados que nos ajudam a enfrentar esta e futuras pandemias; criamos estratégias para viver os constantes e aparentemente eternos “lockdowns”.

Tristemente, o que ainda permanece igual ao que vivemos em 2020 é a forma com que o Estado brasileiro tem se posicionado diante desta crise humanitária: negligente; irresponsável; negacionista e anti-democrático. A crise provocada pelo “novo corona vírus” - de ordem sanitária e humanitária - se somou à crise política no Brasil. O sofrimento do povo brasileiro é de ordem psicológica e política: além das perdas e mortes de quase 660 mil pessoas no Brasil - que muitas delas poderiam ter sido evitadas se tivéssemos um Estado comprometido com os direitos humanos – a população brasileira voltou para o cenário de extrema pobreza, fome e desemprego. A violência policial contra as pessoas negras e periféricas; a violência doméstica e o número de pessoas que precisaram buscar as ruas como fonte de moradia, se intensificaram de forma assustadora. Juntamente a isso, temos presenciado a corrupção no esquema de vacinas; a liberação da grilagem e devastação na floresta Amazônica e a guerra contra os povos indígenas.

Nunca foi fácil ser brasileiro/a; mas neste momento está especialmente difícil e doloroso. Enquanto psicóloga e psicanalista, meu trabalho para colaborar no enfrentamento da pandemia, tem sido ofertar o apoio psicológico às pessoas em situação

de vulnerabilidades- especialmente os imigrantes/refugiados; crianças e adolescentes de uma favela e pessoas em situação de rua- todos/as da região de Florianópolis-SC.

Como afirmei em um texto publicado mais recentemente intitulado “Pandemia, Direitos Humanos e violência de Estado: a aposta no dispositivo clínico-político como um ato de resistência e de afirmação da vida”, quando vivemos um estado similar ao da guerra e a de um genocídio, escutar e testemunhar histórias de vidas singulares atravessadas por perdas, lutos, mortes, violações de direitos e traumas, tornou-se, ainda mais, um ato de resistência e de afirmação de toda e qualquer vida humana. Que esta crise política, psicológica, sanitária e social nos traga reflexões e aprendizagens nos acompanhando nas urnas eleitorais neste presente ano. Que esta crise nos traga o novo, a luta, a mutação, a renovação, as melhorias, as criações, novos lampejos de existência singular e coletiva. Como diz o ditado da filosofia Taoísta: “sempre a primavera; mas nunca as mesmas flores”.

Março de 2022

Referências

- BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social (PNAS) / Norma Operacional Básica (NOB/SUAS)**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2004.
- BUTLER, J. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- FREUD, S. **Por que há guerra?** São Paulo: Companhia das letras, 1932/2010.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1996.
- GOMES, M. A. Pandemia, Direitos Humanos e violência de Estado: a aposta no dispositivo clínico-político como um ato de resistência e de afirmação da vida. *In*: SOUZA, M. (Org.). **Desigualdade, diferença, política**: análises interdisciplinares em tempos de pandemias. Curitiba: Appris, 2021.
- KHEL, M. R. Tortura e sintoma social. *In*: TELLES, E.; SAFATLE, V. (Orgs.). **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, p. 237-252, 2010.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. Arte & Ensaios, v. 32, p. 123-151, 2016.
- RANCIÈRE, J. **El ódio a la democracia**. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.
- SAFATLE, V. Do uso da violência contra o estado ilegal. *In*: TELLES, E.; SAFATLE, V. (Orgs.). **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, p. 237-252, 2010.

O VÍRUS É UM UNIVERSO

Aline Ribeiro Nascimento¹



Aline Nascimento - O virus eh um universo poesia.



Link: https://soundcloud.com/lappacs/audio-07-aline-nascimento-o-virus-eh-um-universo-poesia?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

Sim

O vírus é um universo

Que espalha seus versos

Aos ouvidos atentos a sua melodia

Faz de um dia, uma eternidade

Faz da eternidade, para alguns, uma prisão

Para outros, a liberdade

Faz da cidade, espaço da natureza

Que sorri pela ausência do toque humano em suas entranhas.

O vírus é uma façanha

Uma brincadeira da vida

Que elimina nossos caprichos demasiadamente humanos

Em encontrar felicidade nas coisas

Mostra nossa inutilidade, nossa futilidade, nossa imaturidade

Para lidar com o simples.

O vírus ataca a capacidade de respirar

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia e Doutora em Memória Social

E nos faz voltar ao lar, para lá encontrar o respiro.

O vírus nos impede de circular
Para que a natureza circule.

O vírus nos coloca diante do que realmente nos tornamos
Sem a maquiagem do progresso
Derrete as ilusões.

Para alguns,
tira o sorriso do caminho
Para outros,
faz brotar o amor ao mundo
O vírus afasta o banal
E agrega o essencial.

O vírus pode ser o peso mais pesado
Como também a loucura santa que nasce da desrazão.

O vírus coloca um Não
Ali onde vive um pensamento anão
Tira os fiés da prisão do templo
E os fazem contemplar o céu
Agora mais azul posto que sem poluentes
E também os (e nos) coloca diante de nós mesmos
Sem intermediação alguma, como um convite de espiritualização.

O vírus possibilitou a terra tremer menos
E, rindo alto, nos faz tremer.

O vírus coloca um Não
No governo da vida pelas mãos de um mercado invisível, mas manipulado
por mãos humanas

Ele, também invisível, quebra as correntes que pareciam sólidas
E nos aprisionavam num eterno agora consumidor.

O vírus coloca um ponto de corte
Entre o que fomos e o que podemos vir a ser
O vírus é um devir mediante
Que sacode tudo que se tornou entediante e estressante para a terra
O vírus é a última cartada amorosa da vida
Para que nos reinventemos.

5 de abril de 2020



TRABALHAR O SUBSTANTIVO

Nathalia Silveira Rech¹



Trabalhar o Substantivo - Nathalia Silveira Rech. Vídeo feito em casa, em abril, durante a quarentena.



Link: <https://youtu.be/gNuMRqckEQU>

Tentativa de tirar palavra dos objetos. Coisas de abrir memória. Rua para a casa.

Madeira. Pau. Moinho. Asa.

Madeira defumada, moinho macio.

Filé de figueira.

Caixinha de moinhos, presente de 1986.

Deu-te um sopro

fazenda de ar no bolso.

¹ Graduada em jornalismo, possui mestrado em Comunicação e Semiótica, com estudo sobre biopoesia a partir da obra de Eduardo Kac. Integra o Grupo de Estudos e Ações e Poesia e o Grupo de Pesquisa Extremidades: redes audiovisuais, cinema, performance e arte contemporânea.

Teu prato favorito: ainda.
lábios falcados.
Atrito contra o tempo: desejo.

Raio. pedra. Vulcão. Lava.
Raio extenso, vulcão tricotado.
Pão queimado.
Levar na cama, a praia, o aquário.
Grampear a tarde na duração.
Teu país: um trabalho íntimo.
Ver de perto a ferida aberta.
Sombra esticada,
Dos teus cinco anos.

Boca. Caça. Corpo. Folhagem.
Boca veloz, corpo no olho.
Vogal zunindo.
Viagem ao norte, dois anos atrás.
Rir: resvalar no acrobata no ar.
Contra os fusos horários
Cheiro de pêssego.

Metal. Soco. Braço. Escudo.
Metal celeste, braço caduco.
Tentativa gripada.
Diário escrito na repetição.
Sombra esticada,
teus cinco anos.
Peixe secando no divã.
Um riso: resvalar no acrobata.

Cabo. Onda. Espaço. Silício.
Cabo arterial, espaço temperado.

Presença na falta.
Mapas de caber nos dedos.
Contra os fusos horários,
Cheiro de pêssego.
Um cidade: lembrança arada.

Navio. Lente. Estrela. Deserto.
Navio milenar, estrela falante.
Sussurro cumprido.
Pentear os cabelos de agosto.
Artimanha de recados,
Salva-vidas do invisível
Intuição: sílaba tônica
das tardes não enceladas.

Peito. Cama. Pulso. Pista.
Peito circense. Pulso palestrante.
Teus avos como notícia.
Álbum de fotos do acaso.
Encontro urgente, um
Arrepio entre.
Troco paciência por milhas.

Voz. Elétron. Vácuo. Som.
Voz cozinheira, vácuo doce.
Conchavo com a pele.
Canção de fazer esquinas.
Perfume na camisa
Acorda peripécias
vitalícias.

Uma prece, silêncio.
Trabalhar o substantivo por dentro.



PRECISAMOS NOS REINVENTAR COMO ESPÉCIE OU SEREMOS EXTINTOS - ENTREVISTA COM JOHANN HEYSS

Tatia Rangel
Frederico Machado
Equipe editorial AntropoLÓGICAS Epidêmicas.

Com mais de 30 anos de carreira, Johann Heyss é escritor, tradutor e músico, com um longo currículo de lançamentos. Recentemente trocou o Brasil pelo Uruguai. Contato: jheyss@gmail.com



Foto: Johan Heyss.

P. Você se divide entre diversas profissões, escritor, tradutor, músico, professor de inglês... Qual destas ocupações tem te ajudado mais a enfrentar este período tão desgastante de isolamento?

A música, sem dúvida, porque através dela eu me desligo do mundo concreto ao redor. Curiosamente, eu já vinha produzindo discos para serem lançados neste ano, e lancei três; Acquaviva (solo), Fluxos e fragmentos (com George Christian) e Vol. 1 (com Alexandre Nakandakari), e com eles, quatro videoclipes. Mas agora estou voltando o foco para uma tradução que estou finalizando para a Presságio Editora, que é a mesma que já deveria ter lançado a Trilogia Thelema (dedicada a Aleister Crowley), mas quando os livros estavam prestes a ser impressos, a gráfica (muito acertadamente) deu férias coletivas aos funcionários. Além disso, também estou trabalhando em um romance e um livro de contos.



Johann Heyss + Alexandre Nakandakari vol. 01



Link: [AUDIO Bandcamp](#)

P. Como a pandemia tem impactado seus campos de atuação?

De início tudo foi cancelado ou postergado, como citei acima no caso da trilogia de livros. Muitos alunos tiveram de cancelar aulas por total falta de grana, houve um impacto. Mas percebo que as coisas estão lentamente voltando a se “normalizar”, mas é preciso levar em conta que eu dou aulas (de inglês, português, numerologia ou tarô) e consultas online já faz sete anos, e tradutor normalmente trabalha em casa mesmo. Já faz quase vinte anos que essa é minha rotina, de modo que nesse sentido o impacto foi quase nenhum. E como já trabalho online há tantos anos, tenho mais experiência do que a maioria nisso que agora chamam de “nova normalidade”. Mas uma coisa é trabalhar em casa o dia inteiro e sair de noite para dar uma volta, ou durante o dia ir malhar na academia. Outra coisa é passar o tempo todo dentro de casa. Se para mim, que estou habituado, dá para sentir um impacto, faço ideia de quem não está acostumado a viver enclausurado.

P. Você tem alguma leitura sobre o que estamos vivendo com essa pandemia através da numerologia?

2020 é um número totalmente líquido, sem raízes, representa dissolução, o que sugere um momento de grande humildade ou mesmo humilhação coletiva, já que o ego está totalmente destruído neste número -- o que é péssimo, aliás; fujo de quem vem com papinho de “deixe seu ego lá fora”. Essa gente sabe o que é ego, qual a função dele na personalidade? São psicanalistas? Porque não demonizam também o id e o superego? (Rsrtrs) Mas voltando ao 2020, a simbologia do número também indica que não haverá saída pela mera força bruta, é preciso convergência, cooperação e cumplicidade, do contrário, nada feito. Eu gravei um vídeo sobre esse assunto chamado “2020, coronavírus e a numerologia” que está no meu canal do You Tube (onde há playlists de vídeos musicais, de falas sobre esoterismo, veganismo e literatura).

P. A numerologia e o tarô são saberes não legitimados pela ciência ocidental. Como você concilia estes dois campos de saberes por vezes são divergentes?

O papel do esoterismo não é negar a ciência, mas oferecer métodos intuitivos e lúdicos de conhecimento que normalmente antecipam a ciência como a entendemos. Assim foi com a astrologia que originou a astronomia, por exemplo. Estudiosos de magia e esoterismo já diziam há milênios “assim em cima como embaixo”, e hoje sabemos que a estrutura da célula e do sistema solar são análogos. Crowley dizia “todo homem e toda mulher é uma estrela”, e hoje sabemos que somos feitos do mesmo material dos astros.

P. Hoje vemos um negacionismo em relação à ciência, que é muito diferente do esoterismo, e as vezes toma ares ideológicos próximos do delírio. Como você analisa este fenômeno?

É assustador. Como disse acima, o esoterismo não nega a ciência. Esoterismo não é ciência, assim como música não é ciência, e não há nada de errado nisso. Os saberes esotéricos buscam caminhos lúdicos e simbólicos para a compreensão dos seres e eventos, logo, são linguagens, não são ciência e não são religião. Isso confunde muita gente. Quem nega a ciência devia ser proibido de tomar avião, rsrsrsrs.

P. Quais impactos tem sentido na sua vida com a pandemia?

Sinto uma enorme angústia com o fim anunciado das metrópoles. Eu adoro o conceito de metrópole no sentido de reunir muita gente diferente. Adoro São Paulo, Nova York, Amsterdam, Berlim, e acho de uma tristeza desesperadora saber que, do jeito que foram projetadas, todas as metrópoles são insustentáveis. O século 20 era um sonho bonito e excitante, mas tóxico, como uma overdose. Precisamos nos reinventar como espécie ou seremos extintos. A Terra não precisa de nós, a natureza não precisa de nós, é o contrário.



Johan Heyss.

P. Como está sendo no Uruguai? Como é a vida aí? (Políticas, saúde)

Amo o Uruguai, foi paixão à primeira vista. Montevideo é uma cidade pequena, mas muito variada, cada bairro tem um clima, um jeito diferente. Os uruguaios são, de longe, o povo mais amoroso e receptivo que já conheci -- e não posso reclamar dos americanos, holandeses e alemães, tenho grande amigos nos EUA, na Holanda e na Alemanha. Claro que o Uruguai não é nenhuma utopia e o povo não é composto de santos, mas aqui a solidariedade é bem mais forte e marcante do que já vivenciei em qualquer outro lugar. A esquerda ficou no poder por 15 anos e transformou o país no mais avançado das Américas

em termos de políticas sociais e liberdades individuais. No ano passado pude comprovar isso quando tive crises de asma e tiver de ir à emergência de hospital público várias vezes, e fui muito mais bem tratado em termos técnicos e humanos do que jamais fui no Brasil, mesmo com plano de saúde particular. Infelizmente elegeram um candidato de direita, Lacalle Pou, pelo qual confesso não morrer de amores. No entanto, a direita uruguaia parece mais a esquerda brasileira em vários aspectos. Por exemplo, no Dia Internacional das Mulheres, a vice-presidenta Beatriz Argimón marchou junto com as feministas, como já vinha fazendo antes de ser eleita. Alguém consegue imaginar uma presidenta ou vice-presidenta brasileira, seja de esquerda ou de direita, marchando lado a lado com as feministas? O próprio Lacalle Pou, apesar de ser contra a venda de maconha pelo Estado em farmácias, é a favor da manutenção da legalização do cultivo caseiro e dos clubes de cannabis para quem não quiser cultivar. Alguém imagina um político de direita brasileira apoiando a legalização da maconha em casa e a venda em clubes?

P. Como você avalia a resposta que o Brasil tem dado à pandemia, em comparação com o Uruguai?

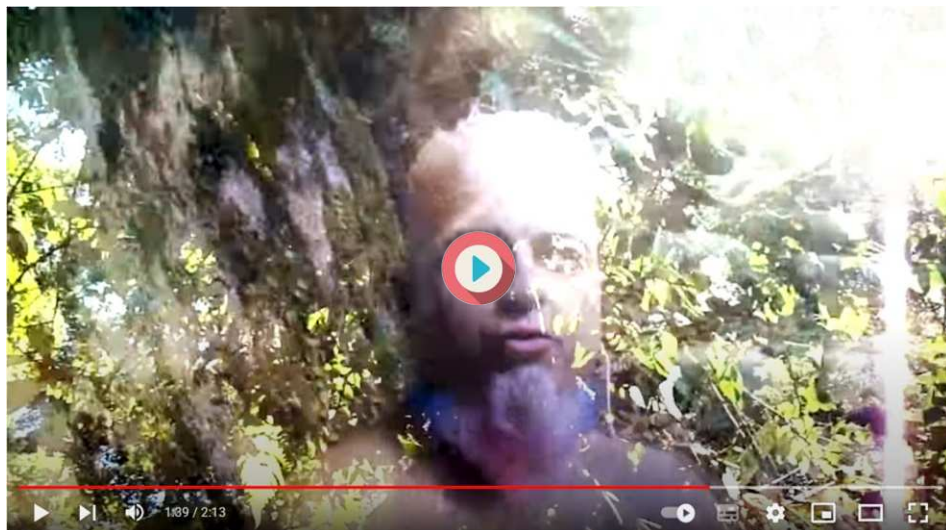
Aqui as pessoas não estão muito preocupadas, não. Existe, infelizmente, um negacionismo forte aqui também. É um fenômeno mundial. Mas nada que chegue perto do horror, do assombro, do escárnio e do genocídio em curso no Brasil.

P. Como imagina que será a retomada da vida? Das relações? Das artes?

Pergunta difícil de responder. A literatura e a música não serão tão afetadas, mas a dramaturgia... Não sei como vai se dar a produção teatral, cinematográfica, televisiva. É preocupante, digo isso como consumidor dessas artes. As últimas vezes que saí para consumir arte foram um espetáculo de dança da Deborah Colker (O cão sem plumas) e o filme Coringa. Não sei se será possível juntar pessoas em um cinema ou teatro tão cedo, não quero ser pessimista, mas confesso que a perspectiva de isso não ser mais possível é bastante estranha.



Ongetemd / Johann Heyss



Link:[VIDEO Youtube 2](#)

P. O que você pretende fazer assim que a vida voltar ao normal? Se é que podemos usar esta palavra...

Sair caminhando pelas ruas da cidade sem essa maldita máscara que me sufoca e me enlouquece já vai ser bom demais.

P. Gostaria de deixar alguma mensagem para nossos leitores em relação ao momento que vivemos?

Quem puder, ofereça ajuda a quem precisa. Sejam solidários. Usem a maldita máscara ao sair na rua. Tenham álcool-gel na bolsa ou bolso. Destruam o fascismo. Aceitem as desculpas de bolsonaristas arrependidos, mas não confiem nessa gente, eles vão querer botar o Luciano Huck ou o João Dória na presidência. Fortaleçam a esquerda: parem com as picuinhas entre diferentes linhas de esquerda. Parem de consumir produtos animais, a origem desta pandemia e de outros vírus está diretamente ligada ao consumo de proteína animal e ao desmatamento (ver a Declaração de Cambridge de 2012 sobre a sciência dos animais divulgada pelos maiores neurocientistas da atualidade e os escritos de Jane Goodall). Fortaleçam o

comércio local, especialmente pequenos lojistas. Poderia acrescentar muita coisa, mas acho que basicamente é isso.



Demian's Kiss / Johann Heyss



Link: [VIDEO Youtube 3](#)

Saiba mais:

Como escreve Johann Heyss - <https://comoouescrevo.com/johann-heyss/>

Johann Heyss on Spotify - <https://open.spotify.com/artist/1iQU6w9tV52V9ElHhqlS>

Para comprar o livro “Crianças do Abismo” -> <https://kotter.com.br/loja/2522> ou o livro “Águas Rubis” -> <https://www.editorapatua.com.br/produto/46919/as-aguas-rubis-de-johann-heyss>



Johan Heyss.

Maio de 2022



POSFÁCIO

DE UM NOVO VÍRUS E SUAS IMPOSIÇÕES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DA VERTIGEM-19

Ricardo Burg Ceccim¹

Um vírus mortal e de poder mundial: o que ele fez imaginar? Que políticas ele fez emergir? Que políticas de vírus ele fez imaginar? Que políticas de vírus emergiram? Um novo vírus com poder pandêmico: que imaginários são ou foram disparados? De tudo, uma palavra de ordem foi ativada: a morte. Quem tolera a morte? Quem controla a morte? Quais mortes são ou devem ser “administradas”? Administradas com quais medidas e por quem ou por quais instituições? O que compete ao setor da saúde, ao setor da educação, ao setor da cultura e aos setores econômicos? Mortes são evitáveis, inevitáveis, memoráveis, esquecíveis, inesquecíveis, toleráveis, intoleráveis? Uma conduta de controle epidemiológico perturbou quase todos os recursos subjetivos: “fique em casa!”

Com um pouco de cada uma dessas perguntas se compôs o livro de registros aqui assinalado como **Imaginação Político-Viral**, decorrente das “**antropOLÓGICAS EPIDÊMICAS: diários de uma epidemia**”², portal criado para recolher registros (auto)etnográficos. O livro, aqui nessas páginas, finaliza, inventando seu difícil desfecho. Não colocando uma conclusão, mas convidando um posfácio, isto é, efetuando a passagem por um leitor. Assim, termina com aquilo que vem depois, a leitura do livro e já com uma conversa despertada pelo livro.

O livro é uma ação da empreitada de incentivo ao compartilhamento de momentos vividos durante a pandemia de Covid-19, numa espécie de campo magnético da antropologia social e psicologia política, não deixando desperdiçar registros vividos por falta de um local para o seu acervo inteligente. Antes o

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é doutor em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e pós-doutor em antropologia médica pela Universidade de Tarragona, é professor titular de Educação em Saúde e trabalha com educação e ensino da saúde, é pesquisador do CNPq e orientador de pesquisa nas Universidades Federais do Rio Grande do Norte e Rural do Semiárido.

2 Ver e empolgar-se em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/blog> (IMAGINAÇÃO político-viral)

contrário: enviem-nos as notas sobre aquilo que lhes passa, sobre aquilo que se passa onde sua experiência de vida e vertigem transcorre. Podiam ser submetidas às **antropoLÓGICAS epidêmicas** análises, interpretações e experimentações em diversas modalidades (textuais, visuais, sonoras), desde que registros da “imaginação político-viral”. O livro agora vem como prestação de serviço da área de humanidades a uma história cultural do presente, histórias do vivido/experimentado/sentido durante a pandemia, sendo portador de textos, imagens e *enlaces* que remetem para áudios, vídeos, imagens, textos, performances e páginas na Internet.

A aba intitulada imaginação político-viral nas **antropoLÓGICAS epidêmicas** destinava-se ao registro dos mundos possíveis – imaginários ou reais – presentificados pelo que atravessávamos na maior pandemia do mundo contemporâneo e ao que compunha nosso então pensar-sentir-querer. O editorial perguntava: que cenários e ideias são projetados por um momento cuja força se imprime em todos os aspectos de nossa vida? Risco de morte, necessidade de manter distância física, imposição ao ficar em casa, notícias contínuas de óbito (pelo telefone, por e-mail, pelas comunicações instantâneas do smartfone, pelo bater na porta, pelo rádio, pela televisão e pela web).

Depois dos escritos e dos pós-escritos das várias escritas, Imaginação Político-Viral finda suas páginas aqui. O posfácio vem rematar de mais um pós-escrito o livro. Seu último pós-escrito. Livro com psicologia, sociologia, antropologia, educação, poéticas visuais e sonoras, dança e música, vida de apartamento, janela-janela-janela e o-que-se-via-de-cada-janela. O pós-escrito vem na época do recrudescimento da pandemia. Já estamos em dezembro de 2022. Foi em dezembro de 2019 que uma vertigem se insurgiu. Durante quase três anos estivemos todos com a vida por um triz, estivemos diante do susto e da surpresa: Covid-19 para o pessoal da saúde pública e das ciências biológicas, vertigem-19 para o pessoal das humanidades e das ciências antropológicas.

Da vertigem-19 números e mais números de mortes, cemitérios lotados, falta de leitos de hospital, falta de oxigênio para pessoas internadas, colapso de pulmões e corações, desconhecimento da fisiopatologia e da farmacoterapia em uma doença recém surgida. Contaminados, reinfecção de contaminados, não tocar, não visitar, não abraçar, não aglomerar, não comparecer em lugar algum ao vivo... Na vertigem-19 todos aqueles que precisavam estar ao vivo em certos tipos de encontro –

hospitais, tele-entregas, setores de abastecimento, cuidadores, condutores de meios de transporte, trabalhadores de serviços essenciais – o pânico de ser contaminado e/ou de contaminar as pessoas de suas casas, seus filhos, seus cônjuges...

A percepção vertiginosa era a de estarmos, como humanidade, por um fio, a descoberta penosa de que a vida pode ser muito frágil, pode ser roubada, pode ser extirpada. Para alguns (indivíduos, famílias, grupos sociais, coletivos urbanos, coletivos por necessidades especiais de sobrevivência) a vida à beira do abismo, as mortes a cada dia provocando sensação de medo. O medo como novo habitante em nós. A Covid-19 trouxe a vertigem-19, um desabamento, um desamparo, a vizinhança com a morte, a ausência do contato físico entre idosos e crianças, os espaços físicos de escolas, shows, bares e restaurantes fechados. Por quanto tempo? Ainda mais? Mais? O tempo se desagrega, não existem mais os marcadores: a hora do rush, o tempo entre casa e escola, o tempo entre casa e trabalho, a hora do recreio, a hora do almoço, vestir-se às pressas para não perder a hora...

Então, no presente livro encontramos uma caverna embaixo da mesa; crianças em casa; DJs, lojistas, pessoal dos bares e restaurantes, organizadores de festas e shows sem trabalho; o tempo das grávidas; o tempo das mulheres com filhos pequenos; as supermães; os superprofessores; os superalunos, as novas vidas de um longo dentro de casa, a necessidade da janela. Encontramos o isolamento social, o isolamento físico, as máscaras, a arte ou a terapia ocupacional, as políticas da vida ou de saúde coletiva, a numerologia e o tarô. Claro: as mortes!

Será que o destino de tantas vivências poderia ser o esquecimento? Quando e qual esquecimento é razão para viver? Quando e qual memória é razão para viver? O esquecimento pode ser o desapareço com o *vivido antes* para um *viver aqui-e-agora* com as intensidades do agora, mas não pode ser a anulação da memória, como uma política de morte da história pregressa ou como uma política de morte da história em ato para que qualquer presença ativa nos rumos do mundo seja daqueles com poder de gestão das políticas da vida que não nós mesmos.

As **antropOLÓGICAS epidêmicas** e o presente livro tomaram as duas providências: margem ao esquecimento da dor para que ela não incidisse insistentemente sobre o presente e nos paralisasse, permitindo que administrássemos seus efeitos ao escrever e compartilhar, permitindo, assim, mantermos nosso poder de agir, e margem ao não esquecimento da dor para

que as vivências intensivas não fossem desperdiçadas de informação às gerações que se seguem, aos momentos que se sucedem, aos clamores por uma política de afirmação da vida – no momento e no futuro.

Ferreira Gullar (2017) fala em vertigem e tradução:

*Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.*

*Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.*

*Traduzir uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?*

Quando apreendo, no presente livro, os sentidos da Imaginação Político-Viral me recordo de uma dissertação de mestrado em Educação que orientei e para a qual emprestei um texto de janeiro de 2022, inspirado na obra “Inumeráveis”, de Edson Pavoni³. A arte, tão reivindicada como o conforto a que recorreram todos os confinados de apartamento, também viveu a vertigem-19. Os artistas a viveram em si mesmos, como abalo subjetivo, econômico e relativo às mortes em família, também como sentinelas afetivos do comportamento do mundo. A partir da pandemia, artistas tomaram memórias e experiências da Covid-19 e da vertigem-19. Trago de volta o texto ou suas ideias como minha conversa com o livro.

Em janeiro de 2022, em meio a tantas mortes e às insensibilidades de tantos governos, um artista brasileiro, Edson Pavoni, criou a obra memorial Inumeráveis, tendo em vista distanciar o tempo dos *números de morte* para o tempo das *histórias de vida*, um modo de não deixar que *projetos de vida* se tornassem *números de morte*. Foi assim que iniciei aquele texto. Disse Edson Pavoni: “não há

3 Ver e empolgar-se em: <https://inumeraveis.com.br/>

quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”. Entabulou uma obra em perfeito paralelo com as **antropoLÓGICAS epidêmicas**. Apenas que em lugar da coleta de (auto)etnografias, coletava (mini)biografias, em lugar de narrativas da aflição, biografemas populares. Para a coleta de tais biografemas criou uma obra artística em forma de plataforma digital. Além de plataformas digitais, o artista se expressa por meio de instalações, arquitetura e outras mídias como a fotografia e a poesia. O site do artista o apresenta como “um artista e tecnologista pesquisando e propondo novos imaginários para a ideia de conexão”⁴.

Como memorial, Inumeráveis chamava atenção para as vidas perdidas na pandemia. As notícias na imprensa vinham como uma necrologia, todo dia um boletim de mortos, números e mais números. Ligava-se a televisão e o rádio ou acessava-se a Internet para acesso ao obituário atualizado. O risco era de um acostumar-se com aquelas mortes, como se inevitáveis, mas as mortes não se distribuíam igualmente, morriam os idosos, morriam os pobres, morriam os profissionais de saúde, morriam aqueles que não puderam parar de trabalhar, morriam aqueles submetidos à infodemia demoníaca, que informava notícias falsas e duvidosas, morriam aqueles usados velada ou sorrateiramente em apostas com medicamentos *off label* e expectativas com a imunidade de rebanho, morriam aqueles sob tratamentos imunossupressores e os moradores de rua. Como em uma necrologia diária, vinham os números e os gráficos de números.

Pavoni decide, como os antropólogos sociais em **antropoLÓGICAS epidêmicas**, por ensejar outra imaginação político-viral. Artista já experiente em criar novos imaginários, se propõe à imaginação de políticas das vidas humanas e seus biografemas, oposto da necrologia e seus obituários. Não numerar o inumerável, nomear a todos e com cada nome. Não estatística, biografemas. Com a obra “The White Mirror”, de 2017, o artista já tinha tido o vislumbre de criar novos imaginários para o tema da simpatia, celebrando “o momento de conexão entre as subjetividades de cada indivíduo e o poder desses encontros para criar o novo”. The White Mirror é

[...] um mural com 22 metros de comprimento, aparentemente analógico, que se revela digital e dinâmico com a presença dos passantes. A presença de uma pessoa no espaço é projetada como uma grande criatura feita de

4 Para mais informações, consultar: <https://edsonpavoni.art>

uma massa de luz com quase 4 metros de altura que segue a pessoa por toda a extensão da instalação. Cada pessoa é seguida por uma nova criatura com formas, cores e comportamentos diferentes. Quando duas criaturas *se tocam*, ambas se expandem e celebram a *conexão*. O toque é sentido em toda a extensão luminosa da instalação, como se todo o espaço tivesse sido concebido para esse momento (PAVONI, 2017 – grifo nosso).

A obra, uma instalação, “discute o potencial transformador de reconhecer e sobrepor as nossas diferenças como indivíduos para coletivamente criar um futuro que rompe com o estabelecido” (PAVONI, 2017). A instalação conta com uma apresentação permanente e aberta à visitação na sede do Nubank, zona oeste da cidade de São Paulo (PAVONI, 2017).

Em sua primeira obra sobre conexões, “Primeiro Sentido”, Pavoni se reporta ao *toque*. Trata-se de uma série fotográfica inacabada em que o artista pesquisa “as respostas humanas ao toque e a qualidade das conexões que nascem deste ato” (PAVONI, 2017). Em 2013, o *toque* ganhou versão com tecnologia e o artista propôs uma nova forma de conexão: “e se você pudesse sentir o toque de alguém do outro lado do mundo?”. A nova obra, “A Place to Departure”, criava uma ponte sensorial entre Beijing e São Paulo. Diz o artista: “quando uma pessoa tocava o vidro da instalação em Beijing e outra tocava o vidro em São Paulo no mesmo lugar e ao mesmo tempo as duas sentiam fisicamente que tinham se tocado”. Elas experimentavam uma **sensação vibrátil** proporcionada pela obra. O artista tecnologista explica que o “toque é o nosso primeiro sentido, é o primeiro que desenvolvemos no ventre materno e desde então nossa principal ferramenta humana de conexão” (PAVONI, 2014).

Com o memorial “Inumeráveis”, de 2020, Pavoni informa que “histórias penetram os corações em lugares onde as estatísticas não alcançam”. A obra foi criada em colaboração com Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani e Jonathan Querubina, além de inúmeros jornalistas e voluntários que adicionaram nomes e histórias de vida ao memorial criado para nominar as vítimas da Covid-19 no Brasil.

O projeto artístico do memorial Inumeráveis não se esgota na plataforma digital, prolonga-se pelo projeto de uma instalação a céu aberto em São Paulo, em que o artista insiste nas conexões, nas sensações, no toque e no *encontro*.

O *encontro* como *saúde e cura*, o *encontro* como *educação e aprendizado*, assim se depreende do projeto artístico que ele propõe quando planifica a instalação (PAVONI, 2020). A força *afetiva* da proposta mobilizou outros artistas.

Com base na obra *Inumeráveis*, o poeta cearense Bráulio Bessa (2020) escreveu uma poesia mediante extrações do Memorial, e o compositor paraibano Chico César (2020) ritmou com métrica que se ajusta à prosódia nordestina uma melodia, usando a poesia como letra. A canção igualmente se chama “*Inumeráveis*”. Diz o refrão, repetido seis vezes: “Se números frios não *tocam* a gente/Espero que nomes possam *tocar*” (CÉSAR, 2020, grifos nossos). Na composição de Chico César a partir do poema de Bráulio Bessa, a letra percorre um nominário que contempla as 25 letras do alfabeto. Em um recorte intencional, encontramos professores, pessoas com deficiência, profissionais de saúde:

*André Cavalcante era professor
amigo de todos e pai do Pedrinho
[...]
Elaine Cristina, grande paratleta
fez três faculdades e ganhou medalhas
[...]
Gastão Dias Junior, pessoa discreta
na pediatria escolheu se doar
[...]
Margarida Veras amava ensinar
era professora bondosa e presente
[...]
Pasqual Stefano dentista, pintor
Curtia cinema, mais um sonhador
Que na pandemia parou de sonhar
[...].*

Dos leitores dessas *Imaginações Político-Virais* esperamos uma ampliação de seu corpo e do nosso, que nos toquemos, que nos afetemos por políticas de afirmação da vida. Quem sabe alcançamos juntos nossos quatro metros de altura, como no “*espelho branco*” de Pavoni. Do encontro e sua expansão, convocar dizeres e reunir pedaços fragmentados em potências de afirmação. Posso repetir agora, como *imaginação político-viral*, o produto de uma pesquisa sobre as

professoras *inumeráveis* da educação especial atuando durante a pandemia, publicado com Rosimere da Rosa Correa e Audrei Lehdermann Silveira: “para a solidão, a solidariedade; para o risco em saúde mental, a amizade; para as perdas e ganhos, inéditos viáveis” (CECCIM; CORREA; SILVEIRA, 2022, p. 499).

O presente livro veio das inquietações de Vi Grunvald, Handerson Joseph, Frederico Viana Machado e Nathália dos Santos Silva, corpos intensos e tão presentes na Covid-19, reuniram memórias e experiências. Produziram um painel (auto)etnográfico entre espontâneo e convocado, inovando em ciências antropológicas em coerência com a vertigem-19.

São muitas as discursividades abertas pela pandemia do novo coronavírus. Cotidiano, trabalho, relações pessoais e sociais, nossa interação, mobilidade, valores individuais e coletivos, noções de soberania, de verdade. Tudo, de alguma maneira, é contaminado pela Covid-19 (GRUNVALD et al. 2020, s.p.).

Nossos antropólogos sociais na vertigem-19 registraram, mas deve-se lembrar o que dizem: “o intenso fluxo de produção (áudio)visual humorística também constrói discursividades e enquadramentos a partir dos quais percebemos a realidade do nosso corona-caos de cada dia”. Um esquecer como um “rir um pouco de nossas próprias mazelas” (palavras deles). Um não esquecer como um “se não formos nós a contar, perdemos a expressão de nosso pensar-sentir-querer, sendo representados por aqueles que resolverem contar sobre nós, o que já será o seu modo de perceber-nos, não a nossa expressão” (palavras minhas).

Como diz Índio Behn⁵, comediante gaúcho que na pandemia desenvolveu a personagem Dra. Rosângela, psicoterapeuta que atende pelo celular e dá conselhos nas redes sociais para o reencontro da paz interior: gratidão, gratiluz, gratidão! Sim, o humor também foi uma imaginação político-viral.

Novembro de 2022

5 Indico uma das primeiras aparições da personagem quando o bordão ainda não estava consolidado. Hoje ela trata seus supostos seguidores como “gratilovers”. Todo o crescimento da personagem foi na pandemia. BEHN, Índio. Dra. Rosângela traz dicas de saúde mental na #Quarentena. Publicado pelo Vlog da Dra. Rosângela [S.l.: s.n.], 2020. 1 vídeo (1min46s). Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/indio.behn/videos/dr-rosangela/195574981896538/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

Referências

- BESSA, B. **Inumeráveis**: poema dedicado às vítimas de da covid-19. Publicado pelo canal Bráulio Bessa. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (3min46s). Disponível em: <https://youtu.be/dGm5NU7AKsQ>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- CECCIM, R. B.; CORREA, R. da R.; SILVEIRA, A. L. Educação, saúde e processos inclusivos: o compromisso-com no Atendimento Educacional Especializado em uma “costura de narrativa”. **Saúde em Redes**, v. 8, n. 2, p. 483-503, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2022v8n2p483-503>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- CÉSAR, C. **Chico César – Inumeráveis** (Bráulio Bessa). Publicado pelo canal Chico César. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (6min45s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xTKk6N6h5vA>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- GULLAR, F. Tradução. In: GULLAR, F. **Na vertigem do dia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 30-31. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14130.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- GRUNVALD, V. et al. (eds). Quem somos. **antrolÓGICAS epidêmicas**: diários de uma pandemia. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/quem-somos>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- PAVONI, E. **A place to departure**. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://edsonpavoni.art>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- PAVONI, E. **The white mirror**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://edsonpavoni.art>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- PAVONI, E. **Memorial inumeráveis**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://edsonpavoni.art>. Acesso em: 16 jan. 2022.



SOBRE OS AUTORES

Adriano Henrique Caetano. Sociólogo, consultor em HIV/AIDS e pesquisador do Departamento de Saúde Coletiva (UFRGS).

Aline Ribeiro Nascimento. Psicóloga, Mestre em Psicologia e Doutora em Memória Social

Anderson Almeida. Poeta. Graduado em Letras pela UFMG.

André Luis Leite. Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia, pesquisador visitante no Programa de Educação Urbana da Universidade da Cidade de Nova Iorque.

Angícia Mourão. Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS – UECE), aluna de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS – UFRGS), integrante da rede de pesquisadores Observatório das Nacionalidades (UECE), integrante do Grupo de Antropologia da Economia e da Política (GAEP – UFRGS) e experimentadora da política de cortes no financiamento público à pesquisa científica empreendida no Brasil, em particular por meio da CAPES.

Anny Mota do Livramento. Psicóloga, servidora pública municipal e Referência Técnica de Saúde Mental no município de Pinheiros/ES

Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza. Doutora em Humanidades pelo Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Terapeuta Ocupacional e Professora Temporária do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP campus capital

Daniel Albinati. É produtor musical e DJ, um dos nomes por trás da conhecida banda de música eletrônica Digitaria, iniciada em Belo Horizonte no ano de 2004. Desde 2013 vive em Barcelona e atualmente se dedica também ao seu projeto solo, Daniel Watts, e ao selo Clash Lion Records.

Débora Rocha Carvalho. Psicóloga graduada pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Mestranda em Psicologia e Políticas Públicas - (UFC/Campus Sobral). Especialista em Saúde da Família e Comunidade na modalidade de residência multiprofissional pela Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP-CE) (deboradrc@gmail.com).

Elaine Müller. Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) da UFPE. Mãe de Lourenço (11 anos) Francisco (10) e Magnólia (7) - idades em abril de 2020. Outro fenômeno que aconteceu durante a pandemia foi ver o filho mais velho adolecer e se tornar um rapaz de 1,82m aos 13 anos.

Eliane Regina Pereira. Psicóloga, Doutora em Psicologia pela UFSC, Professora do Instituto de Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia. Mãe do Pedro de 10 anos, aluno do 6º ano do ensino fundamental.

Emerson Giumbelli. Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992), mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995 e 2000). Foi co-editor da revista *Religião e Sociedade* (2003-2021). Dedicar-se à Teoria Antropológica, Antropologia da Religião e Antropologia da Modernidade, atuando principalmente nos seguintes temas: religião e modernidade, símbolos religiosos e espaços públicos, laicidade.

Felipe Figueiredo. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP e membro do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas (VISURB).

Frederico Viana Machado. Doutor em Psicologia pela UFMG e Professor do Bacharelado e do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da UFRG. Coordenador do Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde. Editor Associado da Revista Saúde em Redes.

Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do grupo de pesquisa ARCOE (Arte, Corpo, EnSigno).

Guilherme Shimocomaqui. Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos com estágio sanduíche no Instituto de Saúde Global da Universidade da Califórnia, São Francisco. Mestre em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Atuou como sanitarista na Coordenação de HIV/Aids e Atenção Primária da Secretaria Estadual de Saúde e na Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Atualmente é docente e especialista de projetos no Hospital Israelita Albert Einstein.

Handerson Joseph. Doutor em Antropologia Social pela UFRJ e Professor do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS

Herik Rafael de Oliveira. Psicólogo graduado pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e mestrando em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia da USP (IPUSP).

Itala Daniela. Doutoranda e Mestra em Psicologia Clínica (PPGPSI-UNICAP). Psicóloga e Supervisora Clínica (Lírios Centro de Psicologia).

Johann Heyss. Com mais de 30 anos de carreira, Johann Heyss é escritor, tradutor e músico, com um longo currículo de lançamentos. Recentemente trocou o Brasil pelo Uruguai. Contato: jheyss@gmail.com

José Miguel Nieto Olivar. Professor da Faculdade de Saúde Pública/USP

Marcela de Andrade Gomes. Psicóloga, psicanalista, mestre e doutora em psicologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, onde atualmente atua como docente na área “Psicologia Social e Cultura”, na linha de pesquisa “Psicanálise, Política e Cultura”. Coordenadora do Núcleo

de Estudos sobre Migrações, Psicologia e Cultura” (NEMPsiC); líder do grupo de pesquisa (CNPQ) “Psicologia, cultura e saúde mental”. Membro da EDIQ (Équipe de recherche en partenariat sur la diversité culturelle l’immigration dans la région de Québec).

Marcelo Schellini. Doutor em Poéticas Visuais pela ECA - USP. Mestre em Estudos da Cultura Visual pela Universidade de Barcelona. Atualmente professor de fotografia e desenho gráfico na VIT University Vellore - Índia. Contato: marcelo.schellini@vit.ac.in

Mathew Rodrigues. Jornalista-ativista-queer, editor associado da plataforma TheBody/TheBodyPro.

May East. Educadora anglo-brasileira, planejadora espacial, cantora e compositora e artista. hoje é internacionalmente reconhecida por seu trabalho como ambientalista e ativista pelos direitos humanos, tornando-se umas das lideranças da ONG Gaia Education. Na década de 1980, integrou a conhecida banda Gang 90 e Absurdettes, que emplacou alguns sucessos nas FMs brasileiras, e lançou três discos solos cultuados por audiófilos mais antenados. Em seguida mudou-se para a Europa, tendo vivido muitos anos na conhecida Ecovila de Findhorn. Coursou um mestrado em planificação territorial estudando como regenerar cidades fantasmas no sul da Itália. Atualmente está cursando seu doutorado em planejamento espacial, urbanismo e arquitetura.

Nathália dos Santos Silva. Mestre em Comunicação Social da UFRGS e doutoranda em Antropologia Social na UFRGS

Nathalia Silveira Rech. Graduada em jornalismo, possui mestrado em Comunicação e Semiótica, com estudo sobre biopoesia a partir da obra de Eduardo Kac. Integra o Grupo de Estudos e Ações e Poesia e o Grupo de Pesquisa Extremidades: redes audiovisuais, cinema, performance e arte contemporânea.

Rafael F. A. Bezzon. Cientista Social, Professor e Pesquisador. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), pesquisador

do Núcleo de Antropologia da Imagem e da Performance – NAIP (CNPq / UNESP), e professor para as disciplinas de Antropologia, História e Sociologia.

Raquel Guilherme de Lima. Professora do departamento de sociologia e metodologia das ciências sociais da Universidade Federal Fluminense e Dra. em sociologia pelo Iesp-UERJ. Trabalha principalmente com seguintes temas: desigualdades sociais, educação, trabalho e trajetórias.

Ricardo Burg Ceccim. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é doutor em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e pós-doutor em antropologia médica pela Universidade de Tarragona, é professor titular de Educação em Saúde e trabalha com educação e ensino da saúde, é pesquisador do CNPq e orientador de pesquisa nas Universidades Federais do Rio Grande do Norte e Rural do Semiárido.

Rosamaria Carneiro. Departamento de Saúde Coletiva UnB. Contato: rosagiatti@yahoo.com.br

Suiá Omim. Poeta, antropóloga, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Tátia Rangel. Psicóloga, Psicomotricista, Mestre e Doutoranda em Psicologia (UFF).

Thiago Luz. Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Licenciado em Ciências Sociais (UFRGS). Pós graduando em Supervisão Educacional (UNILASALLE). Integrante do Grupo de Estudos em Educação e Transgressão (GEETRANS/UFRGS). Integrante da Rede Covid-19 Humanidades MCTI.

Tulíola Almeida de Souza Lima. Doutora em psicologia pela PUC-MG. Dançarina e professora de dança. Autora do Projeto Occupy Belly Dance. Militante antimanicomial e anticapitalista. Professora no curso de especialização em saúde mental na PUC-MG. Em busca de raízes através do diálogo com cosmologias dos povos originários do Brasil.

Vi Grunvald. Doutora em Antropologia Social pela USP e Professora do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS

Vítor Queiroz. Professor adjunto do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. Coordenador do Núcleo de Estudos da Religião (NER) e integrante do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT). Dedicar-se ao estudo dos seguintes temas: mitos, arte, patrimônio, memória, território e questões étnico-raciais. É mestre em História Social pela Universidade Estadual de Campinas e doutor em Antropologia Social pela mesma universidade.

Vitor Rocha de Araújo. Autor no entre lugares: entre campos do saber, entre ar e terra, entre sensibilidade e desprezo, entre ceticismo e fé.

Wagner Schwartz. Após a sua formação em letras, Wagner Miranda Schwartz participa de grupos de pesquisa e experimentação coreográfica na América do Sul e na Europa. Atua como escritor e performer, tendo recebido diversos prêmios.

Publicações da Editora Rede UNIDA

Séries:

Rádio-Livros em Defesa do SUS e das Saúdes
Ética em pesquisa
Participação Social e Políticas Públicas
Pensamento Negro Descolonial
Mediações Tecnológicas em Educação e Saúde
Educação Popular & Saúde
Saúde Mental Coletiva
Atenção Básica e Educação na Saúde
Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde
Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde
Saúde & Amazônia
Saúde Coletiva e Cooperação Internacional
Vivências em Educação na Saúde
Clássicos da Saúde Coletiva
Cadernos da Saúde Coletiva
Saúde, Ambiente e Interdisciplinaridade
Conhecimento em movimento
Arte Popular, Cultura e Poesia
Economia da Saúde e Desenvolvimento Econômico
Branco Vivo
Saúde em imagens
Outros

Periódicos:

Revista Saúde em Redes
Revista Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia



FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

www.redeunida.org.br



ISBN 978-65-5462-044-4



9 786554 162044